

Maria Angelina Enoque

A mulher que lidera a oposição

Destaque PÁGINA 16-17



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - Dhlakama

O nosso pai da democracia diz de viva voz que vai inviabilizar as eleições. O certo é que ele é que ficará inviabilizado.

MURAL DO POVO - Atenção Governo de Gaza

É certo que o povo deste território ainda precisa de apoio para se refazer das cheias. Mas, o mais importante, é dizer na TVM que acções projecta para evitar que as cheias 2013/14 façam estragos. A título gratuito posso vir assessorar o processo de feitura de efluentes, domagem da água e bunquer aquático.

MURAL DO POVO - Chefe do quartelão moderno

Queremos um chefe de quartelão que não seja de algum partido. Chefe de quartelão

que domine informática, facebook e outros meios de comunicação modernos. Que saiba tratar criminosos, lixo, e resolva o problema de poças de água quando chove.

MURAL DO POVO - Frelimo

Saibam(os) que antes de a Frelimo nascer o povo já existia. A Frelimo vai morrer e o povo vai continuar. Foi assim com todos os imperadores.

MURAL DO POVO - Alcinda Abreu

Alcinda Abreu e o seu Ministério da Coordenação da Acção Ambiental têm lugar garantido na lista de xiconhocas e xiconhoques pois nada fazem para evitar que as pessoas tratem o lixo de qualquer maneira ou que o queimem nos seus quintais provocando alteração da camada de ozono. Aplicando multas daria boa receita.

MURAL DO POVO - Natação

Com os dinheiros utilizados na multiplicação de instituições desportivas reabilitem as piscinas dos bairros. Daí sairão os campeões do mundo.

MURAL DO POVO - Moçambique campeão só em 2020

À semelhança do que disse para o CAN 2023, Moçambique só será campeão do mundo se acarinhar, construir escolas, dar alimentação condigna e habitação. Não viciar o menino vindo do BEBEC por integrá-lo em clubes. Eles que formem o seu clube ganhador. Essa tarefa é de Fernando Sumbana e o seu staff.

MURAL DO POVO - Quem mata a cultura é o Governo de Guebuza

No orçamento do Ministério da Cultura não

vem nenhum capítulo de atribuição de fundos aos artistas para fazerem o seu trabalho. Porém, há uma multiplicidade de instituições aparentemente ligadas à cultura que consomem valores astronómicos.

MURAL DO POVO - Urinóis gratuitos

Enquanto o Governo não providenciar urinóis gratuitos, nós, os cidadãos honestos, vamos passar a andar com garrafas plásticas amarradas ao cinto.

MURAL DO POVO - Incineradoras

Reciclem papel, plástico. Utilizem os "Sete Milhões" para limpar as cidades. Saúde é o melhor retorno.

MURAL DO POVO - Semana da bicicleta

E se o Governo instituisse a semana da bicicleta? É benéfico e não cria engarrafamentos.



O drama de ser médico público em Moçambique

Sociedade PÁGINA 05



"Estamos a construir ilhas de desenvolvimento"

Democracia PÁGINA 10

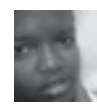


Está aí a 1ª semana de cinema africano

Plateia PÁGINA 27



@TheRealWizzy:
Pobre Codade de Maputo, chove por 15min e já estamos encharcados #Maputo #AltoMae #Chuvas #cc @verdademz <http://t.co/L09vqpEp4>



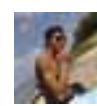
@kakichaquice: "@verdademz: Mais um violador sexual detido em Gaza sul #Moçambique <http://t.co/iVc2npvokg>" que seja espancado ate a morte !! Ntlha



@InelcioNegraoo: "@verdademz: CIDADÃO Antonio REPORTA: No Museu de Historia Natural, em #Maputo, desapareceram os chifres dos 3 rinocerontes expostos" hahaha



@NelsonCarvalho: @Verdademz #Nampula, a menor violada sexualmente por oito malfeitores no interior da sua residência no bairro de #Muatala teve alta



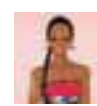
@hassan_jassat: @verdademz hoje voo da lam pra jhb sobrevooou a cidade 45 minutos ate poder aterrar , seca total para os passageiros.



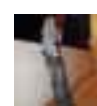
@_Mwaa: Estou confusa...RT @verdademz: Estudo diz que aquecimento global gera mais bancos de gelo na Antártica <http://t.co/7sJqEunVeX>



@Rage_Moz: @verdademz Rage-A minha maneira(EP-Album promocional <http://t.co/dZAUCKzWuF> tenha uma óptima escuta.



@bedylicious: Verdade verdadeira RT @verdademz: sabe-se que do lado sul-africano a EN4 está em melhores ... <http://t.co/imBuzeL6N1>



@gil_vicente4: Concordo plenamente! RT @verdademz: Novos preços nas portagens #Maputo e #Moamba são um roubo #Moçambique <http://t.co/OoNHP9dKH7>



@pentchicodc: A tática | O local onde mora a análise do Desporto Moçambicano e Internacional <http://t.co/n04yR2zDJY> NOVO BLOG @verdademz @DesportoMz

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto



Siga **verdademz**

Editorial

averdademz@gmail.com

A hora é agora

Temos de dizer não para que o nosso futuro não seja prejudicado pelas más decisões do presente. Um resposta negativa não passa necessariamente pelas urnas, mas pela compreensão plena de que o país não é da Frelimo, da Renamo ou do MDM. Este país é de 22 milhões de habitantes. É de políticos, militantes e apatidários. É de todos e por todos dever ser feito.

Ninguém tem o direito de espezinhar impunemente o povo por aquilo que afirma ter feito no passado. Os homens que lutaram pela liberdade não fizeram mais do que a sua obrigação. O único pagamento que merecem pela luta é o respeito e gratidão profunda das gerações do presente e do futuro. Apenas isso.

Aliás, se tivessem cruzado os braços naquele momento que exigia sacrifício, hoje, seriam dignos do nosso mais profundo desprezo. Foram escolhidos pelo contexto e pela história para libertar a terra e os homens. Não é algo que mereça ser pago. Vocês é que deviam prestar tributo por terem tido a honra de participar nesse momento da construção do país que somos.

No entanto, esse mero designio histórico-temporal não investe ninguém do dom da infalibilidade ou liberta das garras da corrupção. Exactamente pela fraqueza da espécie humana, nos dias que correm, encontrar actos de sabotagem aos recursos do povo, que vós chamais maravilhoso, é mais fácil do que encontrar chineses em Moçambique.

É preciso dizer não aos históricos da Frelimo que julgam que o país nada mais é do que seu quintal. Não devemos, de forma alguma, ter medo de gritar com todas as forças “NÃO”. Temos de dizer não ao secretismo na negociação dos megaprojectos. Temos de dizer não à acumulação de riqueza dos empresários emergentes, cujo único certificado de competência é um cartão vermelho e o mais pútrido laço consanguíneo com o poder.

Os pequenos movimentos de protesto e manifestação, embora dispersos, significam alguma coisa. Temos os *madgermanes* e os desmobilizados de guerra. Tivemos a greve dos médicos que deixou o poder de joelhos. Estes movimentos parecem poucos, mas revelam o caminho que devemos seguir. Do sucesso da greve dos médicos resulta a ideia de que não estamos sozinhos, seja lá qual for a trincheira em que lutamos: há sempre alguém pronto a lutar do nosso e ao nosso lado.

Temos de ter em mente que não podemos fazer nada para mudar o país enquanto o sistema vigente não ruir. E ele deve cair porque já provou que está obsoleto e não serve os interesses da maioria. Um sistema no qual o rosto visível do poder acumula riqueza de forma desmedida não merece a nossa aprovação.

Uma presidência que se limitou a alterar o saldo das contas bancárias de uns poucos tem de ser radicalmente combatida. Temos de definir uma estratégia e fazer a diferença agora. Mas temos de dizer não, mas um não estrondoso e capaz de colocar o poder de joelhos.

A mudança começa em nós. A hora é agora...



Boqueirão da Verdade

“Qual é a forma de os moçambicanos se manifestarem contra a corrupção de um regime que não se cura pela transparência dos actos públicos? Que Governo é este, onde todos trabalham com o objectivo de agradar ao chefe com medo de perder o pão?”, **Gaby Lomengo**

“É impressão minha ou a PRM anda a fazer o profiling de mulatos? É a segunda vez em menos de uma semana que vejo os cinzentinhos a parar moços mulatos na rua, pedir identificação, obrigá-los a esvaziar o conteúdo dos seus bolsos, e a “rusgar” os seus corpos. Parece-me um pouco humilhante a metodologia usada pela PRM”, **Bayano Valy**

“Última Hora: Comandante Distrital da Polícia de Gurúè, Chefe de Operações e o Vereador substituto do Presidente do Município mandam prender Presidente do Município de Quelimane e sua Comissão esta tarde por se terem reunido com jovens locais, e, segundo o Comandante, as reuniões públicas neste ano devem ser realizadas nas sedes dos seus respectivos partidos”, **Paulo Araújo**

“Manuel de Araújo, edil do município de Quelimane foi hoje chamado ao Gabinete do Comandante Distrital da Polícia no Gurúè por se ter reunido com um grupo de jovens no Jardim Municipal! Móbil? Deveria ter pedido autorização à Polícia! Onde está a Constituição da República? Eu estou farto de lhe dizer: crie patos mano”, **Luís Nhanchote**

“O Conselho Municipal da Beira solicitou a transferência de competências em 2007, hoje estamos em 2013, passam seis anos, e ainda continuamos na harmonização. Achaamos nós que não faz nenhum sentido, porque o Conselho Municipal da Beira já solicitou. Hoje fala-se de cinco cidades, Maputo, Matola, Chibuto, Xai-Xai e Pemba. Agora a minha questão é: Porque essas cidades? Que níveis de gestão de centros têm essas cidades e que Beira não tem?”, **Daviz Simango**

“Nós todos sabemos qual é o papel do partido no poder junto a essas duas entidades (Educação e Saúde) em processos eleitorais. Portanto, enquanto persistir esta situação de processos eleitorais e interesses políticos é natural que eles não vão entregar. Não faz sentido hoje entregar Xai-Xai e Pemba, autarquias que nem têm capacidade de recolha de receitas. E nesta reunião de Maputo ficou claro que os municípios têm problemas na recolha de receitas. Mas ninguém disse que a cidade da Beira não faz parte dos municípios que têm problemas de recolha de receitas”, **Idem**

“Os grandes sócios de Guebuza nos seus negócios são estrangeiros, os grandes assessores de Guebuza não são moçambi-

canos, os grandes financiadores e colaboradores do Orçamento do Estado não são moçambicanos. Afinal de contas quem tem padrões estrangeiros? É o próprio Armando Guebuza que tem padrões estrangeiros”, **Ibidem**

“Impressionante a forma como a Renamo e o MDM se uniram em torno do discurso do PR sobre os padrões estrangeiros. Agora percebo quando se diz que a Indirecta só atinge quem está com a consciência pesada”, **Eusébio Gwembe**

“As nossas praias quase todas estão infestadas de lodges de padrões estrangeiros. A madeira é explorada e exportada por padrões estrangeiros; são precisos mais exemplos?”, **Nelson Livingston**

“Minhas inquietações: Ouço por aí que a Renamo não se vai fazer às eleições. Até aqui, tudo bem, está no seu direito de decidir o que seja certo para ela. Porém, de quem será o voto que seria da Renamo: MDM (como se viu recentemente em Quelimane) ou Frelimo? E se, de facto, o partido morrer, para onde refugiar os seus membros? Ou ainda “mortos” continuarão a receber “bónus”?”, **Miller Martin**

“Tivemos que tomar uma decisão que sabíamos que era errada, mas não tínhamos outro caminho. (...) Você tem um prazo útil de negociação com essas instituições. Mas aí está, quanto tempo posso sobreviver sem dinheiro? Porque é o dinheiro que eu preciso para realizar programas”, **Pascoal Mocumbi**

“Arrependido! Como se isso fosse resolver as feridas das políticas absurdas que vem implementando desde a Independência Nacional! Quantas pessoas protestaram contra essa política (do caju) de que hoje se diz arrependido? Quantas lágrimas derramadas a pedirem-vos clemência para deixarem as pessoas trabalhar? Hipocrisia”, **Boa Matule**

“A revisão da Lei do Petróleo constitui um passo importante na preparação do sector para as mudanças que se avizinham – particularmente a produção de Gás Natural Liquefeito (GNL) na Bacia do Rovuma. Ela responde às prioridades do Governo e aos interesses das empresas petrolíferas, mas não satisfaz as demandas da Sociedade Civil”, **Adriano Nuvunga**

“É por demais evidente que quando os líderes de países como Moçambique recebem “palmadinhas nas costas” e elogios, bem como prémios de Boa Governança e desempenhos apreciáveis, que se trata tudo de conversa fiada. Quem o faz está perfeitamente ciente de que os egos de alguns africanos precisam de ser alimentados que nem a propalada auto-estima dos dias de hoje”, **Noé Nhantumbo**

O jornal do povo



Gostaria que o jornal continuasse a abordar assuntos nacionais, mas de uma forma mais clara e abrangente, e desse uma maior cobertura à cultura. No desporto, sinto que é muito fraca a vossa cobertura, principalmente no futebol. Estão num bom caminho. Força.

Joaquim Matsinhe

OBITUÁRIO:

Karen Muir
1952 – 2013 • 60 anos



A antiga nadadora sul-africana Karen Muir, que aos 12 anos foi a mais jovem recordista mundial da história, faleceu na última terça-feira, aos 60 de idade, após longa batalha contra um cancro de mama e morava no Canadá.

Em 1965 tornou-se a atleta mais jovem a quebrar um recorde mundial em todas as provas da modalidade ao fazer 1.08,7 minutos nos 100 metros costas, na altura com 12 anos, 10 meses e 25 dias: durante os cinco anos seguintes, bateu mais 15 recordes mundiais de diversas especialidades.

A carreira internacional de Karen Muir, que nunca participou em Jogos Olímpicos, acabou com o boicote desportivo internacional à África do Sul, devido ao regime político de segregação racial, o Apartheid.

Com outros 14 recordes mundiais estabelecidos nos 100m, 200m, 110 jardas e 220 jardas do nado de costas, a carreira vitoriosa da sul-africana foi recompensada com sua eleição para o Hall da Fama Internacional da Natação, em 1980.

Apesar do sucesso nas águas, Karen Muir nunca disputou uma edição dos Jogos Olímpicos devido ao boicote desportivo internacional à África do Sul entre as edições de 1964 e 1988, período em que o país passava pela segregação racial do Apartheid.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. Renamo

Normalmente o Xiconhoca tem de ser um indivíduo. Porém, neste caso específico os nossos leitores optaram por um partido político. A escolha da Renamo para tão alto galardão da pulhice é motivada pelas declarações de altas figuras daquele partido. Dizem, os Xiconhocas, que não irão participar no processo eleitoral que se avizinha. É um direito que lhes assiste. Contudo, sabotar e impedir que o mesmo ocorra é um claro atropelo à democracia que dizem ter ajudado a parir.

Há pessoas dentro da Renamo que discordam dessa postura, mas não revelam o seu posicionamento. Preferem tocar a música delirante de um bando de líderes execráveis e anti-democráticos embora alardeiem, aqui e ali, a paternidade da democracia. Quem cala consente e quem permite esse tipo de barbaridades também é Xiconhoca. Viva a generalização...

2. Alberto Simango Júnior

As denúncias de Chiquinho Conde fazem todo o sentido. O Vilankulo FC, em todos os sentidos, parte em clara desvantagem em relação aos demais integrantes do Moçambola. Viajar via terrestre é extremamente desgastante. Os índices competitivos da única equipa de Inhambane reduzem drasticamente. No site das LAM há registos de voos de Vilankulo para Maputo e Beira. Em Maputo temos quatro equipas no Moçambola. Na Beira temos três. O Campeonato Nacional de futebol tem 14 equipas. Maputo e Beira contam com 50 por cento do número de formações na competição. Há voos para essas duas províncias e não perceber isso é mesmo uma Xiconhoquice de bradar os céus. A verdade desportiva é ferida sistematicamente na competição nacional por causa desse castigo imposto ao Vilankulo FC. O senhor é Xiconhoca

3. Violadores sexuais

O fenómeno não é novo, mas a forma como ocorre e a idade das vítimas sim. Há homens de barba rija a violar crianças. Isso é preocupante. Essa Xiconhoquice tem de ser impedida. A lei não pode e nem deve ser prenda. Os mecanismos de justiça devem ser eficazes. Não se pode permitir que um sacripanta que encontre prazer numa criança de dois anos respire o mesmo ar que os demais cidadãos.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

1. Aumento assassino de uma via que não melhora

A roubalheira cresceu. Ou seja, a TRAC passou a cobrar 25 mil meticais na portagem incompreensivelmente instalada entre duas cidades satélites – cinco quilómetros separam Maputo da Matola –, o equivalente a 25 por cento de incremento. A título de exemplo, na portagem entre Malelane e Nelspruit (numa distância de 60 quilómetros), na África do Sul, o preço foi revisto, há dias, de 48 para 51 randes, o que equivale a pouco mais de 6 por cento de aumento.

A estrada Maputo/Witbank foi concessionada à TRAC em 1997 e, como forma reaver o investimento, foram instaladas duas portagens ao longo do troço: uma em Maputo e outra na Moamba. Contudo, a preocupação dos utentes desta via está relacionada, sobretudo, com a ausência de manutenção.

Apesar de o incremento da tarifa ter permanecido congelado durante seis anos e de ter ocorrido somente em 2012, os automobilistas são da opinião de que o reajuste tem sido feito de forma célere e dizem tratar-se de um procedimento que não resolve o problema da manutenção da via na qual estão implantadas as duas portagens.

Segundo os condutores, a ANE, a TRAC e o Governo, em particular, fazem muito pouco para evitar a degradação paulatina a que se assiste na estrada, sobretudo no troço Mahlampsene/Portagem da Moamba, onde o perigo espreita

pouco a pouco, devido a alguns buracos que estão a surgir.

Este problema é mais visível na secção 17, concretamente no troço entre o cruzamento da Moamba e a zona de Malhampsene, em cujo pavimento se apresentam covas que pioram em dias de chuva. A degradação da Estrada Nacional número 4, no troço Maputo/Moamba, é mais visível em Mahlampsene, por exemplo, um cenário em parte causado pelos camiões de grande tonelagem que transitam no local.

Em suma: este aumento é a maior Xiconhoquice do que levamos de 2013.

2. ProSavana

“Onde é que o Governo vai encontrar espaço para a implementação do ProSavana?”. Esta é a questão levantada por Calisto Ribeiro, delegado provincial da Associação Moçambicana para Ajuda Mútua (ORAM) em Nampula, que receia que haja conflitos durante a fase de reassentamento das comunidades para dar lugar ao projecto. Calisto Ribeiro considera que o desconhecimento das leis por parte dos administradores e de outros quadros dos governos distritais é um facto, daí a violação sistemática dos direitos das comunidades por parte dos investidores (estrangeiros em particular).

A inquietação não é nova. A União Nacional de Camponeses (UNAC), no passado, alertou sobre os perigos do ProSavana e outros investimentos do género. Ou seja, “há várias empresas que estão a ocupar grandes extensões de

terra e isso não é feito, obviamente, em benefício do campesinato.”

No que diz respeito às consultas à comunidade, ocorrem graves atropelos aos direitos fundamentais dos camponeses. As comunidades assinam e aceitam coisas sem saber que o que autorizaram não lhes permite desenvolver. Isso é um atropelo que recorre ao que vem plasmado na lei. As pessoas estão numa posição fragilizada que não lhes permite negociar e pensam que qualquer coisa permitirá melhorar o seu nível de vida. Isso é um atropelo no qual se usa a pobreza das pessoas para se poder legitimar uma posição que elas tomam inconscientemente. O ProSavana e outras Xiconhoquices são legitimadas por essa via.

3. Governo quer ver respeitados os direitos dos idosos

O Governo moçambicano pretende ver garantidos e respeitados os direitos dos idosos no país. Para o efeito, o Conselho de Ministros, reunido na sua VIII Sessão Ordinária, apreciou e aprovou, esta Terça-feira (02), a Lei de Promoção e Protecção da Pessoa Idosa.

“A nova lei visa garantir o gozo pleno dos direitos e proteger a pessoa idosa da violação dos seus direitos, bem como garantir um quadro jurídico que permita um enve-

lhhecimento com qualidade”, disse Alberto Nkutumula, porta-voz do Governo, no final do encontro. Só dava vontade de rir depois de ouvir tamanha Xiconhoquice. Este Governo nunca respeitou o idoso. Aliás, como é que é possível que se respeite a terceira idade com aquela pensão miserável de 150 meticais? Como é que se respeita quando os transportes públicos na Manhica não levam idosos? Isso é proteger?

Antes de o Governo falar em querer ver protegidos os direitos de pessoas daquela faixa etária devia fazer um exame de consciência e parar de brincar com coisas sérias.

Neste momento estima-se que cerca de seis por cento da população moçambicana tenha mais de 60 anos, ou seja, é idosa. E este número poderá triplicar até 2050, como resultado da melhoria das condições de vida e de saúde, segundo apontam os dados das Nações Unidas. Ou seja, em 2050 teremos mais idosos e menos direitos para eles se a política a seguir for a actual.

Dentre os direitos que se pretende proteger pode-se referir o direito à prioridade no atendimento em estabelecimentos públicos, na saúde, assistência médica, alimentação, isenção no pagamento do transporte público, entre outros. Grande mentira.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Ah... Eu sou assim!

O título deste artigo não deve ser nada sugestivo para a leitora, pois é uma expressão tão comum que raramente nos causa alguma curiosidade ou interesse em analisá-la. No entanto, num dia destes, pus-me a pensar porque é que as pessoas em geral, e as mulheres em particular, usam esta expressão. Apercebi-me, então, de que na maioria das vezes as pessoas usam a expressão “Ah...eu sou assim” para, por um lado, se defenderem de uma crítica/observação feita ao seu comportamento, carácter ou forma de vestir, pentear, etc. Em alguns poucos casos também é usada como forma de reconhecimento de um elogio que lhes é feito, em relação ao seu carácter ou maneira de agir para consigo própria ou com os outros.

Texto: Tina Mucavele • Foto: NT

Reflecti, principalmente, sobre os casos em que a maioria usa esta expressão, como uma forma de defesa quando sente que a sua maneira de ser e estar está a ser questionada por outrem ou por um conjunto. Mas então, com a afirmação “eu sou assim”, a que é que a pessoa querará referir-se? Referir-se à sua identidade? Quais serão as implicações de tão categórica expressão? Penso eu que com tal expressão, mesmo que usada por todos nós de forma às vezes inconsciente, deixa pouco espaço para contestação do lado do comentador. Quem diz “eu sou assim” termina aí mesmo a conversa e pronto! Por isso atrevo-me aqui a fazer esta contestação em “voz off”, particularmente dirigida a nós mulheres. Seremos nós, na nossa mais profunda essência, aquilo que tão vigorosamente defendemos? Ou apenas o resultado da nossa formação de identidade? Eu hoje aceito que a minha identidade é realmente, como me tentou convencer o meu professor de sociologia, o resultado das influências de todos os espaços a que a minha pessoa esteve exposta: a família, as escolas todas por onde passei, os clubes e associações, as religiões de que fui membro. A sociologia refere-se a isto como o processo de socialização, onde os valores, as pessoas, os comportamentos, as instituições têm a capacidade de influenciar a formação da nossa identidade. Na maioria desses espaços não tive escolha, mas em muitos outros eu escolhi participar e aceitar os valores a eles associados. Mas a isto voltarei a referir-me ao longo do artigo.

Entretanto, antes mesmo de ser uma entidade possuidora de uma identidade social, eu sou um ser humano. De acordo com a biologia sou um ser vivo, uma fêmea mamífera com a capacidade nata de conceber, albergar e parir outros seres iguais a mim. Parece uma análise crua, mas achei que deveria ser a primeira de todas. Nesta minha capacidade de procriação associa-se a responsabilidade adquirida de cuidar das minhas crias. Este é um acto típico de todas as fêmeas mamíferas, pelo menos até que as crias sejam capazes de caminhar com os seus próprios pés. Como ser humano, também derivam das mulheres comportamentos típicos das fêmeas, incluindo as mudanças hormonais que regulam o ciclo de reprodução. Todas as mudanças hormonais que acontecem, como já é sabido, têm uma grande influência no nosso “...eu sou assim”. Algumas vezes pensamos que somos de uma forma durante a ovulação, e essa forma muda – às vezes drasticamente – durante o período menstrual. Enquanto o libido – desejo sexual – está em alta durante a ovulação, já a tristeza, a melancolia, a irritabilidade tendem a acompanhar o período pré-menstrual e mesmo durante a menstruação. Vezes há que estas manifestações vêm acompanhadas de dores em algumas partes do nosso corpo. Estas reacções estão associadas à nossa natureza como humanas. Todavia, os seres humanos são também seres sociais. Nascermos em sociedades compostas por várias instituições, valores culturais (sociais), imposições religiosas e sociais de outros povos etc. Se eu tivesse nascido nos Estados Unidos teria sido influenciada pela forma como os negros se comportam naquela sociedade. Mais ainda, se fosse descendente dos escravos oriundos de África teria uma maneira de me ver a mim mesma influenciada pela exploração que os meus antepassados teriam vivido. O mesmo se passa sendo eu descendente de africanos em África, que foram também expostos ao colonialismo e à forma como as administrações e burguesias coloniais tratavam os africanos.

Todos os factores a que me referi influenciam a forma como hoje vejo a minha pessoa. Poderia também ter nascido numa sociedade livre de qualquer uma destas coisas, mas com outro tipo de influências, outros hábitos e costumes (evito aqui usar a palavra cultura pois é muito grande para o meu pequeno artigo). As mulheres negras e mestiças nascidas na América do Sul e Central sofreram – e sofrem ainda hoje – a “crise do cabelo”. Enquanto agora as opções



são menos associadas aos complexos raciais, antigamente estas estavam associadas à necessidade de inclusão numa sociedade que era mais inclusiva para pessoas de raça branca e/ou com os cabelos corridos. Acoplada à “crise do cabelo” veio também a crise da cor da pele, e outras tantas crises que bem conhecemos. Dependendo de onde cada mulher estivesse, ela era irresistivelmente influenciada pelas forças sociais e políticas que a rodeavam. Houve mulheres que resistiram a tais crises, que foram totalmente rebeldes ao sistema social e político, o que as levou a serem banidas até nas suas próprias comunidades, como é o exemplo das mulheres que mantinham o cabelo natural. Como podem ver, o “eu sou assim” não é dissociado dos factores naturais e sociais. As mulheres, em algumas (sub) sociedades moçambicanas, por exemplo, à tarefa natural de cuidar dos infantes associa-se também a tarefa “social” – e nobre – de cuidar dos outros membros da sua família. Digo social, porque se vírmos o programa “reino animal” observamos que, depois de crescer, cada animal segue o seu rumo pois rompe-se a dependência. Entretanto, nas nossas sociedades as ligações vão para além da família nuclear, pois incluem outros núcleos familiares (famílias de irmãos, tios, avós, etc.). Também é expectativa social que as mulheres se comportem de uma determinada forma, por exemplo a maneira de se sentarem e de se vestirem que são “apropriadas” para as mulheres como, por exemplo, o tipo de bebida que consomem (já ouvi dizer que há na cidade bebida para mulheres e bebida para homens; tal nunca ouvi nas zonas rurais). Diz-se que todas estas são regras sociais criadas para “tentar” trazer harmonia entre as pessoas, principalmente entre homens e mulheres. A história mostra que na maioria das vezes essa harmonia não foi alcançada como resultado destas regras, e mesmo assim a prática prevalece.

A leitora deve estar a pensar que estou a vaguear bastante e talvez seja melhor iniciar a síntese sobre o que procurei trazer à luz. De uma forma resumida, o que eu fui quando tinha nove anos, o que fui quando tinha vinte e o que sou agora mudou várias vezes por influência da natureza e dos acontecimentos sociais e políticos. Acredito também que nós, em muitas destas situações, tivemos a capacidade de nos adaptar aos novos contextos ainda que árdua ou facilmente. E aqui volto à questão da “escolha”, a que anteriormente me referi e sugeri. Num mundo em que o capitalismo nos vende tudo, até identidades – todo o tipo de identidades, religiosas e ideológicas –, temos a capacidade de escolher o que queremos ser. Então, o nosso “...eu sou assim” depende do que estiver no nosso mercado, ao nosso dispor e que nos atrai. Já conheci uma senhora que era muçulmana, mas que entretanto “porque a vida não andava bem e não tinha sorte” andava à procura de salvação nas igrejas cristãs populares, que existem no mercado da religião. Há também pessoas como eu, que escolheram um tipo de penteado associado a um movimento pan-africanista, mas que não se referem a si mesmas como “rastafarians”. Está tudo a venda, até há produtos para manutenção.

Então, o “Ah...eu sou assim” como forma de defesa por uma crítica que nos é dirigida, digamos, por exemplo, no auge do síndrome pré-menstrual ou por termos dito algo que tenha ofendido uma religião ou uma associação política, não pode ser, creio eu, a nossa essência. Quando nos recusamos, veementemente, a aceitar uma crítica por um comportamento ou uma característica tipicamente social, corremos o risco de a sociedade vir a pedir-nos contas, quando subitamente nos vê a acatarmos tal crítica. “Já viram a Joana, andou a fazer-se tanto, para no final das contas fazer o que dizíamos” dizem as mulheres em conversa de corredor, no social ou na cozinha preparando uma ceia para a família alargada. Para finalizar diria que este artigo não tem o objectivo de coagir as mulheres a rebelarem-se contra a sociedade, ou a fazer com que as rebeldes acatem o que a sociedade diz (ou as exige). Apenas sugere que da próxima vez que “Ah...eu sou assim” escapar dos nossos lábios, assumamos completamente as consequências. Acima de tudo, o artigo pretende deixar a seguinte mensagem: não tenhamos medo de sermos o que nos tornamos como resultado da(s) sociedade(s) onde vivemos, mas principalmente não tenhamos medo de assumir a nossa natureza humana e usar a capacidade de mutação, que nos é nata, para nos tornarmos SEMPRE aquilo que desejamos e merecemos ser.

Previsão do Tempo	
	Sexta-feira
	Zona SUL
	Céu pouco nublado com períodos de muito nublado. Ocorrência de chuvas fracas a moderadas. Vento de sul a sueste fraco a moderado.
	Zona CENTRO
	éu geralmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Vento de sueste a sudoeste fraco a moderado.
	Zona NORTE
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas a moderadas. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
	Sábado
	Zona SUL
	Céu geralmente muito nublado passando a pouco nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas ou chuviscos ao longo da faixa costeira de Inhambane. Vento de sueste fraco a moderado.
	Zona CENTRO
	Céu geralmente pouco nublado. Vento de sueste a leste rodando para nordeste fraco a moderado.
	Zona NORTE
	Céu geralmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas ou chuviscos dispersos. Vento de sueste a sudoeste fraco a moderado.

	Domingo
	Zona SUL
	Céu geralmente pouco nublado. Vento de sudoeste a sueste fraco a moderado rodando para nordeste.
	Zona CENTRO
	Céu pouco nublado localmente muito nublado ao longo da faixa costeira. Possibilidade de ocorrência de chuviscos locais. Vento de sueste a leste rodando para nordeste fraco a moderado.
	Zona NORTE
	Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuviscos ao longo da faixa costeira e e nas terras altas do interior da província de Niassa. Vento de sueste a sudoeste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia	

Diga-nos quem é o XICONHOCA

Envie-nos um SMS para 821111 E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

A vida dura dos médicos

Responsáveis pela tarefa nobre de prestar assistência aos doentes, em Moçambique eles não têm uma vida fácil, até porque são obrigados a sobreviver a quase tudo, desde os baixos salários, sucessivas e infundadas reclamações dos utentes, falta de condições de trabalho, até o elevado custo de vida. Assim são os nossos médicos, cuja dedicação ao trabalho é ignorada.

Texto: Redacção • Foto: IstockPhoto



Ernesto Gove, de 33 anos de idade, está, tal como no mês passado, à espera de que o seu salário seja depositado na sua conta bancária para terminar a construção do muro da sua casa e pagar a mão-de-obra.

Este mês, o atraso na entrega das folhas ao banco e a assinatura tardia do administrador do distrito Nangade, Cabo Delgado, terá levado a que o pagamento para o sector da saúde, naquele ponto do país, tenha sido adiado por uma semana, provocando uma reacção em cadeia na vida da família deste médico generalista.

O muro, esse, ficou pelo meio. Já consumiu mais do que estava previsto. Aliás, a sua construção é responsável pela falta de combustível que deixou o carro comprado com a poupança dos últimos quatro anos e um empréstimo bancário no quintal. “Só vai sair daqui a dois meses”. “Não é complicado andar de chapa. Vou chegar ao serviço mais cansado, mas não posso, neste momento, viver com esse luxo do transporte próprio”. A vida de um médico é feita de escolhas.

Entre um tecto para a família e a aparência do conforto da viatura própria, Ernesto coloca em primeiro lugar a mulher e os dois filhos menores. “Na rua ninguém vê que somos médicos. Tenho de lutar nos chapas para chegar cedo ao posto de saúde.

” Contrariamente ao grosso dos moçambicanos, Ernesto é um privilegiado. Ganha quase 30 mil meticais, contando com os subsídios. No entanto, na prática esse dinheiro não chega para viver e nem para manter a imagem que a sociedade construiu de como vive um médico.

Quando Ernesto terminou o seu curso de medicina em Maputo foi transferido para aquele distrito. Volvidos quatro anos teve de regressar para prosseguir os estudos. O seu nome, embora viva e resida na capital do país, ainda consta na folha de salário daquele ponto do país.

O ritual repete-se todos os meses. Com o salário sem data certa, a construção da moradia de cinco cômodos, onde já reside com a família, sofre interrupções sistemáticas. As novas regras de execução orçamental obrigam a uma gestão no limite, desviando quantias atribuídas a outras despesas, cujos pagamentos vão sendo adiados.

Para se aguentar durante um mês, Ernesto faz uma perninha numa clínica privada. Ou seja, grande parte das horas que devia dedicar ao repouso e ao convívio com a família serve para engordar a renda mensal.

O dinheiro, assegura, não é grande coisa, mas faz toda a diferença para quem tem de construir a sua própria residência. A falta de dinheiro afecta também as férias

da família: as viagens foram cortadas, a televisão por cabo suspensa por tempo indeterminado e o telemóvel serve apenas para receber chamadas.

“A vida para um médico será sempre um inferno”, desabafa Ernesto que não acredita muito nos efeitos da greve. Esteve nela desde as primeiras horas. Deu a cara, mas não pensa em grandes mudanças. Ernesto não se queixa da profissão que escolheu. Mas diz que não faria medicina se tivesse, na altura, o dom de prever o futuro. “Permite-me viver acima do padrão em Moçambique, mas não é o tipo de vida que se propala por aí”.

No seu entender, os sacrifícios não são devidamente recompensados e dá um exemplo claro: “quando o meu primeiro filho nasceu eu estava no hospital a tratar de outros doentes. O parto da minha mulher foi complicado, mas eu tive de ficar no meu posto”. Porém, não é tudo: “também não acompanhei o nascimento do meu segundo filho”. Mas nem é isso o pior. “O que dói é viver dias em que não se pode fazer um agrado aos nossos filhos porque um administrador não quer assinar a folha de salário para ir ao banco”.

Esse tipo de situação, que Ernesto qualifica de desprezo e ingerência política, é que deixa de rastros um médico que jurou servir o país. “Não vejo a hora de ir trabalhar para uma ONG. Eles pagam mais e eu tenho de escolher entre servir um país que não me dá assistência social e procurar o sustento da minha família. Eu escolho a minha família. É uma questão de tempo”, diz.

“A classe médica é a mais desfavorecida em Moçambique”

Ana Rosa Lopes de Araújo, de 44 anos de idade, é natural da província de Maputo. Exerce a profissão de médica desde o ano 1993. Dos 20 anos de experiência lembra-se de momentos difíceis devido às dificuldades que caracterizaram o período. Refere-se à falta de equipamentos e medicamentos, incluindo pessoal qualificado para tentar tratar os doentes da melhor forma possível. Há muitos doentes para um número reduzido de profissionais da Saúde.

O seu primeiro posto de trabalho foi o Hospital Central de Maputo a tempo parcial, onde diz ter enfrentado problemas de vária ordem. Segundo Ana Rosa, na mesma altura era docente da Universidade Eduardo Mondlane e disse que, apesar do processo de formação dos profissionais ser bastante rápido, a sua afectação nos postos de trabalho não satisfazia a procura.

Quando foi transferida para a província de Nampula, encontrou as mesmas dificuldades. Muitos doentes e poucos médicos para lhes prestar assistência. Os profissionais da Saúde andam muito sobrecarregados, além de não terem as condições de trabalho ideais. “E ficamos sem tempo para estudar ou investigar a fim de garantirmos a actualização dos conhecimentos para evoluir na carreira”, acrescentou.

E no que diz respeito ao rendimento do esforço empreendido, a fonte disse que “a classe médica, não diria que é mais desfavorecida, mas sim desvalorizada pela entidade empregadora”, precisou a pediatra neonatologista salientando que os médicos enfrentam, no seu dia-a-dia, muitos riscos devido às condições de trabalho a que estão votados. “E agora que existem os celulares, as pessoas ligam a qualquer hora a solicitar os nossos serviços”, anotou referindo que a

situação se torna constrangedor porque “deixamos de ter o fim-de-semana para descansar. Somos os únicos profissionais que são muito pressionados e criticados quando o serviço não vai bem. É o momento de exigirmos os nossos direitos”, enfatizou.

Entretanto, recordou que ao longo dos 20 anos de carreira, ainda, não conseguiu construir casa própria. O seu salário não chega para reservar dinheiro a fim de erguer uma obra de grande envergadura. “Talvez agora consiga amealhar algum dinheiro para iniciar a construção, depois de 20 anos”.

A sua viatura é de segunda mão, pois o seu salário não permite comprar uma nova. Considera que é desgastante saber que depois de 20 anos de profissão nada se tem como fruto de empenho e dedicação. Aquela profissional de saúde disse que a sua rotina diária é a seguinte: acordar às 6h00, e às 7h30 desloca-se ao Hospital Central de Nampula, onde trabalha até às duas da tarde.

Depois de sair do trabalho, dedica-se à investigação, às consultas privadas e à actividade de docência na Universidade Lúrio. De acordo com a médica, só por volta da meia-noite é que se deita. Soubemos que com o salário ela consegue assegurar as três refeições do dia para a sua família. As suas férias são gozadas de forma faseada.

Durante o período de repouso, tem estado em casa com a sua família ou viaja por pouco tempo porque, mesmo estando de gozo da licença disciplinar, tem fazer consultas privadas para assegurar uma melhor qualidade de vida aos seus familiares.

Comunicado



VOCÊ pode ajudar! Seja um **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte através de um e-mail para averdademz@gmail.com



Secretários dos bairros em Nampula abocanham “sete milhões”

Os secretários dos bairros e das unidades comunais da cidade de Nampula, província com o mesmo nome, com acima de 35 anos de idade, estão a beneficiar do Fundo de Desenvolvimento Urbano, vulgo “sete milhões” em detrimento dos jovens. Estes queixam-se de ser arbitrariamente excluídos do processo, não obstante, nos discursos do Governo do dia, serem considerados a maior aposta para o alcance do progresso nacional. O problema confirma, em parte, as frequentes reclamações de um número significativo de singulares e associações lideradas por jovens, a quem se tem vedado o acesso aos montantes desembolsados sob o pretexto de financiar projectos de geração de renda como forma de ultrapassar as dificuldades relacionadas com a falta do emprego.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Os secretários dos bairros, as associações lideradas por mulheres e os jovens que militam no partido no poder, que se apresentam em encontros não propriamente políticos vergando camisetas com as estampas e as cores das suas formações políticas, têm prioridade na concessão do Fundo de Desenvol

vimento Urbano – porque recorrem a influências partidárias para alcançar os seus desideratos – em prejuízo de uma maioria que, apesar de ter projectos para espezar o apregoado desenvolvimento nacional, os seus pedidos de financiamento são frequentemente diferidos e acabam por desistir de tais solicitações.

O Conselho Municipal da Cidade de Nampula realizou recentemente um curso destinado aos mutuários dos “sete milhões” em matérias de gestão de fundos, com o objectivo de dotá-los de conhecimentos que lhes permitam administrar melhor os negócios por si desenvolvidos e criar novos postos de trabalho.

Entretanto, a Reportagem do @Verdade, que esteve no local, constatou que a maior parte dos beneficiários da tal capacitação sobre a gerência dos valores disponibilizados pelo Governo Central para a erradicação da pobreza urbana tem mais de 35 anos de idade. Os outros, para além de terem ultrapassado a faixa etária da juventude, desempenham funções de liderança nas comunidades da autarquia sob direcção de Castro Namuaca.

De acordo com a lista dos formandos, divulgada na altura da atribuição de certificados de participação, apenas duas associações estiveram presentes, das quais uma composta por jovens aparentemente membros do partido Frelimo, uma vez que estavam trajados de camisetas desta formação política com



os respectivos slogans. Margarida António, de 40 anos de idade, residente no bairro de Mutauanha, periferia da cidade de Nampula, faz parte de uma associação de mulheres daquela zona. Em conversa com a nossa Reportagem revelou que a sua agremiação foi criada por um grupo de senhoras pertencentes à Organização da Mulher Moçambicana (OMM) na mesma zona onde mora.

Segundo a nossa entrevistada, em 2011, as mulheres daquela grupo desenharam um projecto de venda de ração para a alimentação de frangos, o qual foi aprovado pelo Fórum Consultivo Municipal e recebeu um financiamento de 200 mil meticaís.

Desde esse ano, ainda não reembolsaram nenhum tostão sequer do montante concedido, alegadamente porque a edilidade nunca exigiu a amortização da dívida. Aliás, apesar da não restituição do valor e do fracasso a que o plano está votado, a associação já pensa em pedir outro empréstimo.

O @Verdade apurou que na organização de Margarida António nenhuma agremiação tem idade inferior ou igual a 35 anos. Todas já ultrapassaram aquela faixa etária. “Gostaríamos de construir um aviário para criar frangos e posteriormente revender, mas os rendimentos dos nossos pro-

jectos são insuficientes para o efeito. Não estamos a render nada. Precisamos de mais financiamentos”, disse a fonte.

Em 2009, a Associação Samora Machel, sita no bairro de Muatala, desenhou um projecto orientado para a comercialização de diversos produtos, orçado em 74 mil meticaís. Contudo, só em 2012, quando já não contava com o fundo, é que beneficiou de financiamento.

Fino Leonardo, secretário de um dos quarteirões do bairro de Namicopo, disse-nos que o seu plano de construção de uma carpintaria, orçado em 200 mil meticaís, foi submetido ao Fórum Consultivo Municipal no mês de Abril de 2012, e, quatro meses depois, recebeu o montante por si solicitado.

A mesma sorte teve a cidadã Margarida António, que por ser membro da OMM, no bairro de Mutauanha, o seu programa agrícola, orçado em 190 mil meticaís, submetido em Janeiro de 2012, só esperou cerca de dois meses para ter aval e receber o valor.

Licana Cândido, de 37 anos de idade, mora no bairro de Natikiri, arredores da urbe da província mais populosa de Moçambique. O Fórum Consultivo Municipal de Nampula também financiou o seu projecto de criação de frangos orçado em 100 mil meticaís, mas só recebeu 75 mil.

Este são somente alguns exemplos dos mutuários com uma idade acima dos 35 anos, mas que beneficiam dos “sete milhões”, em detrimento dos jovens, alguns dos quais quando não restituem os montantes dentro dos prazos previstos nos contratos são cadastrados na lista dos que, em ocasiões futuras, ficarão privados de direito ao crédito.

Todavia, na prática pode-se contar a dedo, nos bairros de Nampula, os programas de geração de renda desenvolvidos pelos líderes dos bairros e das unidades comunais a nível das suas zonas de jurisdição, não obstante estarem a solicitar um financiamento avançado, sempre com a desculpa de estarem a implementar planos que criem novos postos de trabalho. O Executivo pode não ter a noção da dimensão do problema, porque há falta de fiscalização e o acompanhamento dos reais beneficiários é ineficiente.

Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte através de um twit para @verdademz



Acusadas de assaltos: Crianças de rua nas celas da Polícia em Quelimane

Estão detidos, desde o início desta semana, nas celas da 1ª Esquadra da Polícia da República de Moçambique (PRM), na cidade de Quelimane, 20 meninos de rua acusados de assaltos e agressões físicas, na via pública, a outros petizes e mulheres. A Direcção Provincial da Mulher e Acção Social confirmou a ocorrência destes ataques e aponta que o grupo se concentra em frente da Casa Provincial da Cultura, Cine Águia, Piscina Municipal, Hotel Chuabo e Avenida 1 de Julho.

Texto: Redacção

O porta-voz adjunto do Comando Provincial da PRM, na Zambézia, Estêvão Norte, disse há dias à Reportagem do Notícias que os petizes agora sob custódia policial actuavam nas avenidas Paulo Samuel Kankomba e Eduardo Mondlane, tendo como principais vítimas os alunos das escolas primárias completas São Carlos Luwanga e de Quelimane.

Os menores em causa semeavam terror e os alunos das duas escolas situadas no centro da cidade andavam apavorados, com medo de serem agredidos e perder os seus bens como material escolar, telemóveis e lanches.

Tudo isso acontecia sob o olhar de adultos e perante a complacência das autoridades policiais que, apesar de mandarem os seus membros para patrulhar a via pública, ignoravam esses assaltos.

A corporação diz que os assaltos protagonizados pelos meninos de rua não são um fenómeno novo na cidade de Quelimane.

Os petizes, organizados em grupos, segundo ainda a nossa fonte, atacam os estudantes quando regressam da escola, roubando-lhes com recurso a objectos contundentes e cortantes, nomeadamente ferros e lâminas de barbear.

Marlene Silvestre é uma das alunas que foi vítima de assalto dos meninos de rua, por isso, enquanto o seu pai não chegar à escola para lhe ir buscar, não arrisca em ir sozinha à casa.

A criança disse que há dias um dos assaltantes invadiu o recinto da escola e os alunos revoltos agrediram-no, com muita violência, em jeito de retaliação.

Estêvão Norte disse que, na última semana, um outro grupo de petizes delinquentes foi neutra-

lizado e no dia seguinte posto em liberdade depois de investigações feitas pelas autoridades policiais.

As vítimas das investidas dos meninos de rua são, normalmente, crianças não acompanhadas por um adulto. O produto do roubo é vendido na rua, sendo o Mercado Central e a Avenida 1 de Julho os principais locais.

Entretanto, a Direcção Provincial da Mulher e Acção Social confirmou a ocorrência de assaltos, cujos protagonistas são menores que, mesmo à luz do dia, não hesitam em atacar as suas vítimas.

Moisés Caetano, do Centro de Apoio à Velhice, afirma que em alguns casos estas crianças investem contra propriedades, nomeadamente viaturas, para retirar aparelhos reprodutores, telemóveis e outros bens a fim de os revender.

Segundo a fonte, há vários cidadãos cujas viaturas e bens foram vandalizados ou roubados por esses meninos, tendo apresentado queixa à Polícia, mas a situação não se altera.

Enquanto isso, na vizinha África do Sul, um menino de 9 anos de idade foi detido na cidade de Centurion depois de ter sido surpreendido a vender drogas para os seus colegas de classe numa escola primária.

“As escolas não estão preparadas para esse tipo de coisa. Não conseguem decifrar os sinais quando deparam com crianças com olhos vermelhos, muito sono ou agressivos”, declarou o inspector da polícia local,

Sidney de Wet, para quem a droga mais vendida era a cannabis sativa, vulgo soruma, fornecida pelos pais do menino. “Algumas escolas primárias têm crianças que usam drogas, mas não todas.”

As crianças são inimputáveis

A Liga Moçambicana dos Direitos Humanos (LDH) condena o facto de a Polícia ter detido as 20 crianças de rua acusadas de assaltos e agressões físicas na via pública, alegadamente porque são inimputáveis, ou seja, não podem ser responsabilizados por um facto punível, supostamente por não ter as faculdades mentais e a liberdade necessárias para avaliar o acto quando o praticaram.

A lei proíbe a sua detenção e que lhes sejam aplicadas medidas coercivas e criminais.

Salvador Nkamate, advogado da LDH, disse ao @Verdade que o caso ocorrido em Quelimane é uma prova inequívoca de que a corporação não respeita os direitos humanos e viola cruelmente os da criança.

Os menores de idade apenas são detidos em lugares apropriados para a sua reeducação e não numa esquadra, privando-lhes da sua liberdade como forma de “pagar” pelos seus actos. Há que capacitar a Polícia sobre a protecção de menores.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque é que quando transamos ela liberta muita água?

Olá queridas e queridos. Aproxima-se o dia 7 de Abril, data em que homenageamos as heroínas moçambicanas. Neste dia, muitos homens, como o meu pai, oferecem presentes e flores, principalmente às suas mulheres. Então, mais uma vez este ano, quero apelar a todos os homens para que glorifiquem as suas mulheres todos os dias, preservem-nas de riscos como as infecções de transmissão sexual, violência e abuso físico e emocional. Muitas (não todas) mulheres que apresentam um quadro de infecções de transmissão sexual foram infectadas pelos seus parceiros. Então, cuidem-se e cuidem delas também! E se continuarem com dúvidas sobre a vossa saúde sexual e reprodutiva

enviem-me uma mensagem através de um sms para **821115**
E-mail: **averdademz@gmail.com**

Olá Tina. Sou Nelson, de 21 anos. Sempre quando transo com a minha dama, sai muita água da sua vagina. A que se deve?

Olá meu querido. Há alguns anos eu respondi a esta mesma pergunta de um jovem da tua idade, que estava muito preocupado. E, lembro-me, eu disse-lhe que o que acontece com a tua namorada é um desejo de muitas mulheres adultas. Isso chama-se ejaculação feminina e é normal; até pode ser um sinal de que ela teve um orgasmo. O que acontece é que com a fricção que ocorre durante a penetração ou mesmo durante o sexo oral, uma glândula chamada de Skene fica extremamente estimulada e causa a repulsão desse líquido quando a mulher atinge o orgasmo. Então, não te assustes. Entretanto, é importante que vocês usem sempre o preservativo para evitar a gravidez e as infecções de transmissão sexual. Boa saúde.

Olá Tina. Chamo-me Larson. Gostaria de saber se o uso de dois ou três preservativos no acto sexual pode criar problemas. É que com um só desconfio que se vai reben-tar e vou apanhar doenças.

Olá Querido. Adorei o teu excesso de zelo, mas posso garantir-te de que não há problema em usar apenas um preservativo. Os preservativos são, na maioria, feitos por um material chamado látex. O látex é uma espécie de borracha, que passa por um processo que aumenta a resistência da borracha sem fazê-la perder a elasticidade. Depois de ser feito o próprio preservativo, ele é lubrificado com aquela substância oleosa para facilitar a colocação no pénis e garantir o seu conforto, evitando que se rebente.

A coisa mais certa a fazer é aprender a usar a camisinha correctamente. Há muitas organizações e associações juvenis no bairro e na escola que ensinam como se usa o preservativo de forma correcta para evitar que ela se rebente. Mas posso dar-te algumas dicas: a) o teu pénis deve estar erecto; b) verifica a data de validade, porque se ela tiver expirado pode romper-se facilmente; c) abre de forma cuidadosa (evita usar os dentes) para não danificar a borracha; d) pega sempre o preservativo pela pontinha para evitar que armazene ar, pois isso é que faz com que ela estoire; e) coloca, com os dois dedinhos sempre a pegar na pontinha, no teu pénis até a base; f) depois do acto, tem cuidado para não sair nada de dentro do preservativo, e embrulha em qualquer coisa que possa servir para deitar no lixo (jornal, papel higiénico, etc.). Não uses dois preservativos, porque isso pode inibir a eficácia do primeiro preservativo; podem, por exemplo, sair os dois durante o acto e ficarem lá dentro do canal vaginal da tua parceira. Parabéns por usares sempre o preservativo.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para **6640** ou Internet **http://mozmed.com/** e receba resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Município abandona obras de construção de mercados para a comercialização de peixe em Nampula

Comprar produtos pesqueiros nos principais bazares da cidade de Nampula continua a ser um autêntico atentado à saúde pública devido às condições deploráveis em que são comercializados. O problema parece não ter uma solução à vista porque a edilidade abandonou as obras de construção dos mercados Carrupeia e Muhala-Belenenses, destinados à venda de peixe. Actualmente servem para comercializar um pouco de tudo. No local, a imundice é evidente: o peixe fresco, a lula, o camarão, dentre outros mariscos, são vendidos em bancas improvisadas e até mesmo no chão.

Texto & Foto: Júlio Paulino

Nos outros mercados da cidade de Nampula, onde também se vende produtos pesqueiros frescos em grandes quantidades, com os quais se abastece vários estabelecimentos comerciais e famílias da província mais populosa de Moçambique, a nossa Reportagem constatou uma falta gritante de condições básicas de higiene que possam atrair a clientela. Todavia, há compradores para tudo. Enquanto isso, o sistema de frio instalado para a conservação do pescado está obsoleto e funciona com muitas dificuldades, o que faz com que os produtos estejam propensos à deterioração. No mercado do Muhala-Belenenses, por exemplo, uma das formas encontradas para evitar as perdas resultantes do apodrecimento do peixe é colocá-lo em recipientes como coleman e baldes com cubos de gelo. Contudo, esta medida é paliativa porque os negociantes exercem as suas actividades expostos ao sol.

Nas imediações do referido mercado – que acolhe em média cerca de 350 vendedores por dia – o fecalismo a céu aberto, uma prática imputada às populações circunvizinhas, é uma realidade. Mamudo Ussumane, um dos comerciantes de peixe no local, afirmou que faz este trabalho há mais de uma década. Segundo as suas palavras, as condições em que os mariscos têm sido vendidos são realmente deploráveis, mas não existe, neste momento, outra opção senão esperar até que melhores dias cheguem. “Não temos alternativa, a maior parte dos vendedores de peixe foram transferidos do mercado Belenenses (outro bazar com o mesmo nome) para este local, mas sem o município criar primeiro condições para o negócio, principalmente dos nossos produtos. Os ou-



tros comerciantes foram para o mercado de Carrupeia edificado apenas para a venda de pescado mas não é o que está a acontecer. Na altura prometeu-se construir bancas melhoradas, armazéns, frigoríficos, dentre outras infra-estruturas, mas nada disto foi concretizado até agora. Entretanto, não podemos parar porque dependemos deste negócio para sobreviver. Os chefes dos mercados deviam fazer alguma coisa para resolver estes problemas porque pagamos as taxas diárias”, afirmou a nossa fonte.

Ussumane acrescentou que no fim do dia, os negociantes recorrem às câmaras frigoríficas de um cidadão que opera no antigo mercado dos Belenenses para conservar os seus produtos. Para o efeito, precisam de percorrer um quilómetro e ainda pagar cinco meticais por cada quilograma de marisco acondicionado por dia. No mercado dos Muhala-Belenenses, em Nampula, há dois pavilhões que somente servem para expor de peixe seco e outros produtos que não sejam frescos. Todavia, esta restrição está a criar um mal-estar nos vendedores. Estes mostraram-se ainda agastados como o facto de o alpendre construído para a comercialização do peixe se encontrar danificado e a precisar de uma reconstrução urgente.

Um mercado do peixe sem frigoríficos

O Mercado do Peixe, localizado no bairro de Carrupeia, arredores da cidade de Nampula, ostenta melhores condições para a prática da actividade comercial em relação ao do Muhala-Belenenses, apesar de ter sido erguido com base em material de baixo custo. A inquietação dos utentes tem a ver com a ausência de armazéns e câmaras frigoríficas para a conservação de produtos. O @Verdade apurou que os vendedores de mariscos recorrem aos congeladores das populações que residem nas imediações do mercado, mediante uma taxa diária de 10 meticais e participação na compra de energia eléctrica. Devido a estas e outras despesas, os preços praticados na venda do peixe têm sido proibitivos como

forma de compensar os custos.

O projecto encalhado

Em 2008, o Conselho Municipal da Cidade de Nampula, em parceria com o Projecto de Pesca Artesanal, iniciou a construção de dois mercados de peixe nos bairros de Carrupeia e Muhala-Belenenses. Entretanto, as obras não foram concluídas e não há uma justificação plausível sobre a sua paralisação. O empreiteiro era a empresa Construções Ribeiro. A nível da edilidade ninguém quer se pronunciar sobre este assunto.

Armando Naímo, chefe do mercado dos Belenenses, um dos estabelecimentos comerciais de peixe de referência na cidade de Nampula, disse ao @Verdade que o projecto ora interrompido previa também a edificação de seis armazéns, dos quais uma parte equipada com os respectivos frigoríficos. “O empreiteiro abandonou a obra por incapacidade, mas o caso foi remetido a tribunal para que possa ser responsabilizado, segundo a última informação que tive da edilidade.” A nossa fonte acrescentou que, para além dos seis armazéns cujas obras ainda não foram concluídas, há um plano de edificação de uma fábrica de gelo para assegurar a conservação do pescado no local. Naímo reconheceu que as condições em que o mercado se encontra são deploráveis mas minimiza tal facto, alegando que serão ultrapassadas logo que as obras – em curso – de construção de cinco novos pavilhões estiverem concluídas. O financiamento é da União Europeia.

Refira-se que uma quantidade considerável do peixe vendido nos mercados da cidade da província mais populosa do país provém dos distritos costeiros da Ilha de Moçambique, Mossuril, Memba, Nacala-Porto, Moma, Angoche, dentre outros.

Há cada vez mais droga a circular no território nacional

Um relatório anual da Agência Internacional de Controlo de Drogas aponta Moçambique e Guiné-Bissau como os países de língua portuguesa que apresentam os problemas mais sérios relacionados com o tráfico de estupefacientes. Esta indicação, que não dignifica o país, deve-se ao facto de, há tempos a esta parte, diferentes tipos de drogas, em quantidades significativas, terem vindo a ser apreendidas em diversos pontos do território nacional, incluindo aeroportos e fronteiras terrestres, o que concorre para que seja considerado um corredor privilegiado destas substâncias de consumo ilícito.

Texto: Redacção

“A questão da droga é muito séria e, infelizmente, está a assumir contornos alarmantes no nosso país, que é usado como corredor”, reconheceu, em Outubro do ano passado, a ministra da Justiça, Benvinda Levi. Dificilmente as autoridades conseguem deter os mandantes desses actos, uma vez que o tráfico de estupefacientes faz parte da categoria do crime organizado, cuja rede montada para este mal se estrutura de tal sorte que a identidade dos mentores seja protegida e nunca denunciada por aqueles que são encontradas a transportar as substâncias em causa.

Dos vários casos ocorridos em 2012, em Março do ano em curso, a Polícia da República de Moçambique (PRM) apreendeu, no Posto Fronteiriço de Namoto, distrito de Palma, Cabo Delgado, no limite com a Tanzânia, cerca de 600 quilogramas de heroína. Dois cidadãos da Guiné-Conakry foram detidos em conexão com este crime. Na mesma semana, a Agência Internacional de Controlo de Drogas, uma instituição da Organização

das Nações Unidas (ONU), equiparava o tráfico de drogas na Guiné-Bissau ao de Moçambique, não obstante o país estar a registar algumas melhorias que, para a este organismo, podiam ser significativas se houvesse um maior esforço no combate à posse e circulação de estupefacientes. Moçambique, segundo a ONU, é o corredor de trânsito de drogas ilícitas, como resina de cannabis sativa, cocaína e heroína destinadas à Europa, metaqualona (um medicamento sedativo e hipnótico), mandrax para a África do Sul e de metanfetaminas (uma droga estimulante do sistema nervoso central, muito potente e altamente viciante) para outras regiões do mundo.

Droga abandonada no Aeroporto de Maputo

Há sensivelmente duas semanas, as autoridades moçambicanas apreenderam, no porto de Maputo, contentores aparentemente abandonados, uma vez que ficaram muitos dias sem se-

rem reclamados, com uma droga líquida e outra em pó. As análises feitas em território nacional não permitiram identificar o tipo de estupefaciente. Entretanto, uma parte das amostras já foi enviada a laboratórios especializados na África do Sul para uma segunda análise. Enquanto isso, decorrem investigações no sentido de se apurar a origem, o destino e o proprietário da droga em causa.

Mais de cinco toneladas de haxixe apreendidas em Boane

Um cidadão de nome Danilo Ussene, de 37 anos de idade, residente do bairro da Matola Rio, está a contas com a PRM acusado de ser o proprietário de 5.283 toneladas de haxixe encontradas, aparentemente abandonadas, nas proximidades da lixeira de Mavoco, no distrito de Boane, província de Maputo.

Em conexão com o caso, de acordo com a Po-

lícia, estão igualmente presos, indiciados de subtrair 28 quilogramas da mesma droga, num armazém onde se encontrava acondicionada, João Milagre, de 21 anos, Titos Zacarias, de 23, e Frasiano Bartolomeu, de 27. Este último é um agente da PRM. Na reconstituição dos factos, o porta-voz do Comando-Geral da PRM, Pedro Cossa, disse que a droga foi descoberta no dia 24 Março último. Porém, a detenção de Danilo Ussene, aconteceu na última Quinta-feira, 28 do mesmo mês, em sua casa, depois de diligências feitas por uma equipa de peritos da Procuradoria da Cidade de Maputo e da Polícia de Investigação Criminal.

O estupefaciente estava disfarçado em embalagens de um quilograma e com etiquetas com indicativo de se tratar de ração para gatos. A artimanha foi desbaratada por populares que a denunciaram às autoridades policiais. O produto está num armazém sito na cidade da Matola, onde aguarda pela incineração, enquanto se averigua também a origem e o destino.

Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Boa tarde, Jornal @Verdade. Somos munícipes da cidade de Maputo. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de apresentar um problema que nos preocupa como automobilistas, relacionado com a lavagem de viaturas na via pública, no separador central, na Avenida 24 de Julho, em frente à Interfranca, e, consequentemente, o bloqueio dos nossos veículos.

Tem sido frequente a Polícia Municipal perseguir-nos por causa disto mas não sabemos qual é o instrumento legal que define esta prática como uma infracção, apesar de acontecer noutras zonas da urbe.

Sabemos que temos obrigações a respeitar na via pública, mas espanta-nos o facto de a Polícia Camarária bloquear os nossos carros sem nenhuma explicação e quando telefonamos para pedir esclarecimentos do sucedido ninguém nos atende. Na semana passada ficamos agastados com esta situação porque nos últimos dias os agentes camarários inferizam a vida dos proprietários de algumas via-

turas que trabalham nas imediações da Interfranca ou que por vários motivos estacionam os seus carros no separador central daquela avenida e pedem a alguém para os lavar.

O que nos inquieta sobremaneira como condutores é o facto de os veículos bloqueados não estarem mal estacionados. Que regulamento proíbe a lavagem de veículos na via pública e que, provavelmente, não conhecemos por não estar a ser divulgado? Em que lei está prevista a multa de 1.000 meticais que nos cobraram e recusamos pagar por acharmos que é um roubo? E por que é que a Polícia Municipal quer sempre suborno?

Caso tenhamos infringido alguma normal, exigimos, pelo menos, que a Polícia Municipal respeite os automobilistas e lhes trate como humanos. Acharmos que antes de se impor qualquer tipo de autoridade deve haver uma chamada de atenção, mas não é o que tem sido feito pelos agentes camarários, que pautam pelo excesso de zelo.

Resposta

Sobre o assunto, a nossa Reportagem ouviu o porta-voz da Polícia Municipal da edilidade de Maputo, Joshua Lai. Este classificou a preocupação dos automobilistas que nos contactaram de ilegítima, descabida e sem qualquer fundamento porque a Postura e Regulamento de Trânsito estabelece que a lavagem de viaturas na via pública é uma infracção penalizada com uma multa de 1.000 meticais.

Segundo Joshua Lai, este dispositivo legal refere, ainda, no seu Artigo 36, no que diz respeito à reparação ou lavagem de veículos, que esta prática é inibida, salvo algumas excepções quando se trata de um dano. “É proibida a reparação ou lavagem de qualquer veículo na via pública, devendo os condutores, em caso de avaria, proceder à devida sinalização e retirar a viatu-

ra imediatamente pelos meios ao seu alcance para locais onde não possa prejudicar o trânsito”, explicou o nosso interlocutor.

Num outro desenvolvimento, a nossa fonte afirmou que a Polícia Camarária apenas opta pelo bloqueio de um determinado veículo como uma medida secundária. Isto acontece caso haja dificuldades na localização do proprietário da viatura sobre a qual recai a penalização. Entretanto, o primeiro passo quando se comete uma infracção é a aplicação da multa. De acordo com Lai, em nenhum momento os agentes camarários tiveram a intenção de prejudicar os munícipes. A divulgação da Postura e Regulamento de Trânsito ocorreu, há algum tempo, em toda a autarquia e os automobilistas já devia ter conhecimento das normas que regem a circulação rodoviária na urbe.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.

Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115.

A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Cidadão mata irmão a paulada na Manhiça

Um cidadão identificado pelo nome de Carlos Tsandzana, residente no distrito da Manhiça, província de Maputo, agrediu mortalmente, com recurso a paus, na semana passada, 28 de Março, o seu irmão que em vida respondia pelo nome de Alfredo Tsandzana, alegadamente por ter vendido os seus bens enquanto se encontrava na África do Sul.

O caso deu-se na localidade de Nwanabijana, no bairro de Xicunguluine. Carlos Tsandzana ficou enfurecido ao regressar da terra do Rand e descobrir que o irmão vendera os seus eletrodomésticos sem o seu consentimento, segundo reportou ao @Verdade o jornalista Manuel Nhamposse, da Rádio Gwevhane, que opera a partir do Posto Administrativo de Xinavane. A vítima sucumbiu devido à gravida-

de das lesões contraídas, mas, momentos antes de falecer, teria pedido água para matar a sede. O homicida e a esposa, indiciada de cumplicidade, encontram-se detidos nas celas do Comando da Polícia da República de Moçambique (PRM) na Manhiça. Enquanto isso, ainda naquele distrito, um professor da Escola Secundária de Nwamatibjane, que leccionava a disciplina de Biologia, desde 2007, foi

também agredido mortalmente com recurso a paus, na madrugada do dia 29 de Março último, por um grupo de malfeitores. A vítima, natural da província da Zambézia, respondia pelo nome de Rachid Diolentino. Depois do acto macabro, o seu corpo foi abandonado sem roupa perto da sua casa, nas proximidades do Mercado das Palmeiras, de acordo com a nossa fonte.

Texto: Redacção

Mamparra of the week

Manuel Bissopo
secretário-geral da Renamo

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é o secretário-geral da Renamo, Manuel Bissopo que, de forma arrogante, déspota e criminoso, veio a público mijar com a sua verborreia de meia tigela em cima do Estado de Direito Democrático. Ou seja, veio limitar a nossa possibilidade de escolha e de circulação. Veio semear o medo e o terror. Veio desenterrar o machado de guerra e da contradição. Em suma: veio fazer o que melhor sabe: comportar-se com um bicho do mato. Mamparra da pior espécie...

A mamparrada teve lugar numa conferência de imprensa que teve lugar em Nampula. As palavras do sacripanta e asinino Bissopo foram as seguintes: “A Renamo não vai aceitar que nenhum moçambicano se movimente para preparar o processo eleitoral”.

“Não há eleições, a Renamo não vai admitir que as eleições tenham lugar dentro da conjuntura política actual”. Não sabe o bom do Bissopo que a Renamo, que anda de promessa em promessa, já perdeu legitimidade para falar seja do que for? Quanto mais desrespeitar um direito consagrado pela Constituição da República.

Para evitar vómitos desta natureza, pessoas como Bissopo deviam vir ao mundo com um freio na boca. Que talento para o disparate e para a mamparrada desnecessária! Todo o cidadão é livre de circular neste país, de votar neste ou naquele partido político.

Se o bom do Bissopo quer evitar fraudes deve criar condições para o efeito, mas elas não devem, de forma alguma, atropelar os direitos dos cidadãos. Mas isso é difícil e, em vez de criar estruturas para impedir que ocorra o que teme, Bissopo prefere cuspir para o ar, insinuar, acusar e depois, como é lei no seu partido, dar o dito pelo não dito.

Não cuspa para o ar mamparra. A saliva, essa, sempre volta para a testa do asno.

“O povo está cansado de ir às urnas para depois ser surpreendido com fraudes. E se a Frelimo quiser fazer à força, terá que suportar com a reacção do povo”. De que povo fala Bissopo? O povo sistematicamente burlado, desiludido e torpedeado pelas idas e vindas de um partido sem agenda? Aliás, a Renamo, com líderes com Bissopo, tem uma agenda que se traduz na falta de programa e no talento descomunal para a mamparrada.

Ninguém lhe passou uma procuração para falar em nome do povo. Não nos use para promover carnificinas. Não somos da sua laia.

Que tipo de mamparrada é esta que Bissopo anda a propagar sem que nada ocorra? Ainda há vagas no Hospital Psiquiátrico do Infulene para ser tão desprezível? Mas não deve ser boa ideia colocar uma mamparra de semelhante estirpe no meio dos doentes mentais. Em menos de dois meses seria normal se ouvíssemos que ele reclama toda a ala norte daquela unidade hospitalar. E os doentes, esses, não merecem tão repugnante companhia.

Basta deste tipo de Mamparras, mamparras e mamparras.

Até para a semana!

Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte por uma mensagem de SMS para 821111



Democracia

“Estamos a construir ilhas de desenvolvimento em Moçambique”

Texto & Foto: Redacção

António Muagerene, secretário executivo da Plataforma da Sociedade Civil de Nampula, defende que os megaprojectos devem reflectir-se no desenvolvimento humano. Porém, o mesmo não acontece porque, ao invés de se construir ondas de desenvolvimento, aposta-se na construção de ilhas. Muagerene afirma ainda que o Governo embarca em estratégias desenhadas pelos doadores internacional, apesar de não se enquadrarem na nossa realidade e, como consequência disso, Moçambique continua a figurar na lista dos 10 países mais pobres do mundo.

@Verdade – Qual é o objectivo da Plataforma da Sociedade Civil de Nampula?

António Muagerene (AM) – A Plataforma Provincial da Sociedade Civil de Nampula é uma estrutura de coordenação das Organizações da Sociedade Civil e não-governamentais que participam e desenvolvem programas de desenvolvimento na província, sobretudo na promoção da *networking* e na representação da própria sociedade civil, junto das várias redes temáticas que têm actividades em Nampula, e no suporte logístico, de reflexão a estas mesmas redes para que se posicionem quando estão com outros actores do sector público e privado, com conhecimento de causa e com informação suficiente de modo que possam advogar para as comunidades as oportunidades de forma mais conveniente e efectiva.

@Verdade – Quando é que iniciaram as vossas actividades?

AM – A estrutura de consenso entre organizações da sociedade civil começa no ano de 2009, com o ponto focal no diálogo entre o Governo e as ONG's que seja inclusivo e participativo e de conserto de vários actores e é através disso que o primeiro plano estratégico e os seguintes têm uma componente designado por Unidade de Coordenação do Desenvolvimento Integrado da Província (UCODIN).

E, para que tivéssemos como andar, as organizações da sociedade civil tiveram de criar primeiro as redes temáticas, divididas por áreas de trabalho, ligadas ao desenvolvimento da província com destaque para as redes de educação, saúde, agricultura, micro-finanças, entre outras, nas quais estão envolvidas ONG's e associações de base que trabalham em conjunto. E elas organizam-se para ter um secretariado rotativo.

Quando falamos da plataforma, estamos a falar de uma estrutura fluida, sem chefias como tal para aquilo que é fundamental e flexível para a promoção do desenvolvimento nas várias áreas. E naturalmente temos objectivos e métodos de trabalho que permitem tornar activa a sociedade civil provincial.

@Verdade – Como secretário executivo da Plataforma da Sociedade Civil, que avaliação faz do desenvolvimento da província de Nampula?

AM – Para fazer uma avaliação dessa questão é preciso que tenhamos alguns documentos normativos de crescimento da província de Nampula, e esse indicador nós encontramos no Plano Estratégico e Social da Província. Esse serviço de avaliação tem sido feito no Observatório de Desenvolvimento Provincial (ODP), e aí olhamos para os indicadores das actividades conjuntas feitas em todas as partes da província para entender que progresso se verificou, e então cada uma das partes tem o seu ponto de vista em relação àquilo que está a ser realizado.

E há elementos que são indicadores que constam no próprio Plano Estratégico e Social de Nampula, que é o instrumento acordado de trabalho para os três sectores. Há vários progressos em vários cantos e é preciso acreditar nisso, com destaque para os campos de construção de capital económico, social e humano, bem como da própria governação em termos de relacionamento de actores, que interagem no pro-



cesso de desenvolvimento.

@Verdade – Quais são os desafios para esses campos?

AM – Por exemplo, no capital humano que é a formação dos homens e mulheres para que sejam úteis à própria sociedade, os desafios prendem-se com o facto de como conseguir formar o homem real, a dimensão das necessidades da nossa província. Quero dizer que não se pode ver pelo número das universidades que temos mas, pela qualidade dos próprios homens, formados pelas universidades e que papel ele joga, na promoção de desenvolvimento, como encontrar as respostas certas para as necessidades das nossas comunidades. E vemos essa situação pela qualidade dos homens formados nas universidades que temos e quais são as especialidades que existem e, portanto, há desafios aí para responder às necessidades das frentes de desenvolvimento, quer dizer quando se quer pedreiros, electricistas, canalizadores, onde se vai buscar, onde formamos, como é que alinhamos as nossas instituições de formação com essas necessidades.

O outro nível é referente ao capital social, que é a integração do homem naquilo que são as organizações que permitem que ele participe de forma organizada para além da família, e eventualmente no mercado.

Na componente do desafio económico, que é contra a forma de dividir os recursos que nós temos em potencialidade, úteis de desenvolvimento e o bem-estar das nossas comunidades. Repare que como sociedade civil estamos a dizer para o bem da nossa sociedade e não necessariamente como melhorarmos os indicadores macro-económicos. O desafio é como esse desenvolvimento económico se transforma em condições objectivas para o bem-estar da população e da realização psicológica das nossas comunidades, e das pessoas.

A outra área é a da governação, e essa discussão já é bem avançada no país que é a necessidade de, por um lado, gerir aquilo que são as necessidades de desenvolvimento actuais e que necessitam de um impacto muito forte, arranjo institucional com técnicos competentes, nas áreas temáticas específicas de desenvolvimento, que possam gerir, acompanhar e fiscalizar as actividades económicas que estão a ser realizadas, ao mesmo tempo que eles participam nos outros sectores de desenvolvimento.

@Verdade – Os cursos ministrados pelas instituições de ensino em Nampula vão de acordo com as necessidades dos empregadores?

AM – Primeiro, temos que reflectir que cursos são e qual é a utilidade, com destaque para a promoção de desenvolvimento da província de Nampula. Era importante que os cursos tivessem alinhamentos com os planos do Governo, sobretudo as iniciativas de desenvolvimento, de modo a responder aos propósitos, e as necessidades desse mesmo desenvolvimento. É preciso fazer-se o levantamento preliminar do que são as potencialidades e o que são as nossas necessidades e demandas de desenvolvimento.

@Verdade – Na sua óptica quais seriam os melhores cursos para a província de Nampula?

AM – Não existem cursos melhores, o que há são cursos necessários. Neste momento, antes de chegarmos às universidades, a coisa que deve ficar clara é que as necessidades das grandes, médias e pequenas empresas ainda não estão satisfeitas, em termos de pessoal com nível básico e médio de realização de diferentes actividades, estamos a falar de carpinteiros, pedreiros, electricistas, nós ainda precisamos desses técnicos.

A outra questão é a falta de técnicos formados em institutos médios. Sabe-se que uma província em franco desenvolvimento como Nampula precisava de técnicos do nível superior que sabem fazer, e formados em engenharia, medicina veterinária, metalurgia e agricultura de modo a responder a esta mesma demanda. Imagine que já foram formados 100 geógrafos e conseguem emprego apenas 40 e os restantes ficam a passear, porque não têm o que fazer.

@Verdade – Qual é a sua opinião em relação aos megaprojectos em Nampula?

AM – Este é outro desafio do nível económico. A questão dos mega-projectos deve-se reflectir também no capital de desenvolvimento humano. Devemos ter empen-

dimentos que empregam pessoas e utilizam outros recursos para a integração da economia de uma determinada região. Posso explicar melhor. Quando se diz que Nacala-Porto é uma Zona Económica Especial, assim como os megaprojectos, à volta dos mesmos devem existir serviços geridos localmente por pessoas nativas, que criam empresas e empregos para as suas famílias, e por via disso dizemos que a economia é equilibrante.

Porque, na minha óptica, o que neste momento estamos a construir são ilhas de desenvolvimento. Devíamos construir ondas de desenvolvimento, as quais todos têm alguma coisa onde possam buscar o bem-estar, individual e familiar.

@Verdade – Os megaprojectos estão a contribuir para o desenvolvimento da população?

AM – Quando falamos dos megaprojectos, estamos a falar de empreendimento de capitais intensivos. O custo de investimento é muito alto em relação ao número de empregos que são criados, é por essa razão que dissemos que à volta dos megaprojectos há um grande potencial para a criação de empregos, mas se existir liderança suficiente para alinhar as possibilidades e alternativas de desenvolvimento de pequena e média empresa, aquelas que por iniciativa empregam mais gente. Porque para a construção de um caminho-de-ferro, nos dias que correm recorre-se à maquinaria de elevado custo.

A estrada em construção que sai de rio Lúrio para Ligonha, o que mais trabalha são as máquinas e não as pessoas. Cada máquina que funciona são milhares de meticais, senão dólares. Então, essas máquinas substituem as pessoas e o que estamos a dizer é que à volta de cada um desses centros de produção de capitais intensivos é possível alinhar outras iniciativas de produção de emprego e de criação de empresas que permitam o aproveitamento das oportunidades que existem, quer a nível do comércio, quer do fornecimento de bens para essas grandes unidades que deviam ser essas que teriam a potencialidade de empregar mais gente.

@Verdade – Quer dizer que existem muitas empresas, mas empregam pouca mão-de-obra?

AM – Efectivamente, quero dizer que os megaprojectos não empregam muita gente, para que cada um possa ganhar um pouco, porque julgamos que essas oportunidades seriam satélites de oportunidades de combate à pobreza nas famílias moçambicanas.

@Verdade – O que é que a plataforma tem feito para inverter esse cenário?

AM – A plataforma está aberta, temos dinamizado e fortalecido as redes e áreas temáticas de desenvolvimento das actividades de promoção do desenvolvimento da província de Nampula, para que elas possam interagir, quer com o sector público, quer com o priva-

Voz da Sociedade Civil

(Direito constitucional)

Boa tarde!

Ontem à noite dei-me de caras com este post, da autoria do Amosse Macamo, onde ele diz o seguinte:

“É um direito constitucional, é um direito constitucional, não percebo como se pode impedir alguém de reunir...” He djo, num estado de direito onde há direito há também obrigações. Uma lei que concede direitos também impõe deveres e a imposição de deveres nunca significou coarctar o direito que se concede (o sentido de ordem societária obriga a certos cerimoniais antes de aceder ao fim último). Se a Constituição concede a liberdade de reunião há sempre uma lei que vai regular o direito a reunião.

E porque se regulamenta? (Se a Constituição já autoriza).

Porque se dependesse só da Constituição e de você, a reunião podia ocorrer às seis e meia quando está a voltar do Coconuts ou podias parar numa segunda-feira de manhã e orientasse um comício no meio da Vladimir Lenine que já é estreita e não aguenta com o trânsito mesmo sem reuniões.

E se reunir sem autorização?

É só lembrar que concede direitos também impõe deveres. Se é seu direito reunir é também seu dever cumprir com os formalismos que a lei exige para que você se reúna. Se não cumprir mostra exactamente que você ou é criança ou maluco: que são sujeitos de direitos e não de deveres.

Da próxima que vier com o papo furado de que está escrito na Constituição deve lembrar que a constituição é um livro aberto que por economia de papel e por necessidade de maior segurança jurídica não pode abarcar todas as matérias (corríamos o risco de nem sequer a conseguir movimentar se abarcássemos todas as matérias lá) e que precisa de ser operacionalizada com outras leis.

Não pegue por favor a Constituição pelas golas. E nem a leve na sovaqueira, poupe-a e a nós também.”

Ora bem, não lhe queria responder mas, por uma questão de ponto de ordem, achei por bem fazê-lo, em breves linhas:

SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

1. O texto do Amosse Macamo é uma pretensão crítica aos cidadãos que, ultimamente, se têm feito valer dos seus direitos constitucionalmente consagrados de se reunir ou de se associar para, em fim último, exercer a sua cidadania, sem restrições de qualquer espécie. Afinal, esta é uma prática que tem vindo a crescer e a espalhar-se um pouco por todo o país. Temos visto, nos últimos tempos, diversos grupos de cidadãos a reunir-se, engajando-se e manifestando-se em prol dos seus interesses de grupo ou de classe (organizações da sociedade civil, utentes dos chapas, médicos,

madgermanes, trabalhadores de empresas de segurança privada, grupos políticos, populações descontentes com a onda de criminalidade e com os atropelos das autoridades policiais, desmobilizados de guerra, dentre outros).

2. A Constituição da República de Moçambique é clara nestes assuntos, começando logo no seu artigo 3, onde vem claramente que a República de Moçambique “é um Estado de Direito, baseado no pluralismo de expressão, na organização política democrática, no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais do Homem”. Isto reforça-se imediatamente a seguir, no artigo 4, onde o Estado “reconhece os vários sistemas normativos e de resolução de conflitos que coexistem na sociedade moçambicana, na medida em que não contrariem os valores e os princípios fundamentais da Constituição”. Por outras palavras, reconhece-se aqui que todo e qualquer cidadão moçambicano é livre de se expressar e de se organizar como quiser, tendo os seus direitos civis e políticos salvaguardados e, mais ainda, que todo e qualquer sistema normativo que se aplica a esse cidadão é válido apenas se não contrariar o que a Constituição determina.

3. No artigo 11, sobre os objectivos fundamentais do Estado moçambicano, nas suas alíneas e), f) e g), sucessivamente, se prevê a “defesa e promoção dos direitos humanos e da igualdade dos cidadãos perante a lei; o reforço da democracia, da liberdade, da estabilidade social e da harmonia social e individual (bem como) a promoção de uma sociedade de pluralismo, tolerância e cultura de paz”. Portanto, o Estado deve proteger os direitos dos seus cidadãos, reforçando o seu exercício de cidadania e promovendo a diversidade de pensamento e a tolerância.

4. No artigo 46, sobre os deveres do cidadão para com o Estado, no seu ponto 2, vem escrito que todo o cidadão tem o “dever de cumprir as obrigações previstas na lei e de obedecer às ordens emanadas das autoridades legítimas, emitidas nos termos da Constituição e com respeito pelos seus direitos fundamentais”. Por outra, o cidadão deve obedecer apenas às ordens das autoridades em aspectos que não contrariam a Constituição e que não coloquem em causa os seus direitos civis e políticos.

5. O artigo 51, sobre o direito à liberdade de reunião e de manifestação, prevê que “todos os cidadãos têm direito à liberdade de reunião e manifestação nos termos da lei”.

6. O artigo 56, que arrola os princípios gerais sobre os direitos, as liberdades e as garantias individuais, no seu ponto 2, advoga que “o exercício dos direitos e liberdades pode ser limitado em razão da salvaguarda de outros direitos ou interesses protegidos pela Constituição”. No ponto 3, a Constituição diz que “a lei só pode limitar os direitos, liberdades e garantias nos casos expressamente previstos na Constituição”. Por conseguinte, nenhum outro sistema normativo

ou de resolução de conflitos limita o exercício dos direitos e liberdades dos cidadãos a não ser que tal esteja previsto na Constituição. Por outra, no exercício e na limitação do exercício, por parte de um cidadão, dos seus direitos civis e políticos, toda e qualquer lei só pode ser aplicável se a Constituição o permitir.

SOBRE A OPINIÃO DO AMOSSE

1. Gostaria que ele sustentasse o argumento segundo o qual “se a Constituição concede a liberdade de reunião há sempre uma lei que vai regular o direito a reunião”. De que lei está o Amosse concretamente a falar e em que modalidades essa tal lei limita o exercício do direito à reunião?

2. A dado momento, o Amosse assume que o exercício do direito à reunião deve ser autorizado, nos termos da lei. Quem o autoriza e em que contexto(s)? É que eu já participei em algumas e vejo acontecer muitas reuniões, sobre os mais diversos assuntos, a qualquer hora e em qualquer lugar, sem autorização prévia “de quem de direito”. Podem aqui trazer o elemento político e argumentar que estas, devido à sua natureza, devem ser realizadas em lugares e ambientes mais reservados, devidamente autorizadas. Não me venham aqui mentir que, por exemplo, as reuniões nas células do partido Frelimo um pouco por todo o país, realizadas em escolas, instituições públicas e espaços colectivos, são previamente autorizadas pelas nossas autoridades... Nem que tais reuniões respeitam a determinados condicionalismos temporais também devidamente autorizados, como atesta o Amosse no seu texto. Porque é que “os outros” devem fazer o que os membros da Frelimo não fazem?

3. Com efeito, e como vem acima plasmado nos pontos que arrolei e fui citando sobre o que vem estabelecido na Constituição, nenhuma outra lei pode regular o direito à reunião (e todos os diversos direitos e liberdades fundamentais das pessoas) se a sua aplicação for contrária ao exercício desse mesmo direito. A Constituição está acima de todo e qualquer sistema normativo nacional, derivando todos eles dela e a sua aplicabilidade deverá SEMPRE estar necessariamente em consonância com o que ela determina. Concorde ou não o Amosse...

PS: Só para o conhecimento geral, a nossa Constituição prevê, no artigo 80, o direito à resistência, pelo qual o cidadão tem a prerrogativa de “não acatar ordens ilegais ou que ofendam os seus direitos, liberdades e garantias”. Portanto, se todos nós nos podemos publicamente reunir onde quisermos, à hora que quisermos e para tratar do que nos apetecer, TEMOS O DIREITO CONSTITUCIONAL DE RESISTIR a ordens ilegais ou que nos limitem tal liberdade, venha ela de qualquer polícia, governante, juiz ou “advogados” ao serviço do sistema. Passe a informação.

Edgar Kamikaze Barroso

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

RT @DemocraciaMZ: #Polícia dispersou esta manhã aglomeração de centenas homens da #Renamo em Muxungue centro #Moçambique que tentavam erguer uma base 15 foram detidos após a polícia ter usado gás lacrimogénico para dispersa-los, segundo RM



Diovaldo Cuamba gent
uma guerra em moxambke
xo vira pa piorar as coias

sabmx d ant-mao k o noxo país
enfrent varias dfculdadx no k tange
ao dzenlvment ecnomco.e exex da
renamo tbem nao nos podem engan
n lutam nda pelo bem d povo apnas
kerem enxer as seus xtomagx cmo ja
o fazem por akelex k xtao n podrrr.
atencao! há 50 minutos



Joaquim Anselmo Estes
tipos tem toda razão qga ja
canssamx essa cema d

frelimo toda hora no comando Gosto
· 2 · há 8 horas



Miller Martin É
preocupante como muitos
aqui aderem uma notícia

sem antes analisar. Não quero
desprestigiar @Verdade muito
menos a RM. Falo do acontecimento
em si. É preciso pôr a cabeça a
pensar, avaliar o que está por detrás
das coisas antes de bojardas lançar.
Sabe-se lá se isso não passa mais de
um joguinho entre a Frelimo e a
Renamo (já que estamos próximos
para as eleições) para fazer-vos
pensar como estão pensando agora
angariando com isso vossa
confiança? Questionem pá! Gosto · 5
· há 8 horas



Salomao Novelai Tenho
pena das tuas palavras
miller Gosto · 4 · há 8 horas



Hilario Tomas Me parece
que alguns jovens
comentando esta noticia,

estao desactualizados. Voces nao
sabem que a Renamo prometeu
começar guerra este ano? Nao sabem
ainda que a Renamo ja criou 3 bases
militares? Claro que algo deve ser
feito para enviabilizar a ideia de
recomeçar guerra outra vez para
Moçambique livre. Gosto · 2 · há 8
horas



Ac Chiambiro ...oiçem,
procurem a veracidad d
axunto antx d julgar

preconceituosox open u eyes Gosto · 2 · há 8 horas



Simoes Simoes Jr. Lutem
mas não cheguem em
zonas residenciais. Porque

ninguem foi esclarecido até agora a
razão que vos leva a abandonar a
cidade e se acampar na rua. Gosto · 3
· há 8 horas



Tchutcho Oxy Joaquim
Anselmo a sua ignorância
merece um premio, se

estas cansado da frelimo a solução é
a guerra, acredito que ainda ã sabes o
que é uma guerra , estas proibido de
escrever bujardas nas redes sociais...
pensa antes !!! Gosto · 2 · há 7 horas

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Democracia



do. E temos lutado no sentido de modo que a iniciativa respeite aquilo que é a integridade das nossas comunidades, de elementos culturais, ambientais, que são fundamentais em todo o processo de desenvolvimento.

@Verdade – Fala-se dos problemas de redistribuição da riqueza em Moçambique. Qual é o seu comentário em relação a isso?

AM – Eu vou responder usando as características da nossa economia. Por exemplo, em traços gerais, ela é caracterizada por um elevado crescimento da economia avaliada em 7 por cento ao ano e, ao mesmo tempo, quando colocas os indicadores dos planos de desenvolvimento por ano, são avaliados a longevidade, o nível nutricional, educacional, saúde, renda familiar, mostram claramente que Moçambique é um dos 10 países mais pobres do mundo. Há evidências e não temos como negar que não temos conseguido fazer a redistribuição da riqueza de uma forma suficiente de modo a abranger toda a gente e que cada um possa dispor do mínimo em relação aquilo que afirmamos que está a crescer.

Esse desafio é de natureza político e de falhas de políticas de desenvolvimento no que respeita ao que dispomos e redistribuímos de modo que cada um possa dispor do mínimo para desenvolver o bem-estar.

O que está a acontecer é que o país está a desenvolver, aumenta o número de exportações, mas ao mesmo tempo o país nunca distribui aquilo que consegue encaixar, aquilo que são as contribuições fiscais resultado das exportações, redistribuir de modo que possa também envolver os pobres. Nós estamos com níveis de pobreza a rondar os 40 a 45 por cento, o que significa que há um sector privilegiado e que fica com o maior bolo nacional.

O país optou por políticas do Plano de Redução da Pobreza (PARP's), como estratégia política, no qual define uma posição ideal, e quando se olha para a realidade pode-se notar que há intenção de alívio da pobreza, mas a prática mostra claramente que há muitos desafios para que se consiga esse intento.

@Verdade – Isto significa que o Governo moçambicano não tem políticas próprias de desenvolvimento?

AM – Significa que o Governo embarca nas estratégias desenhadas pelos doadores internacional, apesar de não ter nenhum alinhamento com a realidade moçambicana. Alinhamento com aquilo que são as políticas de desenvolvimento.

E esse é um outro campo da governação, que é como se faz o alinhamento das políticas para que se possa ter uma linha coerente de desenvolvimento que permite que, ao conceber uma política como a de *jatropha*, se realize aquilo que é a política, a estratégia e os desafios do país. Então, ao longo dos anos, o que se observa normalmente tem sido essas políticas não articuladas com aquilo que é a exigência de desenvolvimento sectorial.

E repare que quando falamos da *jatropha*, estamos a falar da agricultura. E a agricultura é a estratégia chave de desenvolvimento deste país. Depois temos de ter consciência que a indústria é o par da agricultura, e deve-se reconhecer que nós temos cerca de 70 por cento da população que vive no meio rural e dedica-se à agricultura de subsistência, entretanto, sugiro à nossa elite pensante que melhore estratégias para que consiga favorecer de melhor maneira a agricultura e favorecer o desenvolvimento rural.

@Verdade – Justifica-se que num país com extensa terra arável a população passe fome e outras privações?

AM – Eu diria que em parte é pobreza estrutural, porque

com o potencial e o número de terra arável que temos, a resposta é que não poderia existir pessoas a viverem com fome cíclica, ou comunidades que tenham bolsas de fome. Como dizia antes, a agricultura é a base de desenvolvimento do nosso país, e devia-se desenhar políticas de modo a dedicar-se com maior esforço à produção agrícola e ao desenvolvimento rural, e acredito que se isso acontecesse poderíamos conseguir o mínimo para o auto-sustento das nossas comunidades.

Mas aí está o tal alinhamento com esses factores naturais. Deviam acontecer iniciativas de desenvolvimento na área de agricultura e no posicionamento do próprio produtor rural e agrário durante essas mesmas iniciativas de investimento que não acontecem.

@Verdade – Não acha que a culpa é da própria população que se deixa vencer pela preguiça?

AM – Não é verdade, a população nunca foi preguiçosa, mesmo nos locais onde não há estrada, mercados e investimentos em termos de maquinarias para a produção, as pessoas produzem e ao longo desses anos todos têm conseguido sobreviver, o que não acredito é que em Moçambique haja pessoas preguiçosas. O que pode haver são políticas que não integram as pessoas para que elas melhorem

as suas capacidades de produção. Cada família faz de tudo para manter o seu sustento, embora pouco, mas elas mantêm-se e têm técnicas rudimentares, e o desafio do Governo é aplicar técnicas e promover a extensão rural para que melhore as técnicas rudimentares para o crescimento da produção e da produtividade.

@Verdade – As ONG's nacionais a operar em Nampula não são fantoches?

AM – A pergunta é muito forte. O que pode acontecer, não diria que haja ou não haja, mas posso acreditar que há organizações onde há pessoas politicamente fortes. Agora se chegam a ser fantoches, não posso afirmar, por uma razão muito simples: a sociedade civil normalmente não tem estrutura hierárquica, tem as normais nas quais você se entrega a uma causa e entra nela, então pode haver alguém politicamente correcto e que não agrada a muitos e se afirma como sociedade civil com os seus fortes interesses comuns com a sociedade. Não se pode dizer, sim senhora, está é uma sociedade civil fantoche porque tem gente honesta.

Mas também quero dizer que há situações que têm a ver com a estruturação do Estado. Este país é democrático, é permitida a criação de partidos políticos, associações comunitárias e ONG's.

Publicidade

Quem quer tako vai ao BCI.

O Cartão de Crédito de todos os moçambicanos tem uma nova imagem.

Adira já ao Cartão tako e ganhe a oferta da primeira anuidade*. Saiba como numa Agência perto de si e ande sempre com tako no bolso.

BCI É daqui.

*Oferta válida para Clientes com depósito de salário no período, na actividade de primeira Cartão de Crédito.

COLO

Funcionários do Estado excluídos da sindicalização na Função Pública

Os funcionários do Estado que ocupam cargos de direcção, chefia e confiança, dirigentes superiores e entidades nomeadas pelo Presidente da República, funções e carreiras diplomáticas e de inspecção e os agentes com contratos por tempo determinado estão impedidos de se constituir em sindicatos, segundo a proposta de Lei de Sindicalização na Administração Pública em Moçambique, submetida à Assembleia da República (AR) pelo Governo para efeitos de aprovação.

Texto: Redacção

Esta norma não abrange os empregados com nomeação provisória, aposentados, expulsos ou demitidos e em gozo de licença ilimitada e registada.

A proposta de Lei de Sindicalização na Administração Pública em Moçambique exclui ainda os funcionários e agentes afectos à Presidência da República, às entidades responsáveis pela cobrança de impostos, ao comércio externo, às forças de defesa e segurança, aos serviços penitenciários, ao serviço nacional de salvação pública e às magistraturas.

Segundo a fundamentação do Executivo, o dispositivo em causa visa garantir a independência e autonomia a associações sindicais relativamente ao Estado, aos partidos políticos e às igrejas ou confissões religiosas.

Pretende igualmente consagrar o diálogo como principal mecanismo de participação dos funcionários e agentes do Estado na defesa dos seus interesses socioprofissionais e na formulação de políticas públicas, promover o princípio da gestão e organização democráticas nas próprias associações sindicais, garantir a estabilidade e continuidade da prestação dos serviços públicos, dentre outras medidas.

Esta Segunda-feira, 01 de Abril, a ministra da Função Pública, Vitória Diogo, foi ouvida pela Comissão da Administração Pública, Poder Local e Comunicação Social da Assembleia da República sobre a Lei de Sindicalização. Ela explicou que a abordagem à reunião de grupos sindicalistas em Moçambique obedeceu a várias etapas desde a elaboração da Estratégia Global da Reforma do

Sector Público, em 2001.

Contudo, a Comissão de Administração Pública, Poder Local e Comunicação Social da Assembleia da República alerta para o facto de que, dentre outros assuntos, o artigo três da proposta apresentada pelo Governo pode violar outros direitos dos cidadãos consagrados pela Constituição da República.

Algumas inquietações

Para Alfredo Gamito, presidente daquela Comissão, o projecto já foi debatido a vários níveis do órgão que dirige e um dos pontos mais discutidos tem a ver com a necessidade de se saber se as excepções e os limites impostos, no artigo três, sobre o âmbito, contrariam ou não as liberdades fundamentais plasmadas na Constituição da República.

“Nós julgamos que esse comando do artigo 3 (sobre as excepções) não é relevante e pode ser incluído na lei da greve”, disse Gamito, tendo afirmado que este posicionamento da sua Comissão é partilhado pela Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade.

Os deputados procuraram saber por que razão se exclui a sindicalização dos funcionários aposentados, com funções de direcção e os agentes do Estado com nomeação provisória. Sobre este último ponto, os representantes do povo entendem que este grupo já faz parte dos funcionários do Estado que por lei, depois de dois anos de período probatório, passam, automaticamente, para funcionários definitivos.

“A nomeação provisória é parte do ingresso na Administração Pública e é precisamente nesta fase que acontecem muitos problemas, como o da lentidão da nomeação, em que o agente contratado precisa da ajuda do sindicato”, disse o deputado José de Sousa, da bancada do Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

As respostas da ministra

Vitória Diogo explicou que os agentes com nomeação provisória não podem ter o direito de se reunir em grupo sindicalistas porque o seu contrato com o Estado é precário. Por conseguinte, também não têm direito a ser promovidos ou transferidos.

“Nós tivemos casos de agentes com nomeação provisória que entraram para o Aparelho do Estado e, antes de completarem os dois anos decidiram sair, o que já não acontece com os funcionários com nomeação definitiva que têm de pedir autorização e o Estado pode recusar”, aclarou a ministra.

Relativamente aos aposentados, a ministra defendeu que a sindicalização é um direito reservado aos funcionários no activo e não abrange os que já estão desvinculados do Estado. Por isso, o que eles recebem por mês chama-se pensão e não remuneração.

A não extensão desse direito aos funcionários com funções de direcção deve-se, segundo Vitória Diogo, ao facto de existirem trabalhadores que exprimem o sentimento da Administração Pública, na sua qualidade de empregadores e representantes do Estado na mesa de negociações.

Os inspectores também não se podem sindicalizar para evitar situações de conflitos de interesses, uma vez que eles têm de inspecionar tanto as actividades de dirigentes como as dos trabalhadores. Os funcionários ligados à diplomacia não são abrangidos porque se considera que representam o Presidente da República.



cutting through complexity™

Serviços de Auditoria Interna

KPMG é uma empresa com bastante know how em serviços de contratação e terciarização de contratos de auditoria interna, tanto a nível local como na arena internacional. O nosso objectivo é ser líder nos mercados que servimos e, especificamente, ser o número um em reputação no mercado moçambicano.

Os serviços de Auditoria Interna da KPMG Moçambique podem ser diferenciados pelos seguintes factores principais:

- Somos a líder no mercado moçambicano em auditoria interna;
- Usamos auditorias internas estrategicamente focadas na gestão de risco;
- Temos uma equipa qualificada e experiente em auditoria interna com experiência também em auditoria local e regional;
- Temos especialização na indústria e auditores treinados em diversos sectores que vão desde telecomunicações a ONG's;
- Acesso a competências especializadas para complementar o serviço de Auditoria Interna em áreas técnicas que exigem habilidades de especialistas, como a fiscal e legal.

A KPMG tem a capacidade, competência, profissionalismo, entusiasmo e motivação para parcerias no desenvolvimento de soluções de auditoria interna que agrega valor significativo para as organizações e contribui activamente para a consecução de seus objectivos estratégicos e do negócio.

Contacte-nos!

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, nº 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel.: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358
E-mail: mz-fminformation@kpmg.com



Cidadania

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Caros leitores, a Frelimo avaliou positivamente os municípios sob sua gestão, com um cumprimento de mais de 85% das actividades planificadas “o que pode traduzir-se no elevado grau de satisfação dos munícipes”.

Queremos saber que avaliação o nosso leitor, que vive num dos 43 municípios, faz do trabalho do seu edil. Envie-nos a sua apreciação e justifique aqui neste mural, por SMS para o 821111, ou por email para averdademz@gmail.com

Boaventura Carlos
Miller Martins vive em que nacala porto que tem agua? Uma coisa tem razao agora estao cheio d torneiras mais e agua cade??? Se realmente o tratamento hospitalar em nacala é nota 2000 entao voces estao no paraíso lembrando que tambem vivo em Nacala porto, uma coisa que melhora e muito e o serviço de transporte publico, e as respectivas estradas... 28/3 às 17:30

Miller Martin Em Nacala-Porto tudo está ótimo. Ninguém percorre mais 20 Km para o líquido “pernicioso”: temos torneiras em “popompo”. Candeeiros? - Deixamo-los de usar bem antes de Jesus Cristo ressuscitar. Atendimento hospitalar nota 2000! Enfermeiros e médicos veementes tropeçam sobre os seus próprios pés na disputa do paciente. Em vernáculo: Água e luz e saúde (serviços impecáveis). Já nem digo o Porto que facilita os nossos business da madeira. Ninguém mais sofre nas filas de espera para obtenção do talhão. Viva Frelimo. Viva! Gosto · 8 · 28/3 às 9:19

Nany Machava Qual eh o criterio que usou-se para fazer essa avaliação? Gosto · 7 · 28/3 às 9:05

Pedro Cossa kakakakakaka... pra dizer k o que se fez aki em Tete corespond a 85% do planificado, eu pensava k fosse o início, afinal ja é o fim!?! Gosto · 3 · 28/3 às 9:27

Lio Metallico Eu gosto de falar deste tipo de caso... É sempre bom ter auto-estima, frelimo é um partido que eu admiro bastante pela sua capacidade de analisar e pensar em nosso lugar, coisa que os outros partidos nao fazem, mas nao porque nao querem, mas sim porque nao sao “ALDRABOES” como este e aquele, indo ao tema que me chama atenção, a cidade de NPL é uma malária resultante dos mosquitos que actuam como dirigentes, a cidade dos buracos e simafóros avariados é dona de uma paisagem triste. Falar do edil, este nem se quer aparece na tv a falar coisa boa, comparado ao Sr. A. E.

Nilza Chipengure Eu sou da Beira faço parte dos 43 municípios? Eu posso dizer que esses 85% dizem respeito ao meu municipio. Poderia ser 95 se nao fosse a chuva que nao para. Gosto · 1 · 28/3 às 10:42

Decio Bissane Em Quelimane a avaliação está ser positiva apesar do partido frelimo estar a inviabilizar muita coisa,mas quando eles estavam no poder era uma vergonha total. Gosto · 2 · 28/3 às 9:15

Amina Momade em nampula a avaliação nao é positiva, para melhor o jornal pode questionar os munícipes desta urbe. Gosto · 1 · 28/3 às 9:06

Salvado Novela Matola- a estrada q nem 6meses tem em q foi reabilitada do troco

Guebuza, falar de negocios na china e fora é o prato forte, ou seja, temos um representante extremamente quieto. Façam chegar por mim: Queremos parques de diversao, que voces venderam para construir restaurantes, parques que voces deixaram morrer, e Sr. Namuaca, pare de falar de obras dos outros, queremos feitos reais e com provas daquilo que fizeste ca em Nampula, lembre-te que MILLENIUM CHALLENGE nao é do conselho Municipal de Nampula. Gosto · 2 · 28/3 às 23:30

Firmino Mazive Apreciacao negativa falando do desenvolvimento do Municipio da Matola, nao sei onde vao buscar os numero do bom cumprimento das actividades planeadas, nós somos o povo da Matotola nós votamos o actual Idil, na Matola nao se fez nada, além de boicotar projectos da anterior governacao, o Sr. Arao Nhandale, nao Fez nada, se nao vender dos poucos campos de futebol, que o Municipio tinha para dar lugar os condominios e empresas que estao a ter lugar naquela autarquia. A Matola na verdade c6nheceu nertes ultimos tempos uma estagnacao, o Idil nao faz nada alem de tomar whisky velho em todas as esquinas da Matola nao importa a hora nem o dia da semana. Gosto · 2 · 28/3 às 9:32

Decio Bissane Em Quelimane a avaliação está ser positiva apesar do partido frelimo estar a inviabilizar muita coisa,mas quando eles estavam no poder era uma vergonha total. Gosto · 2 · 28/3 às 9:15

Amina Momade em nampula a avaliação nao é positiva, para melhor o jornal pode questionar os munícipes desta urbe. Gosto · 1 · 28/3 às 9:06

Salvado Novela Matola- a estrada q nem 6meses tem em q foi reabilitada do troco

benfica-zona verde é simplesment uma vergonha tem corcundas e buracos. A estrada ou av. d khongolote esta sem sinalizxao epah xta td errado por aqui, axo q não exist edil por estas banda nem municipio e mt menx partido aqui. Transport pecimo... Drenagem são focos d moskto e malária. 28/3 às 11:58

Narzya Francelyna eish.eu vivo em boane e aki n ha municipio. 28/3 às 9:44

Orlando Chirrinze Uma coisa é avaliar o grau de cumprimento do manifesto eleitoral, outra é avaliar o impacto das actividades realizadas na melhoria da vida dos munícipes. Neste último aspecto, ainda há muito por se fazer. 28/3 às 9:31

Frio Santinno Onofre Chimoio ta mal, acacias servem d balneario publico, inundice acentuada. Policia complica a vida dos munícipe extorquindo-os. Td bad Gosto · 1 · 28/3 às 17:25

Abraão Neves algunx municipiox xtao pior k na era colonial.... Gosto · 1 · 28/3 às 13:05

Nelson Afonso Kem devia fazer a avaliacao somos nos, o povo k sabemos o k fomod prometido, o k nos deram e o k ainda keremos. Nesta ordem de ideia nada posso falar da minha kerida e adorada matola. Por aki nada xta feito pois do pouco k tinhamos antes agora a tendencia e de recuar p o maos negativo, como por exemplo: a cada dia k passa usurpam nos os poucos campos de futebol k temos, campos estes k formaram um consideravel nr das xtrelas de futebol de moz; as xtradas contruidas foram de pessima qualidade k em pouco tempo xtao degradadas. Os cemaferos em fora da ponta nao funcionam, os alunos xtudando fora e muito apertadas acabando alcando o nr de 80/turma. E muito mais k xtadesorganizado Gosto · 1 · 28/3 às 12:28

Ariel Sonto Matola nem parece ter edil! Gosto · 1 · 28/3 às 12:11

Armandito Namburete mentirosos.. Nem tem medo de afirmar coisas sem certeza. Falta tudo. Gosto · 1 · 28/3 às 10:53

Lawe Nunes Dinis Gorongosa 12% Gosto · 1 · 28/3 às 9:27

Paulo Tamele Municipio d xai xai esta abaixo de 10%. Eu protesto, protesto Gosto · 1 · 28/3 às 9:22

Fred Joaquim Nao se faz nada principalment matola k ha uma guera de poder,e nada se faz ,criaram 32 novos distritos pra gastarem o dinheiro do povo ,a frelimo aprovo com intencao d ter mas distrit nas suas maos 28/3 às 9:08

Kay'Fifty Rhymes Que satisfação qual quê...o caso da subida do preço de portagem fez parte da avaliação? Gosto · 1 · 28/3 às 9:04

Johnson Jose Manhique estao a dançar pandza.em cima do povo. Gosto · 1 · 28/3 às 9:22

Neto Saete Dados autenticamente viciados! Isto revela falta de humildade e desconhecimento total dos municípios em sua custodia!!! Sábado às 8:06

Samuel Braz Eu questiono: afinal o q tinha sido planificad p o municipio d Maputo? É nest mandato q s agravou o problema de transport (vimos pla 1a vez o vergonhoso facto d munícipes serem transportados em camioes cmo s d bois s tratass em plena Ciudad capital o q tira honra aos moçambcanos), estradas tornaram-s pessimas (casos + polemicos cmo rua da Beira até hj sm solução á vista),ests sao alguns exempls. A unica coisa q o municipio fez foi a demarcação d spaços p estacionamento rotativo p encherem bolso. So podem tar gozand com o povo. 28/3 às 18:56

Feliciadasdores Cesar Lichinga nota zero, estradas super danificadas, sem agua e kase tudo nao foi feit esses que dizem isso sao malandros e lambe botas e tem medo de entornarem sua farinh axo k melhor seria entrevistarem 1 os munícipes pra depois tirarem conclusoea enkant kelimane minha cidade natal essa se atingiu os 85. 28/3 às 18:17

Gércio Leite O grau de satisfacao é algo muito individualizado quanto a observacao, ora vejamos, estradas cheias de buracos, fraco ou saneamento inesistente. Bem quem ve sao os q dirigem... Mas a frelimo por mim cumpriu até % do planificado, mas nao me esqueco “A FRELIMO QUANDO PROMETE CUMPRE, por mais tarde que seja” 28/3 às 15:18

Gildo Ramos Zefanias Chichongue Nem falo do Chokwe! Mas vao culpar cheias! 28/3 às 15:13

José Valdemir os 85% sao pra todas

autarquias ou é pra cada? porque em chibuto vejamos no manifesto do partido e dopresidente a prioritaria era dar agua aos munícipes mas ate hoje xtamos sem agua. entao os 80% correspondem o que em chibuto? socorro venha entrevistar nosso camarada. 28/3 às 14:47

Nuno Sande Amadeu Ca na Beira houve melhorias significativas, arrisco nos 85%, apesar da chuva ter prejudicado o estado das vias de acesso. Mas nao duvido k nos proximos meses serao de trabalho arduo para tapar buracos causados durante a epoca chuvosa. 28/3 às 19:34

Manuel Lino Royá Nampula e exemplo prático, acreditem em mi, apesar de conhecer a imagem da cidade desse tmpo nus livro e na televisao., agora ta uma merda 28/3 às 13:08

Manuel Lino Royá Municipio d nampula ainda ta num mxm estado d tmpo colonial. 28/3 às 13:01

Ray Nhabinde Avaliacao negativa ao municipio d Maputo e Matola. Pouca coisa é planificada e feita em funcao da necessidade e demanda do povo. Agora em Maputo inventaram construcao d tais paragens q sao + p drenagem e lavagem d dnheiro q para atender a necessidade do povo, pekenas e mal cncebidas ñ obstant o facto d nem os tpm parar posicionados a estas. Ñ adianta falar do lixo, sistema d esgotos e drenagens pk ta como estampa e na inquietacao do passivo povo. 28/3 às 12:14

Hilario Tomas Quando se trata dum municipio, vem-me em mente alguns sectores de foco e de trabalho: -Infra estruturas, -agua e saneamento do meio, -transportes, -comercio, -ambiente de negocios, -etc.

A Frelimo devia auscultar a sensibilidade dos munícipes, que sao os cidadinos que se beneficiam do tal “bom desempenho”. Quem vê a qualidade das infra-estruturas, a evolucao dos transportes publicos, a recolha do lixo, os mercados; é o povo e nao a Frelimo. Na minha openiao se disserem que 85% faz parte da coleta de impostos e taxas, posso concordar, isto porque, tem sido agravados os valores referentes a taxas e impostos e os munícipes nao tem como fugir desta exigencia. Se calhar a FRELIMO, pode ter razao, mas deviamos ter acesso a esse relatorio, para pessoalmente avaliarmos os

indicadores usados. 28/3 às 12:12

Abdullah Abou Shakur Qual é a apreciação feita pa Ncl? Isto ta uma merda... A q cumprimento se refere, actividades no ponto prático ou em trmos de sujar volumes de papel pa contar mentiras... Ja é tempo desta desordem terminar e tomarem a consciencia de q nem tdo mundo é burro como alguns q de esforçam a provar o contrario... 28/3 às 11:37

André Fumo Qual foi o instrumento que usaram para medir esse desempenho? Que variaveis usaram e quantas foram? Essa e' uma percentagem politica e nao de execucao do planos que se calhar nem foram feitos. No municipio da matola eles devem ter uns 25% ou menos. 28/3 às 11:32

Armando Afonso Malace o municipio de maputo hehehe... para mim ainda nem comecaram. o que se ve agora sao eles a tentarem tapar os buraquinhos da julios nherere enquanto a rua da beira vai virando um posso sem fundo....12% eh o qu conseguiram em todo o mandato 28/3 às 11:12

Geldo Cossa xta mal isto Gosto · 28/3 às 10:22

Manuel Horacio Frengue Que vergonha, para ver que não constitui verdade ou ta longe dessa percentagem é so aproximarem-se a Matola. 28/3 às 10:14

Edvanyo Glamuroso Pe Descalço Matola => Nesse municipio esta tudo errado, até parece que o edil foi obrigado a oucupar o cargo a força 28/3 às 10:08

Fidel Uachisso Alguem precisa ir a massinga!!! 28/3 às 10:05

Geraldo Julio Mareleco Amigos, vamos deixar de sofrer ou dar ouvido a esses camaradas, apartir da agora vamos pensar noutra saida. Sempre deposei a esperanca neles mas nunca mais. Vamos envergonha-los no dia de eleicoes mesmo que seja em vao mas vamos todos votar contra. Cidade de Maputo 28/3 às 10:03

Edgar Titos bem eu penso k o presidente esta a ser enganado pk ele kmu ñ para ak n País os presidentes dos municipios enviam suas propositas + ele mal tem tempo d ler e é u k tbm acontece kdo se vai dar relatorio. Eu sou d C. Maputo e ñ thno u k comentar dest municipio mas as coisas vao d mal a pior... 28/3 às 9:50

Selo d'@Verdade

O “Polémico” Fim da Era “Guebuziana”

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a publicação desta opinião no @Verdade, e aproveitar também para congratular a mão que o mesmo estende ao informar os moçambicanos com um jornal de excelente qualidade (a cor) e a custo Zero. Isso é de louvar, que Deus abençoe toda a vossa equipa.

Afinal quem será o sucessor do Presidente Guebuza?

A era “Guebuziana” é dotada de muitas surpresas e mistérios no quadro Político do Partido, que até alguns que possuem o “Cartão Vermelho” no bolso só se admiram quando as coisas acontecem. O mistério da indicação do sucessor do Presidente Guebuza faz-me pensar que Guebuza pode vir a ser sucessor dele mesmo na presidência da República! Mas porquê?

Eis algumas razões:

1. Na história do Partido Frelimo Pós-Socialismo o Presidente da República é também Presidente do Partido. Quando estavam prestes a terminar os 10 anos do seu mandato, aquando do 10º Congresso, aconteceu o inesperado. O Presidente foi o único candidato à sua própria sucessão na liderança do partido!

2. O mistério na indicação do próximo candidato a Presidente da República (que até hoje não conhecemos faltando nove meses para 2014, ano das Eleições Gerais), e este facto coincide com a revisão da actual Constituição da República, que só dá 10 anos (equivalente a dois) mandatos ao Presidente, segundo os Números 3 e 4 do Artigo 147.

3. Se o 10º Congresso ditou a eleição do Presidente do Partido e uma vez que o mandato na Presidência da República está a findar, para quando a indicação do candidato à sua sucessão na Presidência da República? Não será o próprio actual Presidente da República, uma vez que a Presidência do Partido já está nas suas mãos e basta só na Revisão da Constituição mexer-se os números do artigo acima referido para estar tudo consumado??!

Há mais probabilidades de isso acontecer porque ainda se “esconde” o sucessor do mesmo. Apesar

de existir uma suposta lista (da qual constam os nomes de Pacheco, Mulémbwè, Vaquina, Aires Aly, etc.), o inesperado pode vir a acontecer, até porque a esta lista (que considero “Especulatória”) porque os próprios donos dos nomes, quando questionados sobre a sucessão do Presidente a resposta tem sido quase Universal: “Deixem a Frelimo Trabalhar, no momento oportuno vai indicar a pessoa certa.” Mas quem será essa pessoa?

4. O “novo” Candidato à Presidência da República tem uma enorme missão por cumprir. Ele deve efectuar visitas a quase todo o país, das cidades às zonas mais recônditas para se apresentar à população para que esta o conheça, e isto requer muito tempo, e não só. A cara de um candidato a Presidência da República é uma espécie de um “Marketing Político”, isto é, tem de haver mais tempo para que até aquela vovó de 87 anos consiga memorizar a sua imagem para não cometer um erro no dia das eleições!

Se é que o Partido Frelimo vai indicar o Candidato à Presidência da República, pedimos que o faça tão já, pois, queremos conhecer o nosso futuro “Pai da Nação”, e que ele também precisará de muito tempo para vir até nós dizer: “votem em mim!” Mas se for o mesmo (Armando Guebuza), não há necessidade de tanta correria, pois já o conhecemos!

“Toda a pessoa tem o direito de exprimir e de difundir as suas opiniões no quadro das leis e dos regulamentos”. (Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, Artigo 9).

“Os membros detêm a mais ampla liberdade de expressar a sua crítica e opinião, sendo-lhes exigido o respeito pelas decisões tomadas democraticamente, nos termos dos Estatutos”. (Estatuto do Partido Frelimo, Artigo 19)

“Todos os cidadãos têm direito à liberdade de expressão, à liberdade de imprensa, bem como o direito à informação”. (Constituição da República, Artigo 48)

Pedro Cossa

...Filósofos Moçambicanos: O conforto de um silêncio cúmplice

O rumo das mudanças em Moçambique, nos últimos anos, criou um quadro altamente desfavorável e desincentivador à prática e da intervenção filosóficas. A consciência crítica, quando existe, aparece como sendo algo desconfortável à mentalidade colectiva do “politicamente correcto” e os filósofos moçambicanos, dependentes que estão deste tecido social e das instâncias decisoras, parecem preferir o conforto de um silêncio cúmplice do que assumirem uma tradição pró-socrática e de denúncia da ignorância, da incompetência da mediocridade, da corrupção e da má gestão da coisa pública.

E quando interpelados por cidadãos, por pais, por vizinhos, por alunos, sobre a utilidade da Filosofia ou que andam realmente a fazer, os filósofos nacionais balbuciam uma resposta tímida, sem convicção e cheia de sentimentos de culpa.

Como esperamos que alguém compreenda o que se pode ganhar com a Filosofia, se a reacção dos pretensos protagonistas é esta? Como podemos esperar que alguém reconheça o valor dos filósofos, se é evidente a incapacidade de demonstrarmos inequivocamente que a Filosofia é algo indispensável em qualquer quadrante da vida pública de um país civilizado?

Aparentemente, desde que esteja garantido um subsídio à investigação, ou desde que o ordenado de cada um esteja assegurado, parece que isso é suficiente.

Daí que perguntamos: será que temos razão em perguntar porque não se sente a presença e a participação dos filósofos moçambicanos na vida cultural, desportiva, moral e política da sociedade moçambicana? Será que temos razão em

perguntar, finalmente, porque não há filósofos que liderem uma voz contra o estado actual de coisas em Moçambique? Será que os filósofos moçambicanos só servem para a sala de aulas, repetindo, imitando, copiando e memorizando Sócrates, Platão, Kant, Hume e outros até a morte? Será que o ensino da Filosofia é a única saída profissional para os filósofos moçambicanos?

Estas perguntas remetem-nos, obviamente, a um novo papel da filosofia porque ela não pode então ficar presa simplesmente como história copiada evitando, assim, o uso histórico-subjectivo servilmente imitativo como tem acontecido.

Por isso, a Filosofia é, agora, convocada a participar na totalidade da vida social. Está na hora de os filósofos saírem de seus guetos e ocuparem a cena pública sobre os novos desafios que se colocam no horizonte com a tarefa de apreender o tempo no pensamento, a de pensar Moçambique hoje.

Portanto, a Filosofia não é um corpo teórico de conhecimentos confinados à universidade. Ou seja, o pensamento confinado à mera contemplação e auto-satisfação, aquele aspecto complexo do saber de que apenas poucos tem acesso. Como também aquele enigma de conhecimentos a que somente os “escolhidos” têm acesso. É necessário responsabilizar o filósofo como o agente de mudança. Senão, no vão do pensamento o filósofo irá esquecer-se da questão pertinente feita por Kant: “O que posso fazer?” E não apenas “o que posso saber?”...

Comentário: Afinal temos filósofos em Moçambique?

Gaby Lomongo



VOCÊ pode ajudar! Seja um CIDADÃO REPORTER
Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!
Reporte através de um e-mail para averdademz@gmail.com



Comunicado

Cinema Olímpia:
Uma casa abandonada à sua sorte

O Cinema Olímpia, localizado no bairro de Xipamanine, em Maputo, transformou-se num covil de ratos, pois está há largos anos deixado ao deus-dará. Ninguém se pronuncia sobre aquele espaço que, nos anos de funcionamento, foi um lugar super-activo e de lazer, pois beneficiava em larga escala a população circunvizinha... do Chamanulo, Urbanização, sobretudo o bairro Indígena, na zona da Munhuana.

Mal a cultura de ir ao cinema se distanciou dos moçambicanos, com a invasão dos DVD's, muitas salas de cinema deixaram também de existir. E o Olímpia não escapou ao cenário. Ao redor desta sala, é notória a presença massiva de vendedores ambulantes e fixos e lá para dentro cheio de lixo, revelando um aspecto de total abandono, onde

se acredita que os ratos habitam com maior saliência.

Paradoxalmente, o que sucede com o cine Matchedje, sob a astúcia do Gilberto Mendes, Gil Vicente e Scala que acolhem espectáculos, e Xenon, nas mãos da Lusomundo, acredito que se devia salvar aquele espaço para também acolher eventos, pois a actual imagem do Cinema Olímpia é uma vergonha.

Apelo a quem de direito para que tome o assunto a peito e procure parceiros para reabilitar aquele espaço, com vista a dar uma imagem digna àquela zona daquele mercado histórico.

Alcides Bazima

Os patrões do momento

Eu confesso que não tinha entendido o significado do “(...) nós não precisamos de patrões estrangeiros. O nosso patrão é o maravilhoso povo moçambicano” do discurso do Presidente da Frelimo no encerramento da II sessão do Comité Central do seu partido, realizado na Matola. Mas, graças ao senhor Damião José, porta-voz da Frelimo, no programa “Linha Aberta” da “Êsse-Tê-Vê”, as minhas dúvidas e dívidas foram dissipadas.

Entendi: “Quando o PR diz que não precisamos de patrões estrangeiros e que o nosso patrão é o povo moçambicano ele está a querer dizer que temos que ter auto-estima (...) temos que valorizar o que é nosso e aquilo que nós fazemos. (...) nós andamos neste país real e fazemos os nossos relatórios também e temos que acreditar neles (...) não é um simples relatório feito por uma agência estrangeira que... blá, blá, blá...”

É isso aí brada, você e eu somos os patrões,

pese embora o empregado – vezes sem conta – mate os seus patrões indefesos com um tiro na testa. Temos que ter auto-estima mesmo com tiro na testa ou chumbeco no traseiro; madeira vazando para China; dinheiro sumindo do INSS/Educação; empregando curtindo Ford Ranger; bandido saindo da prisão por bom comportamento e regressando, no dia seguinte, por mau; etcetera; etcetera. Porque, afinal de contas, é esta a realidade que se vive no país onde você e eu somos patrões. Ser patrão assim não dá, né?

Coitada da tia Cidália que vive na República Anarquista de Nampula onde os verdadeiros patrões são nigerianos, malianos, tanzanianos, quenianos, e por aí fora. Patrões que o último relatório do IDH do PNUD os confirma como sendo realmente “the bosses of the moment”. Coitada mesmo!!!

Juma Aiuba

“Entrei na política de uma forma estranha”

Na história do país, muitas mulheres conseguiram “fintar” a pobreza e conquistar um lugar de destaque na sociedade moçambicana. Mas nem todas chegaram ao topo por mérito e sem dever favores a ninguém. Por isso mesmo, é de espantar a trajetória de Maria Angelina Enoque, chefe da bancada parlamentar da Renamo. Basta olhar para as suas conquistas para se aferir a dimensão da sua figura. Liderar a bancada parlamentar do maior partido da oposição, provavelmente o mais instável do panorama político nacional, é, sem dúvida, um grande desafio. Mas para a mulher que já realizou o sonho de ser professora, vergar diante de obstáculos, por maiores que eles sejam, é uma hipótese impensável. @Verdade conversou com a mulher que gostaria de mitigar o sofrimento das crianças órfãs e vulneráveis...

Texto: Redacção
Foto: Arquivo da família



“Passei literalmente do berço de ouro para o de capim. Os anos seguintes foram muito difíceis. Com uma mãe estrangeira (de ascendência zimbabweana), analfabeta e doméstica. Não foram momentos fáceis. Mas crescemos, eu e os meus irmãos, de tal maneira que fiz o ensino primário e não consegui ir ao secundário porque ela (a mãe) não tinha dinheiro”, conta.

O facto de a progenitora não ter condições para matriculá-la no ensino secundário, fez com que ela fosse frequentar o curso de formação de professores em Dondo, Sofala, em 1966, quando tinha 13 anos de idade. Na altura, o ingresso era feito com 14 anos de idade, mas com ela foi diferente porque já tinha concluído a quarta classe.

Estudou até ao terceiro ano (o curso durava quatro anos). Aos 17 anos interrompeu os estudos e regressou à província de Manica porque “naquele tempo o ingresso no Aparelho do Estado era feito com 18 anos de idade. Se eu concluísse o curso teria de ficar um ano sem fazer nada. Fiz uma espécie de estágio e voltei a Dondo para terminar a formação”.

Começou a trabalhar com 18 anos de idade como professora e o seu primeiro salário foi de 250 escudos “e a minha mãe reclamou pelo facto de eu ter estudado tanto para depois receber um valor como aquele. Eu não fazia parte do Aparelho do Estado porque o ingresso era feito por meio de um concurso. Mas não bastava só concorrer. Dependia também da sua avaliação. Na altura, uma colega minha teve 17 valores e eu 16. Ela foi admitida e eu só consegui entrar no ano seguinte, em 1977”.

Quando passou a pertencer ao quadro dos funcionários do Estado, o seu salário passou de 250 escudos para três mil. A primeira coisa que ela fez foi, na qualidade de irmã mais velha, melhorar a situação da sua família. “O meu pai era enfermeiro e como tal era transferido constantemente, o que fez com que ele não construísse uma casa. Dizia que não podia fazê-lo porque um dia estávamos aqui, noutro ali. Acabou por perder a vida e deixou-nos pendurados porque o Estado retirou-nos a casa na qual morávamos”.

Casou-se aos 19 anos de idade na cidade Chimoió, capital da província de Manica, e teve quatro filhos, sendo que o mais velho completará 41 anos de idade em Maio próximo, enquanto o outro perdeu a vida aos 33 anos.

Falta qualidade ao Parlamento

Em relação ao funcionamento e desempenho do Parlamento, a chefe da bancada da Renamo afirma que o mesmo está a cumprir o seu papel, que é de fazer leis, fiscalizar a sua aplicação e o Poder Executivo, mas, apesar disso, falta qualidade.

Conforme diz, como órgão legislativo, a Assembleia da República devia ter mais leis aprovadas da sua iniciativa e dá como exemplo o facto de as leis de iniciativa da “Casa do Povo” serem poucas quando comparadas com

as provenientes do Governo.

E explica: “A primeira razão é que os que estão no Governo sentem mais necessidade das leis, por isso propõem. E a segunda é que nós (os deputados) que vamos ao terreno não convertimos os problemas que lá encontramos em leis. Mas não o fazemos por vontade própria, mas sim devido à falta de assessores, condições materiais. Em qualquer Parlamento do mundo, o deputado tem assessores. Por exemplo, eu sou formada em en-

sino de língua portuguesa mas há casos em que aprovo leis que dizem respeito à economia. Eu apenas lido com a questão política, por isso preciso de alguém a quem eu possa consultar”.

Esta situação leva a que a sua bancada, muitas vezes, não aprove certas leis, optando por se abster ou reprová-las. “Não podemos fazer as coisas por cima do joelho. Há casos em que só temos um ou dois dias para apreciar uma lei na especialidade a nível das comissões”.



Foto: Urgel Manula

Destaque

O ingresso na faculdade

Com o advento da independência nacional, em 1975, ela vem para a cidade de Maputo na companhia do esposo, que perdeu a vida há quatro anos. Mas porque o curso de professores que tinha feito equivalia à sétima classe, decide regressar aos bancos da escola para concluir o ensino secundário e posteriormente ingressar no Instituto Superior Pedagógico, actual Universidade Pedagógica, onde se formou em ensino de Língua Portuguesa.

“Hoje sou técnica pedagógica. Ensinar é a coisa que mais gosto de fazer. É fascinante”, confessa, mas no meio desta paixão pelo ensino ela aponta uma lacuna no actual sistema. “O professor primário deve ser mais valorizado. Hoje olho para os meus netos e vejo que a qualidade de ensino decaiu bastante. Vejo pais que preferem matricular os filhos em escolas privadas mas, mesmo assim, têm de contratar um explicador particular”.

Em Maputo, Maria Angelina Enoque leccionou na Escola Primária 3 de Fevereiro, instituição da qual viria a ser directora pedagógica. É funcionária do Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (INDE) desde 1994.

A (estranha) entrada na política

A sua estreia na política dá-se em 1994, nas primeiras eleições multipartidárias, mas em circunstâncias, no mínimo, estranhas. “Eu tenho um irmão que permaneceu nas mãos da Renamo durante 16 anos. Nem sabíamos onde ele estava. Com a assinatura do Acordo Geral de Paz, em 1994, ele preferiu permanecer no Exército. Integrou as Forças Armadas de Defesa de Moçambique como elemento da Renamo e até hoje continua lá como general. Mas porque o país se preparava para realizar as primeiras eleições, no mesmo ano, ele inscreveu-me

como candidata a deputada pelo círculo eleitoral de Manica sem me consultar”.

“A mim só me disse que teria de usar o meu nome para uma certa coisa. Que se tratava de eleições não sabia. Quem me disse foi o meu filho que na altura se encontrava em Portugal a estudar. Ligou-me e disse que o meu

“A mulher tem um poder nato, só que nós não o exercemos, e por vezes o homem atrofia-o. Mas com essa abertura (e coragem para disputar o poder com o homem) acho que ela está a desempenhar o seu papel. E é necessário que ela esteja nos órgãos de tomada de decisão porque é mais sensível que o homem, principalmente nos aspectos sociais”.

nome constava da lista dos candidatos a deputados. Chegou a fase da campanha mas eu não fui porque não entendia nada de política e nem fazia ideia do que era”, acrescenta.

A estreia como deputada

Maria Angelina conta que no dia do anúncio dos resultados estava em casa e soube que tinha sido eleita deputada através da televisão. “Estava a ver o telejornal e quando ouvi o Professor Doutor Brazão Mazula (antigo presidente da Comissão Nacional de Eleições) fiquei emocionada, mas ao mesmo tempo preocupada porque ia fazer algo que jamais tinha passado pela minha cabeça: ser deputada”. E hoje está a cumprir o seu quarto mandato...



A inimiga da mulher é ela própria

Sobre o papel da mulher na sociedade, muito a propósito do Dia da Mulher Moçambicana, que se assinala no próximo dia 7 de Abril, a nossa entrevistada considera que a presença desta é imprescindível em todos os sectores da sociedade devido ao facto de ela ser mais sensível do que o homem.

“A mulher tem um poder nato, só que nós não o exercemos, e por vezes o homem atrofia-o. Mas com essa abertura (e coragem para disputar o poder com o homem) acho que ela está a desempenhar o seu

papel. E é necessário que ela esteja nos órgãos de tomada de decisão porque é mais sensível que o homem, principalmente nos aspectos sociais. Portanto, tem de haver equilíbrio”, defende.

Porém, apesar desta sensibilidade, Maria Angelina Enoque aponta um aspecto negativo. Para ela, a mulher é inimiga dela própria, e justifica: “Muitas vezes nós (mulheres) não somos capazes de acreditar na força, no poder e na capacidade de uma outra mulher. Torcemos o nariz quando é uma mulher a ser

eleita ou indicada, mas batemos palmas quando se trata de um homem e somos capazes de dar o nosso voto a um homem”.

E a razão deste (triste) cenário, na sua opinião, é a história de submissão e de atrofiamento do poder da mulher e “ultrapassar estas questões não é algo que acontece do dia para a noite. É um processo. Por isso, acredito que com o tempo a mulher vai tomar consciência de que a sua presença nos órgãos de tomada de decisão é de extrema importância”.



Nome:
Maria Angelina Dique Enoque
Data de nascimento:
18 de Abril de 1953
Ocupação:
Deputada e chefe da bancada parlamentar da Renamo
Círculo Eleitoral:
Manica
Signo:
Carneiro
Filhos:
4 (sendo que um deles perdeu a vida)
Escritores favoritos:
José Craveirinha, Ungulani Ba Ka Khossa e Paulina Chiziane
Hobbies:
Arrumar a casa, cozinhar, fazer trabalhos domésticos e ler

“...gosto de tomar conta dos meus filhos”

Maria Angelina Enoque considera-se uma mulher como qualquer outra, mas que gosta de ver as coisas no seu devido lugar. Nos seus tempos livres, embora diga que não os tem (está há quase 20 anos sem férias), gosta de arrumar a casa, cozinhar e fazer trabalhos domésticos. E tem um defeito: não consegue dormir ou descansar de dia, e “isso deve-se à educação que tive. Naquela altura não era admitido que uma mulher dormisse de dia”.

Gosta também de ler e tem José Craveirinha, Ungulani Ba Ka Khossa e Paulina Chiziane como escritores favoritos. Ler poesia é também o seu hobby.

Como mãe, “gosto de tomar conta dos meus filhos. Se calhar acabei por ser uma mãe dura para eles porque tive que ser mãe e pai ao mesmo tempo. Fiz questão de lhes dar o que não pude ter. Não tive bonecas, por exemplo, pelo menos aquelas convencionais”.

Em relação ao prato favorito, ela não dispensa a xima de farinha de milho pilada acompanhada de verdura, peixe seco ou quiabo.

É uma apreciadora da música tradicional mas diz que a mesma tem de ser calma e ter uma boa mensagem. “Não gosto de artistas bajuladores. Nós perdemos intelectuais que cantavam os problemas do povo, tal é o caso de Jeremias Nguenha, Eugénio Mucavele, entre outros. De resto, estes e outros artistas com o mesmo género musical constituem a nata de músicos que gosto de escutar. Apesar de não entender a língua, sou uma admiradora da Zaida Chongo”.

Sonhos

O seu sonho de sempre foi ser professora, que já concretizou. Hoje, alimenta um outro mas que não pode realizar por falta de fundos: ter um colégio interno onde pudesse receber crianças e educá-las de tal maneira que os pais ficassem despreocupados. “Gostaria também de ter um orfanato para colocar os petizes desfavorecidos que, devido à sua condição, não podem sonhar”.

Polícia angolana impede manifestação e prende activistas

Uma manifestação destinada a denunciar o desaparecimento de dois activistas políticos angolanos, marcada para este sábado em Luanda, não se realizou por intervenção das forças de segurança. De acordo com dados recolhidos pelo jornal PÚBLICO, alguns dos que se preparavam para se manifestar foram detidos (entre eles o músico Luaty Leitão) e os outros dispersados.

Texto: Jornal Público de Lisboa • Foto: Lusa

O protesto foi organizado pelo Movimento dos Jovens Revolucionários para denunciar a prisão/desaparecimento de dois activistas, Isaiás Kassule e Alves Kamulíngue, envolvidos nos preparativos para uma manifestação de protesto contra o Governo em Maio do ano passado. O seu paradeiro é desconhecido até hoje e os seus nomes são mencionados no documento do Comité dos Direitos Humanos das Nações Unidas que critica o Governo de Luanda nesta matéria.

“Na senda das detenções dos jovens que pretendiam manifestar-se, neste sábado, eis o balanço provisório: 18 detidos”, lia-se na página do Facebook do Movimento (nome da página: Central Angola), que dava alguns nomes dos detidos, entre eles Manuel Nito Alves, opositor ao Governo do Presidente José Eduardo dos Santos, que terá sido detido horas antes da manifestação. “Luaty Beirão, Adolfo Campos e Mauro Smith foram detidos e outros foram dispersados”, continua o relato do Movimento dos Jovens Revolucionários no Facebook.

A meio da tarde a Central Angola dava conta da libertação de alguns detidos, entre eles Mauro Smith.



A ONU criticou na semana passada Luanda pelo desaparecimento de activistas políticos e pela existência de execuções sumárias, e pediu às autoridades para acabarem com “a impunidade das forças de segurança”. As críticas foram feitas pelo Comité de Direitos Humanos das Nações Unidas, que avaliou a aplicação do Pacto Internacional dos Direitos Civis neste país.

Na semana passada, relata a rádio Voz da América em Angola, o ministro angolano da Justiça e Direitos Humanos, Rui Mangureira, esteve em Genebra – a cidade suíça onde se situa a sede daquele organismo da ONU – a apresentar o relatório do seu Governo sobre a aplicação do pacto. O Comité dos Direitos Humanos, depois de ouvir este responsável e verificar outros dados, expressou estar “preocupado com informações de execuções arbitrárias e extrajudiciais pelas forças de segurança”, sobretudo na província de Huambo em 2010 e numa ofensiva contra a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) no mesmo ano. Alguns dirigentes da FLEC foram raptados, tendo sido depois encontrados mortos.

A crítica menciona também a “preocupação” da ONU sobre notícias quanto ao desaparecimento de pessoas em protestos em Luanda em 2011 e 2012 e a Voz da América acrescenta que desapareceu mais um activista, que terá “assistido ao rapto de Isaiás Kassule”. Chama-se Alberto António dos Santos.

O documento diz que o Comité de Direitos Humanos menciona ainda relatos de violência sexual cometida pela polícia e forças de segurança contra imigrantes ilegais congolese durante o processo de expulsão, recomendando às autoridades que investiguem os abusos e que garantam a protecção das pessoas que aguardam deportação.

34 mortos por colapso de edifício em construção na capital da Tanzânia

O total de mortos do colapso de um prédio em construção no centro de Dar es Salaam, capital da Tanzânia, é de 36 pessoas, disse um responsável esta terça-feira, acrescentando que as operações de resgate terminaram.

“Paramos as operações de resgate. O saldo final é de 36 mortos”, disse à AFP Mecky Sadicky Saidi, prefeito da região de Dar es Salaam.

Segunda-feira foi avançada a informação de que tinham sido achados 34 mortos. Nas primeiras horas, após o acidente, na sexta-feira, 18 pessoas foram encontradas vivas.

As autoridades dizem que 60 pessoas ficaram soterradas sob toneladas de ferro de construção, cimento e madeira quando o edifício de 15 andares desabou Sexta-feira às 08h45 locais. Desde então, centenas de pessoas estiveram a trabalhar dia e noite para encontrar vítimas, muitas delas crianças de uma creche vizinha daquele edifício em construção. /Por Redacção/Agências

Soldados sul-africanos traumatizados face ao abate de crianças-soldado na República Centro-Africana

Soldados sul-africanos sobreviventes do ataque rebelde que culminou com a tomada de Bangui e, conseqüentemente, da República Centro-Africana, encontram-se traumatizados depois de descobrirem que a maior parte dos rebeldes por eles abatida era constituída por crianças-soldado.

Texto: Milton Maluleque

No que é descrito como a maior baixa militar depois do regime de segregação racial (Apartheid) 13 soldados foram mortos há semanas em Bangui, em confrontos com o movimento rebelde Seleka que derrubou o Presidente François Bozizé.

Um efectivo de 200 soldados sul-africanos travou um combate com mais de 3 mil rebeldes, ao longo da batalha de tomada da capital da República Centro-Africana, que durou muitas horas. Alguns sobreviventes que regressaram à África do Sul alegaram que descobriram depois do confronto que mediram forças contra crianças-soldado do campo rebelde.

“Foi depois do cessar-fogo que descobrimos que havíamos tirado a vida a crianças. Não nos deslocámos àquele país para isso... para matar crianças. Isto deixa-nos desconfortados. Eles estavam a chorar e a pedir socorro... gritando pelas suas mães. Alguns rebeldes da República Centro-Africana são adolescentes e deveriam estar na escola”, disse o pára-quedista ao *Sunday Times*.

Já no semanário *City Press*, um soldado afirmou que grande parte dos rebeldes “era constituída por crianças”. Os dois jornais escrevem ainda que o contingente

sul-africano destacado para a República Centro-Africana estava já sem munições e a administração de Zuma está a receber duras críticas e perguntas relativamente aos motivos por detrás do envio de tropas àquele país.

O Estadista sul-africano foi um dos convidados a participar na Cimeira Extraordinária da Comunidade Económica da África Central, CEAC, que teve lugar na última quarta-feira a convite do Presidente do Tchad, Idriss Deby Itno.

De referir que sem consultar o Parlamento, o Presidente Jacob Zuma, aprovou o envio de 400 efectivos para a República Centro-Africana, com a missão de apoiar as forças armadas locais, em cumprimento de um pacto bilateral assinado com a administração ora deposta de Bozizé. Contudo, somente 200 soldados viriam a ser enviados.

Enviar os rebeldes ao TPI

O secretário-geral do sindicato dos militares, Pikkie Greeff, apelou ao Governo de Jacob Zuma para se aproxime do Tribunal Penal Internacional a de se julgar o homem forte da República Centro-Africana, Michel Djotodia, depois de os jornais locais terem

reportado o envolvimento de petizes na guerra. “A inclusão de crianças-soldado em actos de guerra e de agressão é uma clara violação aos direitos humanos e um crime internacional”, afirma.

Greeff, defendeu ainda que o Governo sul-africano tem matéria suficiente para se aproximar do TPI contra Djotodia.

ANC no negocio de diamantes

“Nós não estamos no negócio de diamantes, nós estamos no negócio de política”, disse Jackson Mthembu, porta-voz do partido no poder, o Congresso Nacional Africano, ANC, que respondia ao artigo publicado no *Mail & Guardian*, segundo o qual os militares sul-africanos foram destacados para a República Centro-Africana porque o ANC tem interesses.

O jornal alega que Didier Pereira, conselheiro especial do derrubado Presidente François Bozizé, foi parceiro no monopólio da exportação de diamantes, com o homem forte do ANC, Joshua Nxumalo.

Em 2006 Pereira assinou um memorando de entendimento com o Ministério das Minas da administração de Bangui, deno-

minado MOU. A intenção era de se criar uma parceria público-privada, a Inala Centrafrique. A companhia sul-africana, Serengeti Group, da qual Nxumalo é o accionista maioritário, adquiriu cerca de 65% de acções.

A Inala tentou adquirir o controlo da mineração de diamantes na República Centro-Africana, o que não se viria a efectivar, em Março de 2008, segundo o *Mail & Guardian*. Mthembu afirmou que o ANC não era um dos signatários do MOU.

“Esta questão iniciou em 2006 Pelo que sei, o ANC não é signatário dessa parceria... O partido não detém interesses na República Centro-Africana Não temos conhecimento do que está escrito no acordo. O ANC não tem comentários em torno do envio de tropas àquele país, somente o Governo é que se pode pronunciar a respeito do assunto”, explicou.

Mthembu enfatizou ainda que o acordo em destaque foi assinado anos antes de Jacob Zuma chegar ao poder, tendo assegurado que teria tido lugar no consulado de Thabo Mbeki e que as pessoas que podem explicar os motivos do envio de tropas não é o partido, mas sim o Governo e o Ministério da Defesa.

ONU aprova tratado sobre comércio de armas convencionais

A Assembleia-Geral das Nações Unidas adotou esta Terça-feira (2) o primeiro tratado sobre o comércio de armas convencionais, mas vários dos actores principais deste mercado abstiveram-se durante a votação.

Texto: Redação/Agências

A resolução que disponibiliza o tratado, para ser assinado a partir do mês de Junho, foi adoptada por 154 votos a favor e três contra (Síria, Coreia do Norte e Irão). Ao todo, foram 23 os países que se abstiveram, incluindo os principais exportadores de armas (Rússia e China) ou principais compradores (Egipto, Índia e Indonésia).

Sete anos depois do início da sua discussão, este tratado entra para a história como o segundo texto internacional ao nível planetário sobre desarmamento, sendo o primeiro aquele que proíbe os ensaios nucleares e que foi votado em 1996 – EUA e China assinaram mas não ratificaram.

Depois de, na semana passada, os 193 membros da ONU não terem conseguido chegar a um acordo por consenso sobre o texto de 15 páginas, os dez dias de negociações em Nova Iorque foram dados com terminados e foi agendada a votação da Assembleia-Geral, onde a maioria votou a favor de um documento destinado a moralizar o comércio de armas e um mercado mundial avaliado em 80 mil milhões de dólares.

A partir de agora faltam as assinaturas. Cada país é livre de assinar ou não o tratado e de o ratificar ou recusar-se a fazê-lo. O texto entra em vigor a partir da 50ª ratificação, o que poderá demorar cerca de dois anos, segundo diplomatas ouvidos pela AFP. A Rússia já foi um dos países que disse que poderá não assinar o tratado.

O princípio do tratado é que cada país avalie, antes de qualquer transacção comercial, se as armas vendidas correm o risco de ser utilizadas para contornar um embargo internacional, cometer “violações graves” dos direitos humanos ou de serem desviadas para proveito de terroristas ou criminosos. Se for o caso de algumas destas situações, não deve ser autorizada a transacção dessas armas.

O armamento em causa vai de simples pistolas a aviões e navios de guerra, passando por mísseis. O tratado diz respeito às transacções internacionais e não às legislações nacionais.

Em Março morreram 6000 pessoas na Síria

O mês em que se completaram dois anos desde o início da revolta foi o mais mortífero, diz o Observatório dos Direitos Humanos.



Texto: Redação/Agência • Foto: Ahmed Jadallah/REUTERS

A ONU também já tentou contar os mortos da Síria mas quem o faz dia após dia, desde o princípio, é o Observatório dos Direitos Humanos, uma ONG com sede em Londres e com uma rede de activistas e médicos no país: segundo o observatório, Março foi o mês mais mortífero desde o início da revolta, com mais de 6000 mortos.

“Pelo menos 6005 pessoas morreram em Março. Entre elas, 2080 são civis, incluindo 298 crianças de menos de 16 anos e 291 mulheres”, afirmou o director desta organização, Rami Abdel Rahman. O remanescente dos mortos divide-se entre 2074 rebeldes (destes, 86 são soldados que desertaram) e 1464 membros das forças do Governo.

Entre as vítimas nas fileiras dos rebeldes há 588 pessoas cujas identidade o observatório não conseguiu verificar, incluindo “um grande número de combatentes não sírios”.

Março foi o mês em que se completaram dois anos do início da revolta. Depois de alguns protestos com poucas pessoas em Damasco, ao longo de Fevereiro, 15 de Março de 2011 foi o dia em que milhares saíram à rua na cidade de Deraa, no sul da Síria, em protesto contra a prisão e tortura de 15 miúdos que tinham escrito “o povo quer a queda do regime” na parede da sua escola.

O Observatório dos Direitos Humanos sírio, que apoia a oposição a Bashar al-Assad, sabe que peca por defeito. Desde Janeiro que quem quiser sabe o mesmo: foi no início do ano que as Nações Unidas anunciaram ter descoberto que os mortos já eram mais de 60 mil, numa altura em que o grupo de Abdel Rahman só tinha confirmado a morte de 46 mil sírios.

Quando anunciou as suas conclusões, a partir do cruzamento de dados de sete fontes, a ONU também disse que o ritmo da morte, oito vezes superior em 2012 ao que tinha sido em 2011, estava a aumentar.

Já em Março, a Foreign Policy escreveu que desde o início de Dezembro estão a morrer na Síria 149 pessoas por dia, uma média superior às piores fases de violência no Iraque, entre 2005 e 2007. A revista baseou-se em dados do Brookings Institution: segundo os números iraquianos do *think tank*, em 2006 morria no país uma média de 3374 iraquianos por mês, 111 por dia.

Até agora, o Observatório dos Direitos Humanos conta 62.594 mortos, incluindo 30.782 civis. Contabilizados são apenas aqueles cuja morte está documentada a partir de diferentes fontes – e até há pouco tempo, só eram registados os que a ONG conseguia identificar, igualmente através de documentos diferentes.

De fora ficam, por exemplo, as milhares de pessoas que sabe terem desaparecido depois de serem presas, ou muitos membros das Shabbiha, as milícias pró-regime.

“Estimamos que já tenham morrido umas 120 mil pessoas”, diz Abdel Rahman. “Muitas mortes são difíceis de documentar, por isso não as incluímos oficialmente.”

Aos 50 dias de greve de fome, presos de Guantánamo “sentem a morte a chegar”

Protesto no campo prisional norte-americano ganhou proporções inéditas e está relacionado com ofensas ao Corão.

Texto: Redação/Agências

Abdalmalik Wahab, de 33 anos, 11 dos quais passados na prisão norte-americana de Guantánamo, está em greve de fome há 50 dias. Tal como o seu compatriota iemenita Uthman Uthman, também ele perdeu 20 quilos num protesto destinado a denunciar a profanação dos seus livros do Corão. Dizem os dois que “sentem a morte a chegar”.

Os dois prisioneiros, enfraquecidos pelo jejum, têm vindo a ser alimentados à força pelos guardas da prisão. Um e outro falaram na passada sexta-feira com o seu advogado, David Remes, por telefone. Cada um teve uma conversa de cerca de hora e meia com o advogado, que resumiu algumas das declarações dos detidos à agência AFP.

No passado dia 6 de Fevereiro, durante uma busca de “rotina”, segundo as autoridades da prisão, foram confiscados objectos pessoais dos detidos e os livros do Corão foram examinados de uma maneira que os prisioneiros consideraram ser “uma profanação religiosa”.

Desde esse dia, Abdalmalik e Uthman cum-

prem uma greve de fome que envolve, segundo vários advogados, a vasta maioria dos cerca de 130 detidos do Campo 6, conhecido por ser um dos menos radicais de Guantánamo. Entre os que estão presos naquele local, encontram-se 86 homens considerados “libertáveis” pela Administração Obama.

Para David Remes, que defende 15 presos, 13 dos quais em greve de fome, o movimento de protesto “não tem precedentes, tanto pela sua amplitude, como pela duração e determinação”.

As autoridades militares davam conta, na passada sexta-feira, de 37 grevistas num total de 166 detidos na prisão, um número quatro vezes maior do que o que tinha sido apresentado no primeiro balanço do protesto feito no dia 11 de Março.

Segundo o porta-voz da prisão, o capitão Robert Durand, 11 dos grevistas estão a ser alimentados à força através de tubos e dois deles foram hospitalizados para reidratação e observação.

Uthman, de 45 anos, contou ao seu advogado como foi alimentado à força, depois de ter sido amarrado a uma cadeira de rodas. Diz ter vomitado sangue e perdido os sentidos. Transferido há quatro semanas para o Campo 5, onde estão detidos os presos em celas disciplinares, Uthman tem acesso a garrafas de água, mas os advogados denunciaram a privação de água potável e as temperaturas “extremamente frias” impostas para tentar travar a greve de fome. As autoridades militares desmentem categoricamente estas alegações.

Uthman disse ao seu advogado que os outros prisioneiros não confiam nem no novo comando da prisão nem no Comité Internacional da Cruz Vermelha, que visitou Guantánamo mais cedo do que o previsto por causa da greve. A Cruz Vermelha é a única organização autorizada a encontrar-se com os detidos daquela prisão situada na ilha de Cuba. “Ninguém fala com eles”, disse Uthman ao advogado David Remes.

Os presos “sentem a morte, sentem que a

morte está a chegar”, disse Abdalmalik na sua conversa com Remes. Para ele, só um acordo sobre a manipulação do livro sagrado vai convencer os grevistas a retomarem uma alimentação normal. “Queremos regras claras”, disse o iemenita. “Ninguém vai esconder nada no Corão. Eu não vou esconder nada no Corão, preciso dele para viver”, sublinhou Abdalmalik para explicar que nenhum preso quer correr o risco de ser privado do livro sagrado na sua cela.

Mas, se para muitos o fim dos “insultos” ao Corão bastaria para terminar a greve de fome, outros detidos poderão decidir continuar com o protesto. “É a expressão última do meu desespero”, já que a possibilidade de algum dia virem a ser libertados é cada vez mais longínqua, diz David Remes. “Os grevistas estão determinados a ir até ao fim”, garante o advogado.

“Diga à minha família para me perdoar se eu morrer”, pediu Abdalmalik antes de terminar a conversa com Remes.

África do Sul: Sociedade civil defende que os abusos sexuais nas prisões são comuns e brutais

As violações sexuais nas cadeias sul-africanas tornaram-se uma forma aceitável de castigo aos detidos e o Ministério dos Serviços Correccionais nada faz para alterar este triste cenário, defendem as organizações da sociedade civil, tais como a Rede de Justiça do Género (Sonke) e o Grupo de Detenção Internacional (JDI).

Texto: Milton Maluleque

Em Outubro do ano passado, McIntosh Polela, que na altura ocupava o cargo de porta-voz da Polícia de Investigação de Elite, Hawks, escreveu na sua conta do Twitter, aquando da condenação do músico Molemo "Jub Jub" Maarohanye o seguinte: "Acredito que os fãs de Jub Jub irão oferecer-lhe um frasco de vaselina para levar consigo à prisão."

Polela, que viria a ser suspenso semanas depois, deixou ficar um sentimento generalizado de que as violações nas prisões acontecem sem que ninguém diga nada e que é, de facto, parte da sentença por se cumprir na prisão.

De lembrar que o rapper Jub Jub foi condenado a 25 anos de prisão pela morte de quatro petizes e pelo facto de ter deixado duas crianças que viverão para sempre com danos cerebrais. Este caso aconteceu a 8 de Março de 2010, quando o músico e um amigo seu, Themba Tshabalala, sob efeito de drogas, fizeram corridas ilegais em plena estrada de Protea North, Soweto, o que resultou no atropelamento de um grupo de petizes que regressava da escola.

Ocorrência das violações

Apesar de as violações sexuais ocorrerem em grande parte entre colegas de cela, há inúmeros casos em que os detidos são violados pelos próprios guardas prisionais. Este triste cenário está enraizado no sistema prisional sul-africano, e as organizações da sociedade civil alegam que a lei vigente no sistema correcional mostra que as autoridades prisionais não têm nenhum plano para prevenir este mal e que não existe nenhum artigo que aborde este assunto ou mesmo que preconize uma formação dos guardas prisionais para lidarem com este tipo de situações.

Às organizações Sonke e a JDI foi-lhes incumbida a responsabilidade de resolver este problema, desde a monitoria e distribuição de preservativos nas cadeias, pesquisa da prevalência das violações sexuais, até à capacitação dos guardas e a prestação de assistência às vítimas.

A mais notória acção deste grupo de organizações da sociedade civil tem a ver com a colaboração entre a JDI, Centro dos

Estudos da Violência e Reconciliação e o Ministério dos Serviços Correccionais, na criação de uma rede de trabalho para lidar com casos de abuso sexual dos detidos nos centros correcionais. O documento que resulta deste trabalho irá determinar como prevenir, detectar, responder e monitorar a violência sexual nas prisões.

Entretanto, desde Outubro de 2010, quando o referido documento foi entregue aos serviços correcionais, o grupo envolvido tem tido dificuldades em determinar a localização do mesmo devido à burocracia do ministério.

Caso lastimável

Em Agosto do último ano, quando a Sonke e a JDI lançaram o guião de capacitação dos guardas prisionais em matérias de abusos sexuais na Cidade do Cabo, o juiz inspector dos serviços correcionais, Vuka Tshabalala, que é o responsável pela monitoria das violações dos direitos humanos nas prisões, aparentava estar a dormir ao longo do debate.

Convidado a comentar em torno deste episódio, o gestor nacional da fiscalização dos serviços legais, Umesh Raga afirmou que "o juiz inspector havia viajado para Durban antes de se deslocar à Cidade do Cabo, onde teve uma agenda sobrecarregada. O facto de os jornalistas defenderem que este estava a dormir e a roncar não constitui verdade. Ele sofre de uma doença que tem como um dos sintomas a sonolência, mas isso não afecta as suas faculdades mentais."

Não existe até o momento uma investigação oficial quanto aos abusos sexuais nas prisões a nível nacional. Os dados disponíveis são de autoria da sociedade civil e de pesquisadores independentes.

Os vulneráveis

Um estudo relacionado com os reclusos determinou que existem certas características que fazem com que os prisioneiros sejam mais vulneráveis a abusos sexuais, tais como a baixa estatura e a boa aparência, bem como o facto de não receberem visitas e serem provenientes de uma família pobre.

Estes factos foram tornados públicos em 2006, durante o inquérito da Comissão Jali, que investigava a corrupção no Ministério dos Serviços Correccionais, que chegou a caracterizar os abusos sexuais de "actos horribéis...que são o pão de cada dia das nossas prisões", informação que virou manchete em vários jornais nacionais

Durante a sindicância, ficou-se a saber que os guardas prisionais chegaram a "vender" um detido menor e vulnerável a uma quadrilha dentro da prisão. A comissão reportou também que as vítimas do abuso sexual eram maltratados, considerados culpados e responsáveis por se deixarem violar. Em certos casos, os detidos reportaram que eram forçados a praticarem sexo oral com os guardas em troca de privilégios.

O documento final do inquérito mostrou ainda que vários casos de vítimas das violações sexuais não eram bem acompanhados pelas enfermeiras prisionais, que simplesmente participam a queixa sem, no entanto, seguir o caso.

O último relatório da Inspeção Judicial dos Serviços Correccionais, que retrata o estado das prisões sul-africanas, destaca a superlotação das cadeias, que é estimada em 200%, mostrando ainda que cerca de 17% dos reclusos passam mais de um mês sem

acompanhamento médico.

O documento mostra ainda que a falta do pessoal médico nas prisões evidencia que não existe nenhum acompanhamento após as violações e muito menos testes do HIV ou de outras doenças sexualmente transmissíveis.

Quatro milhões de randes para os violados

O relatório anual do Ministério dos Serviços Correccionais, incluindo o mais recente publicado nos últimos dias de 2012, não mostra diferença nas estatísticas de agressões e violações sexuais, não cumprindo, consequentemente, os apelos feitos ao longo dos anos por parte das organizações da sociedade civil, que defendem a importância da separação dos números dos agredidos, dos violados sexualmente. O que o documento mostra é que no ano passado se pagou mais de 4 milhões de randes de indemnização aos reclusos violados.

Na última pesquisa governamental datada de 2007, levada a cabo pela Inspeção Judicial aos Serviços Correccionais, estudo envolvendo cerca de 750 reclusos, 7% dos inquiridos alegaram terem sido assediados sexualmente, 25% defenderam que as violações sexuais ocorrem "frequentemente" e mais da metade destacou que estes abusos acontecem de vez em quando.

O número dos violados sexualmente nas prisões não pode ser determinado com exactidão devido à possibilidade de as vítimas não apresentarem as ocorrências às autoridades. Dados oficiais indicam que cerca de 81 casos de abusos sexuais foram reportados de Abril de 2012 a Fevereiro de 2013.

Vitória de Kenyatta confirmada no Quênia mas há apoiantes de Odinga que não aceitam

O Primeiro-Ministro queniano, Raila Odinga, aceitou a vitória do seu adversário nas presidenciais, Uhuru Kenyatta. Mal o Supremo Tribunal do Quênia validou os resultados, disse, em conferência de Imprensa: "Desejo tudo de bom ao Presidente eleito e à sua equipa".

Texto: Redacção/Agências • Foto: REUTERS

Nem todos os seus apoiantes se resignaram. Em Kisumu, uma das praças fortes de Odinga – na zona oeste do país, dominada pela tribo a que pertence, os Luo –, duas pessoas foram mortas a tiro nos motins que eclodiram e em que se enfrentaram manifestantes (sobretudo jovens, relatava a AFP) e a polícia.

Cenas idênticas ocorreram em Homa Bay, na mesma zona do país: a multidão que saiu à rua incendiou pneus, partiu montras e atirou pedras à polícia. Ao final da tarde, a AFP relatava que motins semelhantes começavam nos bairros de lata nos arredores de Nairobi, a capital do Quênia.

Odinga contestara as presidenciais de 4 de Março, considerando que houve irregularidades no escrutínio – uma série de avarias informáticas fizeram anular muitos votos; a dada altura estes começaram a ser contados manualmente, método que rejeitou menos boletins do que o processo informático.



Mas Odinga apelou imediatamente aos seus partidários para manterem a calma, tentando evitar um banho de sangue, como aconteceu nas últimas eleições – a violência tribal, luos contra kikuyus (o lado de Kenyatta e que representa a maioria dos eleitores; também há masai, mas no Quênia são muito poucos), matou 1200 pessoas.

"O tribunal pronunciou-se. Cabe agora ao povo queniano, aos líderes, à sociedade civil, ao sector privado e aos meios de comunicação social assegurarem a unidade, a paz, a soberania e a prosperidade da nação", disse ainda Odinga, segundo a Reuters, que destacava a diferença de ambiente entre as eleições de Março e as de 2007. Ao contrário de então, quando as eleições também foram contestadas, o derrotado

(Odinga) apelou aos tribunais. Em 2007, a batalha travou-se nas ruas, com bastões, catanas e armas de fogo.

Porém, esta decisão do tribunal levanta um problema diplomático ao Ocidente que tem no Quênia um parceiro comercial – é também um importante aliado para o Ocidente no equilíbrio das influências em África, onde cresce a presença chinesa – e considera a estabilidade neste país vital para a região de África oriental. Kenyatta foi indiciado pelo Tribunal Penal Internacional (das Nações Unidas) por crimes contra a humanidade – foi considerado um instigador da violência pós-eleitoral de 2007, que além das mortes obrigou ao encerramento de uma rota comercial considerada vital.

A diplomacia e os interesses regionais deverão pesar mais do que o TPI – ontem, o Primeiro-Ministro britânico, David Cameron, enviou uma mensagem de parabéns a Kenyatta pela sua eleição.

Mundo

A ameaça oculta dos smartphones

Metais indispensáveis ao fabrico dos nossos aparelhos electrónicos, as terras raras são responsáveis por uma catástrofe ambiental nos países onde são extraídas e processadas.

Texto: **Revista Mother Jones**, de São Francisco

Ilustração: **Courrier International**

Numa tarde de finais de Fevereiro, paro, debaixo de um calor escaldante, num posto de combustível da Esso na pequena cidade de Bukit Merah, na Malásia. O meu interlocutor, um talhante de nome Hew Yun Tat, avisa-me de que o dono tem fama de avarento. Ele também o é, mas com as palavras: não gosta de falar da sua actividade na década de 1980 como dono de uma empresa de transportes.

Trabalhava para a Asian Rare Earth, uma fábrica local, co-propriedade do (grupo japonês) Mitsubishi Chemical, que fornecia metais raros para o sector da electrónica de grande consumo. A Asian Rare Earth pagava-lhe o triplo dos outros clientes. O trabalho consistia, apenas, em desfazer-se dos detritos longe da fábrica, fosse como fosse. “Às vezes diziam-nos que eram fertilizantes. Por isso despejava-os no fundo de uma herdade”, explica Hew Yun Tat. “Como o meu tio cultivava legumes, também costumava deixar uma parte na quinta dele.”

Os funcionários da refinaria às vezes ofereciam aos transportadores uma mistela que diziam ser cal viva. Um dos motoristas até a usou para pintar a casa. “Parecia perfeita porque afastava os mosquitos e os macacos...”

Operação de limpeza

Na verdade, o que Hew Yun Tat e os seus empregados andavam a transportar eram detritos tóxicos e radioactivos. Descobriram-no um ano mais tarde, quando a Asian Rare Earth começou a fazer um aterro de resíduos numa cidade vizinha. Os habitantes opuseram-se e alguns militantes trouxeram um contador Geiger. Detectaram níveis de radioactividade 88 vezes superiores aos máximos internacionais.

Em 1985, os habitantes interpuseram uma acção judicial que forçou o Governo a encerrar a fábrica até a Asian Rare Earth limpar o terreno. Havia outras razões para estarem inquietos. Tinha começado a haver muitos abortos entre mulheres das vizinhanças. Também eram frequentes casos de recém-nascidos franzinos, cegos, com perturbações mentais ou a sofrer de leucemia.

A administração pública informou os residentes que os detritos eram sujeitos a tratamento. Resta saber qual porque, em 2010, repórteres de um jornal local encontraram no aterro da Asian Rare Earth 80 mil bidões com 16 milhões de litros de hidróxido de tório, um composto radioactivo.

Nesse ano, a Mitsubishi Chemical deu início à construção de um armazenamento subterrâneo seguro para os detritos da sua antiga filial. Em Março de 2011, o jornal The New York Times afirmava que este projecto, orçado em 100 milhões de dólares, era “a maior operação de limpeza jamais levada a cabo na indústria das terras raras”.

As culpas do iPhone

Foi o meu iPhone que me levou à Malásia. Eu já sabia que a sua aparência elegante escondia uma história problemática. Tinha lido artigos sobre fábricas da Apple na China onde adolescentes passavam 15 horas por dia a limpar ecrãs com solventes tóxicos. Descobri que o lado negro dos smartphones começava antes da sua montagem nas fábricas chinesas.

Os constituintes dos nossos brinquedos de alta tecnologia provêm de um circuito pouco edificante que permite aos países ricos extrair recursos preciosos em Estados pobres, deixando a estes a conta da limpeza.

“Nunca mais!” É uma frase repetida vezes sem conta em Bukit Merah, cujos habitantes sofrem, há mais de 20 anos, com as decisões da Asian Rare Earth. Mas o Governo da Malásia não é da mesma opinião. Em 2008 autorizou uma empresa australiana, a Lynas Corporation, a abrir uma fábrica de processamento de terras raras na costa leste do país. A extracção do minério será feita na Austrália, mas o tratamento e refinação terá lugar em Kuantan, uma pequena cidade tranquila, à beira-mar.

Esta fábrica será a maior do seu ramo, abastecendo 20% do mercado mundial de terras raras. Para o Governo da Malásia, a chegada da Lynas é a oportunidade para chegar ao primeiro plano de uma das indústrias mais lucrativas e dinâmicas do mundo. É que, 20 anos após o fecho da fábrica de Bukit Merah, a procura de terras raras duplicou.

Este sector representa actualmente 10 mil milhões de dólares. A procura deverá aumentar 36% até 2015. Os 17 metais a que chamamos terras raras, afinal não o são tanto como se pensava quando foram descobertas no século XIX. Graças a esta família de metais raros con-



seguem-se fabricar circuitos electrónicos com desempenhos até há pouco impensáveis. Os nossos smartphones têm uma capacidade de cálculo que há 30 anos implicaria um aparelho volumoso, mas que hoje cabe na palma da mão. Também não haveria tecnologias “verdes” sem estes metais. Há neodímio nas turbinas eólicas e para se fazer um automóvel eléctrico são precisas nove terras raras diferentes. O ítrio é a base de compostos, graças aos quais os ecrãs LCD e os tubos fluorescentes emitem luz.

Risco de infiltração

O problema é que estes metais aparecem associados na natureza a elementos radioactivos como o tório e o urânio, e separá-los com segurança é um processo complexo. Nas minas, equipamentos pesados extraem o mineral em bruto, com um teor de 3 a 9% de terras raras. O produto extraído é transportado até uma refinaria, onde é decomposto: a adição de ácido sulfúrico permite obter uma mistura líquida.

Este processo consome quantidades fenomenais de energia e de água. Precisa de ser alimentado continuamente por uma central de 49 megawatts (o suficiente para iluminar 50 mil lares) e gasta em água o equivalente a duas piscinas olímpicas por dia. O líquido final é fervido para separar as terras raras dos elementos radioactivos. É nesta fase que surge o perigo: as empresas devem tomar precauções necessárias para os seus funcionários não serem expostos às radiações.

Se os depósitos de resíduos onde os elementos radioactivos são armazenados definitivamente não estiveram bem revestidos, há o risco de infiltração nos lençóis freáticos. Se não estiverem bem tapados, a mistura corre o risco de secar e de se dispersar sob a forma de poeira. Sem contar com o facto de estes detritos radioactivos deverem ser armazenados para sempre, porque o tempo que levam a perder radioactividade é de 14 mil milhões de anos para o tório e de 4,5 mil milhões para o urânio. Só para recordar: o planeta Terra existe há 4,5 mil milhões de anos...

Não é por acaso que as instalações de processamento são construídas em regiões onde as normas ambientais são quase inexistentes. Nesses locais, as empresas podem fazer tratamentos a baixo custo. Tudo isto para que eu e os meus amigos possamos conversar sobre a ordem de aparição dos três primeiros álbuns dos Metallica sem sair do sofá. Kuantan, a cidade onde a Lynas construiu a sua nova refinaria, é uma estância de férias muito popular, descontraída e sem pretensões, onde as praias não estão atulhadas de gente e o marisco é delicioso. Mas, no início do Outono de 2013, os primeiros carregamentos de mineral vão chegar à fábrica.

Uma empreitada tóxica

Segundo a maioria dos 12 especialistas que contactei, é tecnicamente possível à Lynas eliminar todos os elementos tóxicos dos seus detritos, sejam ácidos, substâncias radioactivas ou resíduos corrosivos. Contudo, nenhum deles recebeu explicações suficientes por parte dos representantes da Lynas ou do Governo da Malásia quanto aos métodos a utilizar.

Quando me dirigi à Lynas para saber se a empresa está a prever a construção de um espaço de armazenagem permanente para os detritos, não recebi qualquer resposta. Quando perguntei que tratamento seria aplicado aos líquidos antes de serem despejados no rio, bem como o que aconteceria aos sólidos radioactivos antes de serem reciclados e convertidos em materiais de construção, o porta-voz da empresa, Alan Jury, recusou-se a responder.

Convidou-me a consultar o estudo da refinaria realizado pela Agência Internacional da Energia Atómica. Consegui contactar um engenheiro que trabalhou na construção da fábrica de Kuantan e que aceitou falar comigo sob anonimato. No início dos trabalhos, a sua equipa reparou em graves anomalias nos 22 depósitos utilizados, dizendo, sobretudo, respeito aos fluxos de águas residuais e a falhas devido à humidade.

Em começos de 2012, o The New York Times revelara que estes problemas tinham levado a AkzoNobel, empresa neozelandesa contratada pela Lynas para conceber os revestimentos dos depósitos, a retirar-se do projecto.

Tóxico, mas mais barato

É obrigatório que o meu smartphone seja fabricado com material vindo de um empreendimento assim tão tóxico? Não, se os fabricantes e os consumidores estiverem dispostos a gastar mais.

No deserto do Mojave, na Califórnia (EUA), o filão de Mountain Passe é o único grande depósito e centro de processamento de terras raras nos Estados Unidos. Inaugurada em 1952, esta mina é propriedade da Molycorp.

Durante décadas permitiu a produção de európio, indispensável ao fabrico das televisões a cores. No final da década de 1990, as condutas de esgoto explodiram e o estado da Califórnia decidiu encerrar o complexo. O trabalho de limpeza ainda não terminou. Só posteriormente os dirigentes da Molycorp reabriram a fábrica.

Em 2007, a China assegurava 97% das vendas mundiais de terras raras. Mas em 2010 reduziu as

suas exportações em 35% para reservar estes metais estratégicos para os seus próprios fabricantes. Nessa altura, os preços subiram.

O Congresso norte-americano, temendo a escassez, apresentou um projecto-lei para relançar a extracção de terras raras nos Estados Unidos através de subvenções federais. Nos últimos anos, os engenheiros aperfeiçoaram consideravelmente os métodos de refinação. As novas instalações da Molycorp utilizam ácido clorídrico para remover o tório, enquanto ainda estiver no estado sólido.

O tório e os outros detritos sólidos são misturados para formar um material semelhante ao cimento, que os trabalhadores colocam em camadas no fundo de um poço de 40 hectares, forrado a polietileno de alta densidade.

A solução encontrada pela Molycorp ainda não é perfeita. Mesmo este depósito ultramoderno tem uma duração de vida de 30 anos, após o que será necessário construir um outro.

O complexo utiliza menos metade da água da antiga fábrica, mas o consumo de energia é sete vezes superior. Por outro lado, a empresa recusa-se a revelar a quantidade de mineral enviada para refinação para a Estónia, bem como os métodos de tratamento a que recorrem as suas refinarias chinesas.

A reciclagem seria uma solução?

Afinal, os americanos compram cada vez mais produtos electrónicos, mas apenas 24 Estados exigem que os fabricantes ofereçam apoio à reciclagem dos equipamentos: isto significa que apenas 25% de todos os equipamentos electrónicos (e 11% dos telefones e outros aparelhos móveis) são recolhidos.

Os poucos programas existentes contentam-se, muitas vezes, em expedir telefones e televisões usadas para aldeias chinesas, onde os aparelhos são desmontados e mergulhados em ácido para recuperar o ouro e a prata, o que provoca uma enorme poluição causada pelo chumbo e pelas dioxinas.

Finalmente, se as terras raras são teoricamente recicláveis, apenas 1% destas são, actualmente, objecto de tratamento.

Podemos, mesmo assim, congratular-nos pelo facto de os principais construtores de automóveis japoneses terem começado já a reciclar as terras raras das baterias dos seus veículos híbridos. A indústria automóvel norte-americana podia aprender com eles.

Pouco antes da minha partida de Kuantan, encontrei um grupo de militantes que se opõe à presença da Lynas. Entre eles encontrei um mais comunicativo, chamado Chow Kok Chew, que me explicou que se instalou aqui há 30 anos – antes, morava em Bukit Merah. “Todos os dias, quando ia para o trabalho, via uma fumarada horrível”, conta-me. “Existiam imensas fábricas, mas nenhuma fazia mais fumo do que a Asian Rare Earth.” Chow Kok Chew teve dificuldades em recomeçar uma nova vida na costa leste, a centenas de quilómetros da sua cidade natal. Hoje, ganha a vida como empreiteiro na construção civil e criou os seus três filhos nesta região. Sente-se em casa.

Se a nova fábrica for construída, mudar-se-á novamente? Diz que não com a cabeça. “Estou velho!”. No entanto, passa grande parte do seu tempo livre a informar-se sobre o complexo e encoraja os seus amigos a fazerem o mesmo. Chow Kok Chew e os amigos têm a intenção de protestar. “Se não fizer nada”, afirma, “tenho medo que um dia os meus netos me digam: ‘Avô, da primeira vez não disseram nada. Da segunda vez também não. Porquê?’”

Moçambola: campeão recebeu a taça, venceu derbi da abertura mas acabou derrotado pelo Chingale

O Primeiro-Ministro, Alberto Vaquina, deu o pontapé de saída para a temporada 2013 do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola, no passado sábado(30) num estádio Nacional do Zimpeto com pouco público. O campeão, que enfim recebeu a taça de 2012, venceu o primeiro derbi com os canarinhos de Maputo, porém não teve estof

Texto: David Nhassengo/ Redacção • Foto: Miguel Manguze

Na partida de abertura oficial da época do Moçambola 2013, o campeão nacional, o Maxaquene, recebeu e derrotou, na tarde de sábado, o Costa do Sol, iniciando, desta forma, com pé direito a luta pela revalidação do título. O clássico teve como palco o Estádio Nacional do Zimpeto, recinto que acolherá os jogos do Maxaquene na presente temporada, ainda que tenha como alternativa o 1º de Maio.

No jogo, a equipa tricolor passou por imensas dificuldades para fazer frente à grandeza do Costa do Sol, equipa que teve tudo aos seus pés para marcar golos, faltando apenas frieza para converter as inúmeras oportunidades que criou.

Os tricolores, porém, cautelosos na abordagem do jogo, souberam, por um lado, anular o meio-campo adversário dada as dificuldades encontradas e, por outro, aproveitar o avanço do adversário no terreno de jogo para criar calafrios ao guarda-redes canarinho. Foi um jogo em que o Costa do Sol teve a bola e o Maxaquene espreitava o contra-ataque para tirar água de uma pedra. Porque quem inventou o futebol foi claro ao definir como meio para a vitória o maior número de golos, Eboh deu corpo ao dito com sua testa a um minuto dos 90.

Na mesma tarde e antes do embate, o Maxaquene recebeu, finalmente, as medalhas e o troféu de Campeão Nacional do ano 2012.

Noutra partida disputada na mesma tarde, a contar igualmente para o arranque do Moçambola, o Vilankulo FC derrotou no seu reduto o Ferroviário de Nampula pela margem mínima. O golo apontado por Luís no decurso da segunda parte castiga a superioridade dos visitantes. Aquele jogador escreveu assim o seu nome na história do futebol moçambicano, ao sagrar-se autor do primeiro golo do Campeonato Nacional de Futebol, edição 2013.

Liga Muçulmana com “chapa” quatro

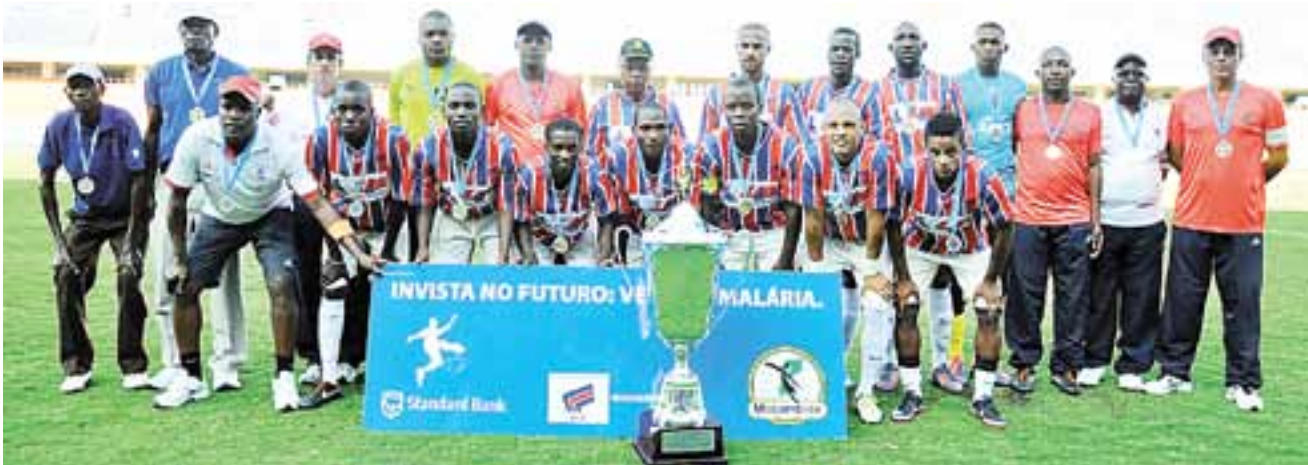
A Liga Muçulmana justificou o facto de ser a equipa mais rodada – se atendermos que esteve envolvida nas Afrotaças e na Taça de Honra da cidade de Maputo – ao cilindrar, em todos os sentidos, o Têxtil de Púnguè, equipa que tão cedo perdeu argumentos para surpreender o adversário.

Aliás, diga-se, em abono da verdade, que depois do minuto 12 os fabris sumiram praticamente do jogo. De tentativa em tentativa, de insistência em insistência, o primeiro golo dos muçulmanos surgiu volvidos 28 minutos e teve assinatura de Josimar. O mesmo jogador, dois minutos mais tarde, fez a assistência que resultou no segundo tento dos muçulmanos, da autoria do goleador do Moçambola 2012, o Sonito.

Na segunda parte, os muçulmanos não abrandaram e pareceu que estivessem sozinhos dentro das quatro linhas, tal como justificou o golo de Hélder Pelembe, o terceiro do encontro para, já perto do fim, Rachid, médio adaptado a lateral, fechar as contas em 4 a 0.

Desportivo de Nacala empata em dia de estreia

Ainda no domingo, o campo 25 de Junho na cidade de Nampula, foi pequeno para acolher naquela tarde a estreia do Desportivo de Nacala no Moçambola. Ainda que em casa emprestada, devido às obras de colocação de relvado sintético no seu campo, o médio David foi o salvador dos nacalenses ao marcar o golo do empate, transcorridos noventa minutos do jogo, diante do Clube de Chibuto.



Apoiado por mais de seis mil adeptos, os anfitriões começaram bem e foram senhores das primeiras ocasiões de golo. Porém, a experiência do Clube de Chibuto sobreveio e encontrou-se no seu meio campo, sustentando na sua consistência defensiva.

Depois do descanso, os pupilos de Nacir Armando continuaram ao ataque mas revelaram-se bastante perdulários na hora de rematar para baliza à guarda de Dionísio. Contudo, a passagem do minuto 52, numa infantilidade de um central da equipa da casa, o suspeito de costume, Johane, num remate acrobático, violou as redes de Víctor.

Daí para frente só deu Clube de Chibuto que só não ampliou o placar por inoperância dos seus jogadores mais avançados.

Um dado curioso e que ficará para a memória dos presentes, é relativo à festa envolta do jogo, onde milhares de adeptos esgotaram completamente o campo 25 de Junho, proporcionando dessa forma uma das maiores enchentes alguma vez vistas do Moçambola.

Campeão sem estof

Nesta Quarta-feira (3), em jornada antecipada, o Maxaquene apresentou-se já sem estof de campeão, a jogar em casa, alugada, recebeu e foi derrotado pelo Chingale, que havia-se estreado com uma derrota em Tete diante dos Locomotivas de Maputo.

Depois de uma primeira parte mal jogada pelas duas equipas os canarinhos adiantaram-se no placar por Parkim aos 58 minutos, que aproveitou uma defesa incompleta de Acácio após livre de Silvério.

Os tricolores deram réplica e podiam mesmo ter chegado ao empate mas faltou pontaria afinada no ataque e depois a defesa falhou, particularmente o guarda-redes Acácio. Hagi, acabado de entrar, dilatou o marcador aos 78 minutos.

Já em tempo de compensação Maurício marcou o golo de honra dos campeões mas não evitou a festa dos tetenses no Estado Nacional do Zimpeto.

Mas a festa dos adeptos de futebol no planalto de Tete foi em dose dupla, porque no Songo, o HCB recebeu e derrotou o Costa do Sol por uma bola a zero, deixando a equipa de Diamantino Miranda na última posição da tabela classificativa.

Marlins prejudicados pela Liga de Clubes

Depois dos 14 golos da jornada de abertura, faltaram golos na jornada dois. O Chibuto recebeu e venceu o Matchedje, enquanto o Ferroviário de Nampula derrotou o Estrela Vermelha da Beira pela marca mínima. O Têxtil do Púnguè empatou com o Desportivo de Nacala sem golos, resultado similar registou-se no Estádio da Machava entre o Ferroviário de Maputo e o Vilankulo FC.

Entretanto o representante da província de Inhambane continua a ser prejudicado pela Liga de Clubes, que este ano comemora 11 anos de existência, que obriga os marlins a longas viagens por estrada: o Vilankulo FC é o único clube do Moçambola sem direito a passagens aéreas para os jogos fora do seu relvado.

A desculpa do órgão que gere o futebol profissional é que as Linhas Aéreas de Moçambique, patrocinador da prova, não voa para aquele município do Sul do país. Facto que não é de todo verdadeiro.

“É preocupante saber que a nossa equipa tem de percorrer cerca 800 a 1000 quilómetros de estrada numa segunda-feira para jogar à quarta-feira e ainda ter de regressar à Vilanculos para jogar no sábado seguinte ou seja, realizar dois jogos em 36 horas. Ademais, as próprias viagens terrestres são perigosas, podem terminar numa fatalidade” desabafou recentemente Yassin Amuji, presidente e proprietário do clube, que acrescentou que apesar disso “enquanto não reinar o bom senso, continuaremos pacientes a fazer o nosso campeonato visto que nos dois últimos anos, mesmo viajando de estrada, conseguimos nos superar. Neste ano queremos fazer mais, ainda que o calendário seja o nosso primeiro adversário e as condições que nos são impostas.”

A jornada 2 só ficará concluída no dia 10 do mês em curso quando jogarem Ferroviário da Beira e a Liga Muçulmana. Os muçulmanos pediram o adiamento da partida pois nesta Sexta-feira (5) jogam a 2a mão da eliminatória da Taça CAF.

Quadro de resultados

1ª Jornada				
Maxaquene	1	x	0	Costa do Sol
Vilankulo FC	1	x	0	Ferroviário de Nampula
Liga Muçulmana	4	x	0	Têxtil de Púnguè
Matchedje	0	x	1	HCB de Songo
Chingale de Tete	0	x	1	Ferroviário de Maputo
Desportivo de Nacala	1	x	1	Clube de Chibuto
Estrela Vermelha	0	x	1	Ferroviário da Beira

2ª Jornada				
Ferroviário de Maputo	0	x	0	Vilankulo FC
HCB de Songo	1	x	0	Costa do Sol
Maxaquene	1	x	2	Chingale de Tete
Têxtil de Púnguè	0	x	0	Desportivo de Nacala
Ferroviário de Nampula	1	x	0	Estrela Vermelha
Chibuto	2	x	1	Matchedje
Ferroviário da Beira	(adiado para 10/04)			Liga Muçulmana

PRÓXIMA JORNADA				
3ª Jornada				
HCB de Songo		x		Clube de Chibuto
Matchedje		x		Têxtil de Púnguè
Desportivo de Nacala		x		Ferroviário da Beira
Ferroviário da Beira		x		Ferroviário de Nampula
Estrela Vermelha		x		Ferroviário de Maputo
Vilankulo FC		x		Maxaquene
Costa do Sol		x		Chingale de Tete

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	H.C.B de Songo	2	2	0	0	2	0	2	6
2º	Vilankulo F.C.	2	1	1	0	1	0	1	4
3º	Chibuto	2	1	1	0	3	2	1	4
4º	Fer. de Maputo	2	1	1	0	1	0	1	4
5º	Liga Mulçumana	1	1	0	0	4	0	4	3
6º	Fer. de Nampula	2	1	0	1	1	1	0	3
7º	Chingale de Tete	2	1	0	1	2	2	0	3
8º	Maxaquene	2	1	0	1	2	2	0	3
9º	Desp. de Nacala	2	0	2	0	1	1	0	2
10º	Fer. da Beira	1	0	1	0	2	2	0	1
11º	Estrela Vermelha	2	0	1	1	2	3	-1	1
12º	Têxtil de Púnguè	2	0	1	1	0	4	-4	1
13º	Costa do Sol	2	0	0	2	0	2	-2	0
14º	Matchedje	2	0	0	2	1	3	-2	0

Desporto

Parque dos Continuadores: Um novo centro de “boladas” de Maputo

Está instalado o braço-de-ferro entre a Federação Moçambicana de Atletismo (FMA), a Associação de Atletismo da Cidade de Maputo (AACM) e a empresa Equip. Limitada, propriedade de Rui Tadeu, um antigo dirigente desportivo. Em causa está a gestão do Parque dos Continuadores, uma infra-estrutura que perdeu o seu valor desportivo, passando agora a funcionar como um centro de negócios chorudos.

Texto: David Nhassengo/Redacção • Foto: Miguel Manguze

A 05 de Agosto de 2011, o Tribunal Administrativo ratificou um contrato de concessão do Parque dos Continuadores, válido por cinco anos, entre o Fundo de Promoção Desportiva (FPD), uma instituição pública subordinada ao Ministério da Juventude e Desportos e a empresa privada Equip. Limitada, pertencente ao cidadão Rui Tadeu, um antigo dirigente desportivo moçambicano. No mesmo está estipulado que aquele recinto desportivo, a partir daquela data, passava à gestão privada, forma encontrada pelo Governo moçambicano de preservá-lo e protegê-lo, bem como de garantir uma forma de sustentar o atletismo.

No referido acordo entre o Governo e o gestor privado, dentre várias obrigações, ficou decidido que era da competência da Equip. Limitada: desenvolver todas as acções com vista à elaboração do Plano Director do Parque dos Continuadores, de acordo com a sua vocação desportiva e outras actividades económicas, sociais e culturais de interesse mútuo das partes contratantes; não usar os espaços e instalações do parque para fins diferentes do estabelecido na alínea anterior; conservar e proteger, fazendo uso prudente das instalações concedidas, assegurando a sua manutenção corrente; e garantir o uso privilegiado do Parque dos Continuadores à Federação Moçambicana de Atletismo e à Associação de Atletismo da Cidade de Maputo, no concernente à realização de treinos, provas nacionais e internacionais.

Todavia, o cenário que se vive no Parque dos Continuadores é completamente antagónico ao que se pretendia com a sua privatização, chegando a roçar o nível do inadmissível. Este facto não carece de nenhum exercício investigativo, senão de uma mera observação no local e ao conteúdo do referido contrato, ora resgatado nesta semana pelo @Verdade.

Aliás, foi com este propósito de avaliar o cumprimento do referido contrato que na Segunda-feira última (01), a nossa equipa de reportagem efectuou uma visita àquele recinto desportivo. E foi penoso ver a destruição de um famoso bastião do atletismo moçambicano, em detrimento do entretenimento e de outras actividades alheias ao conceito social.

O antagonismo entre o atletismo e a figura de Rui Tadeu

Como primeiro ponto a destacar, foi notória a ruptura de uma relação saudável entre a Federação Moçambicana de Atletismo (FMA), a Associação de Atletismo da Cidade de Maputo (AACM) e o próprio Rui Tadeu, entidades que funcionam no mesmo espaço mas de forma isolada e desarticulada.

Tudo tem origem na usurpação dos escritórios da AACM por parte de Rui Tadeu que, a posteriori, nos mesmos, montou um ginásio que, segundo o que o @Verdade apurou, é também de sua propriedade, cuja finalidade é meramente comercial não servindo, de forma alguma, o atletismo visto que os atletas que acedem àquele espaço são obrigados a pagar.

Todo o material que se encontrava nos escritórios da associação foi deixado ao relento. O resultado desse “despejo” forçado é que grande parte do mesmo ficou destruído, como é o caso das barreiras de corrida, dos colchões para exercícios físicos e de algumas varas de saltos. Improvisou-se, porém, para reduzir o impacto desse acto irresponsável, um escritório de dimensões exíguas que funciona como gabinete da presidente da AACM.

A sede da FMA também não escapou e viu parte da mesma a ser destruída para dar lugar à edificação de uma discoteca e de um bar que, segundo acusam alguns usuários do parque, na verdade, não passa de um prostíbulo. Mas pior do que é isso, é o facto de a empresa do Rui Tadeu vedar o acesso dos balneários aos atletas, em detrimento dos seus convidados especiais para os seus eventos.

Tadeu não ficou por aí. Tratou também de desalojar a Federação Moçambicana dos Desportos para Pessoas Deficientes, arrendando o espaço, conforme provam os anúncios colados à porta



dos mesmos. A este organismo, Rui Tadeu não deu alternativas senão emitir um prazo para que encontre outro espaço, bem distante do Parque dos Continuadores.

Rui Tadeu nunca, segundo apurou o @Verdade, apoiou, seja lá como fosse, o atletismo. Nem na organização de torneios, nem patrocinando os atletas, muitos dos quais cancelaram várias participações, quer nacionais, quer internacionais devido à falta de fundos.

Contudo, no que diz respeito aos projectos, os pontos exigidos pelo Fundo de Promoção Desportiva e que Rui Tadeu se predispôs a cumprir, no âmbito do que apelidou de “apoio institucional à modalidade de atletismo”, foram os seguintes: ceder espaço gratuito para treinos, para reuniões, para acções de formação; fornecer sinal de Internet aos seus escritórios; oferecer um computador e uma impressora à AACM; pagar juizes de provas de atletismo em todas as competições organizadas pela AACM; subsidiar a equipa que representa o Parque dos Continuadores nas competições nacionais e, por último, apoiar os atletas que se deslocam ao estrangeiro com vista à sua participação competições internacionais.

A destruição da pista e as “farras” de costume

Uma das obrigações que a empresa de Rui Tadeu tinha, quando em 2011 assumiu a gestão privada do Parque dos Continuadores, era de melhorar a pista de atletismo daquele recinto. Debalde. Vencido o prazo de 10 anos, desde que o tapete foi montado em meados de 1997, Rui Tadeu só desgastou ainda mais o pouco que sobrava para os treinos dos atletas.

Como? Através dos camiões de grande tonelagem que, no lugar de trazerem a boa nova aos praticantes da modalidade, invadem o parque nos dias de espectáculos promovidos por aquele empresário, junto de seus parceiros, tal como se deu quando o controverso empresário angolano Bento Kangaamba veio realizar um evento naquele recinto.

Sobre os eventos culturais, o @Verdade soube que, numa só noite, a empresa de Rui Tadeu chega a facturar perto de 50 000 dólares.

As vozes da indignação

No fim da visita, o @Verdade falou com os responsáveis da Federação Moçambicana de Atletismo (FMA) e da Associação de Atletismo da Cidade de Maputo (AACM), como forma de perceber o que se está a passar no Parque dos Continuadores.

Telmo Mascarenhas, director técnico da FMA

“Este problema não pode ser visto de forma isolada. É preciso contextualizá-lo desde o ano 2000, aquando das cheias que devastaram o campo do Costa do Sol. Aquele clube, na altura dirigido por Rui Tadeu, solicitou o uso do Parque dos Continuadores para treinos da sua equipa principal e, por solidariedade, houve anuência por parte do Ministério da Juventude e Desportos.

Todavia, se calhar porque a ganância falou mais alto do que o homem, ele demonstrou vontade de se apoderar do parque. Porém, encontrou uma forte oposição da nossa federação.

No nosso entender, por esta razão histórica, não se pode dizer, em nenhum momento, que ele esteja a cumprir com alguma directiva do Fundo Promoção Desportiva (FPD). Pelo contrário, ele terá influenciado aquele organismo a ceder-lhe o espaço, na esperança de ver o parque bem gerido e, dessa forma, ver o atletismo a evoluir.

No entanto, até ao momento, volvidos três anos, esta privatização não nos beneficiou em nada. Trouxe-nos mais problemas e, como federação, não podemos fazer nada senão obedecer ao que foi acordado entre o Ministério da Juventude e Desportos e o próprio Rui Tadeu.

Os negócios aqui instalados lucram milhões e milhões mas, para o atletismo, conforme rege o contrato, não se direcciona um tostão sequer”.

Ludovina Vasconcelos, presidente da AACM

“É muito triste o que se assiste aqui. O que acontece é que há uma tendência de se acabar definitivamente com o atletismo neste local. Senão repare: primeiro retiraram-nos o armazém; em seguida os nossos escritórios e, agora, tudo fazem para danificar por completo a pista com os camiões, sem contar com as taxas que nos cobravam para a utilização deste parque.

O mais estranho nisto é que, muito recentemente, recebemos um despacho que diz que devíamos utilizar o Estádio Nacional do Zimpeto (ENZ), mas, quando lá chegámos, deparámos com outras condições, em que fomos obrigados a pagar uma taxa elevadíssima pelo uso, enquanto temos uma casa aqui. Além do mais, o ENZ fica muito longe e para lá chegar, treinar e voltar, o atleta tem de despender cerca de seis horas por dia, contra apenas duas aqui no Parque dos Continuadores.

Todo este cenário em volta deste recinto assombrou o atletismo na cidade de Maputo, onde perdemos 50% do total de praticantes da modalidade”.

Rui Tadeu responde

O @Verdade quis também ouvir a versão de Rui Tadeu, apontado como o verdadeiro culpado de todo este panorama caótico que se instalou no Parque dos Continuadores.

Para começar, Tadeu explicou os contornos do contrato, tendo feito questão de lembrar que o Parque dos Continuadores é propriedade do Fundo de Promoção Desportiva, instituição que em 2011 contratou a sua empresa, a Equip. Limitada, para administrar o recinto devido à sua iminente destruição. Rui Tadeu, por sua vez, na qualidade de sócio-gerente da concessionária, tinha por obrigação apresentar uma proposta para uma gestão saudável do património, incluindo a componente comercial para sustentar o atletismo.

“O FPD aprovou o projecto e deu-nos cinco anos para cuidar deste parque” concluiu a fonte. Confrontado com os factos ora narrados neste artigo, Tadeu declarou não existir nada de anormal no recinto e que tudo o que se faz tem em vista arrecadar mais fundos para apoiar o atletismo, até porque ainda faltam dois anos para o cumprimento do contrato. “Tudo o que fazemos é para melhorar este espaço. É preciso perceber que nós recebemo-lo assim das mãos do Governo, nem pior, nem melhor. Estamos a fazer o nosso trabalho”, sentenciou.

No entanto, sobre as acusações que pesam contra si, como o responsável pela destruição do Parque dos Continuadores, Rui Tadeu respondeu: “tudo isso não passa de uma campanha para manchar o meu nome em público, levada a cabo por algumas pessoas de má-fé. Tudo isso que se diz sobre mim é absolutamente falso”.

Desporto

Ligas europeias: Bayern a uma vitória do título; United, Juve e Barça mantêm liderança confortável

Os principais campeonatos de futebol do velho continente entraram na etapa final. Na Alemanha o FC Bayern München está a três pontos de ganhar o título, o Paris Saint-Germain aumentou a diferença pontual em França e tanto o Manchester United como o Juventus mantiveram as respectivas vantagens graças a vitórias nos jogos por si realizados. O Barcelona, continua bem isolado em Espanha, apesar de ter empatado, num jogo em que Lionel Messi voltou a facturar.

Num emocionante derby do Calcio a Juventus ampliou a sua liderança no Campeonato Italiano para 12 pontos no passado sábado (30), ao bater o Inter de Milão por 2 x 1. Um ataque em profundidade de Fabio Quagliarella decorridos três minutos e uma bola colocada de Alessandro Matri com uma hora de jogo foram o suficiente para derrotar os determinados anfitriões do Inter, que igualou por um breve período aos nove minutos do segundo tempo, graças a Rodrigo Palacio.

A vitória deixou os campeões com 68 pontos, 12 acima do segundo classificado Nápoli.

O Inter, que viu Esteban Cambiasso ser expulso no período de compensações por uma entrada dura em Sebastian Giovinco, continua com 47 pontos e caiu para sexto depois de a Lazio ter subido para a quinta posição e somou 50 pontos com a vitória por 2 a 1 contra o Catania.

O clube do técnico Vladimir Petkovic agora está um ponto atrás da quarta classificada Fiorentina, que perdeu por 2 a 1 frente ao Cagliari no estádio do adversário, vazio por problemas de segurança.

Dortmund adia comemoração do título do Bayern



O melhor marcador do Campeonato Alemão, Robert Lewandowski, facturou a oito minutos do apito final e deu ao campeão Borussia Dortmund uma vitória nervosa por 2 a 1 face a um Stuttgart com dez homens neste sábado (30), adiando a quase inevitável comemoração do título do Bayern de Munique em pelo menos uma jornada.

Lewandowski fez o seu 20º golo na temporada após um avanço do polaco Lukasz Piszczek na área. Sem a derrota do Stuttgart, o Bayern teria a oportunidade de garantir o título ainda neste Sábado com um triunfo em casa sobre o Hamburgo, mas a vitória do segundo classificado Dortmund deixou o clube 17 pontos atrás do líder. Com a vitória sobre o Hamburgo, o Bayern ficou com uma vantagem de 20 pontos faltando sete jogos para o final, e precisará de esperar só um pouco mais para comemorar o seu primeiro troféu na liga alemã desde 2010.

Saindo do banco de suplentes, Piszczek marcou de cabeça uma cobrança de falta de Marco Reus e abriu o marcador aos 29 minutos, mas o Dortmund perdeu uma série de oportunidades a seguir. O Stuttgart recuperou terreno no jogo e Alexandru Maxim igualou com um tiro baixo aos 18 minutos da etapa complementar. Os anfitriões, que também haviam balançado a trave mais cedo, tiveram sorte de ter o golo validado depois e Antonio Rüdiger, aparentemente impedido, ter feito o lançamento que levou ao golo.

O Stuttgart ainda teve Georg Niedermeier expulso devido a um segundo cartão amarelo por uma entrada dura em Mario Götze, aos 23 do segundo tempo, e o Dortmund fez o homem a mais contar quando o defesa direito Piszczek abriu caminho pela lateral e passou para Lewandowski.

United mantém liderança confortável



O Manchester United manteve a vantagem confortável de 15 pontos na liderança do Campeonato Inglês neste sábado ao vencer o Sunderland por 1 a 0 graças a um autogolo de Titus Bramble no primeiro tempo.

O United, que rumo para o 20º título e o seu quinto nas sete últimas temporadas, inaugurou o marcador aos 27 minutos, quando Robin van Persie finalizou uma corrida pela esquerda com um tiro que desviou na coxa de Bramble e desorientou o guarda-redes Simon Mignolet.

Van Persie, que marcou 19 golos na liga inglesa na actual campanha mas não violava as redes desde a vitória por 2 a 0 sobre o Everton em 10 de Fevereiro, disse ao canal de TV Sky Sports que vai reclamar o golo como seu. "É claro, não há dúvida. Fazia um tempo, então é bom marcar de novo, e foi um golo importante", declarou o holandês.

Michael Carrick, meio-campista do United eleito o jogador da partida, acrescentou: "Achei que jogámos um futebol muito bom e controlámos o jogo, mesmo sem criar todas as oportunidades de golo que gostaríamos. Eles estão a lutar com garra e dentes, mas defendemo-nos bem e estamos felizes com os três pontos".

Foi o sétimo êxito consecutivo do United no campeonato, o seu sexto jogo sem sofrer golos e a sua 25ª conquista em 30 partidas na liga – um recorde de vitórias entre os mais bem colocados a esta altura da campanha desde que a liga começou em 1888.

Celta de Vigo impõe empate ao Barcelona



O Barcelona tropeçou no passado sábado(30) na visita ao "afrito" Celta de Vigo, cedendo na 29.ª jornada da Liga espanhola de futebol um empate a 2 golos, resultado importante para os galegos na luta pela fuga à despromoção.

Insa (38 minutos) colocou os galegos no comando, mas Tello (43) e Messi (73) consumaram a reviravolta, que Oubina (88) anulou.

Com o ponto conquistado, o Celta igualou, provisoriamente, o Maiorca com 24 pontos, tendo atrás de si apenas o

Corunha com 20.

Quem não aproveitou o empate dos catalães foi o Real Madrid, com a equipa em poupanças para a Liga dos Campeões. A equipa de José Mourinho ficou em desvantagem com um golo de Rodri (06 minutos), mas Cristiano Ronaldo (38), em remate cruzado na área, empatou e fez o resultado final.

O 62.º ponto no campeonato, a 13 do Barcelona, permitiu ao Real Madrid atingir os 4.000 pontos na história do campeonato espanhol, mais 125 do que o Barcelona em 2.600 desafios na Liga.

Benfica goleia Rio Ave e lidera com quatro pontos de avanço sobre o FC Porto



O Benfica recebeu e goleou no passado sábado(30) o Rio Ave por 6-1, em jogo da 24.ª jornada da I Liga Portuguesa de futebol, e manteve os quatro pontos de avanço sobre o FC Porto que tinha vencido a Académica, por 3-0, em Coimbra.

No Estádio da Luz, o jogo da 24.ª jornada ficou marcado pelo primeiro "hat-trick" de Lima ao serviço do clube de Luz, com remates certos aos 42, 49 e 76 minutos, acabando os "encarnados" por ultrapassar a marca dos 100 tentos esta temporada em todas as competições (somam agora 102).

O avançado brasileiro, recentemente apontado para poder representar a selecção portuguesa, igualou Cardozo na lista dos melhores marcadores do campeonato, com 15 golos.

Melgarejo (11 minutos), Matic (15) e Enzo Perez (82) marcaram os restantes golos do Benfica, enquanto Hassan (51), num toque acidental, fez o tento de honra do Rio Ave, pondo fim a um período de 537 minutos sem sofrer golos do guarda-redes Artur no campeonato.


Apesar de o encontro ter ficado cedo resolvido e sem ter tido lances de grande agressividade, o Rio Ave terminou com menos duas unidades, devido às expulsões de Wires (60 minutos) e Edimar (72), enquanto do lado do Benfica o paraguaio Melgarejo viu o vermelho, aos 90.

O resultado acaba por ser pesado para um Rio Ave que se apresentou atrevido (Bebe foi um "diabo" à solta) na Luz, acabando por perder fulgor com a tremenda eficácia do Benfica e também devido a uma enorme fragilidade defensiva. Prova disso é que os dois defesas centrais (Nivaldo e Rodriguez) foram ambos substituídos durante a partida.

Com Cardozo no banco de suplentes, devido a problemas físicos, e Luisão de regresso ao "onze" após lesão, a formação de Jorge Jesus construiu a goleada com dois golos nas duas primeiras vezes que chegou à baliza de Oblak.

Aliás, o guarda-redes esloveno sofreu meia dúzia de golos e praticamente não efectuou qualquer defesa.


Comunicado



Onde quer que esteja seja um **CIDADÃO REPORTER**

Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!

Reporte por uma mensagem de SMS para **821111**



GOLO. A AGÊNCIA COM MAIS FÃS NO FACEBOOK.



Gostamos de ser a Agência em Moçambique com mais polegares levantados na maior rede social do mundo. Gostamos de ter a página mais visitada na categoria Media e a 4ª maior página de Moçambique.* Gostamos de ser a Agência do pensamento local, a mais premiada em Moçambique e reconhecida nas redes sociais. Gostamos de criar campanhas para os nossos clientes e de partilhar com todos essas campanhas. Gostamos de celebrar, fazendo aquilo que mais gostamos: um anúncio. Acima de tudo, gostamos do que fazemos. E é bom saber que há mais 50 000 pessoas a gostar. O nosso enorme obrigado a todos os fãs.

*De acordo com o site Social Bakers.

GOLO

Think local

www.golo.co.mz

Plural Editores desrespeita os Direitos do Autor

Há dois anos, o artista plástico moçambicano, Alexe Ferreira, desentendeu-se com a Plural Editores Moçambique. Em causa está a utilização da imagem da sua escultura, “Jinga, a última viagem para o céu”, na capa do livro da 9ª classe, sem a menção do seu nome. Houve conversações entre a instituição, que reconhece a infracção, e o artista. No entanto, até o momento, não se vislumbra nenhum acordo.

Texto & Infografia : Inocêncio Albino

Em princípio, segundo explicação do pintor Alexe Ferreira, este assunto não se devia ter tornado uma contenda entre os envolvidos. Basta que se tenha em consideração que a primeira medida que o artista tomou – logo que se inteirou da infracção – foi (como orienta a Lei do Direito do Autor) exigir que a Plural Editores Moçambique reparasse o dano, o que não aconteceu.

Como tudo começou

Desde os princípios de 2000, “Jinga, a última viagem para o céu” – a referida criação artística – passou por diversas galerias de exposição de arte nas cidades de Maputo e Matola. Suspeita-se que numa das referidas instituições, um fotógrafo português, colaborador do Grupo Porto Editores, tenha obtido uma fotografia da obra.

A escultura que se encontrava no meio de (tantas) outras atraiu as atenções do pessoal da Plural Editores – na altura em que se procurava uma imagem adequada para a capa do manual da 9ª classe. Sem o conhecimento do autor da pintura captada (que em poucos dias seria exposta, através do livro, para o grande público) e, conseqüentemente, sem a sua autorização, o que não é legal, em Janeiro de 2010, a Plural Editores publicou a foto da escultura Jinga.

“Não querem resolver o caso de forma pacífica”

O que sucedeu, algum tempo depois do mesmo ano, é narrado – em discurso directo – pelo artista que se sente lesado. “Em 2010 descobri que a Plural Editores Moçambique publicou a imagem da minha obra de arte, “Jinga, a última viagem para o céu”, na capa do livro da 9ª classe da disciplina de Educação Visual. Vasculhei as páginas do manual, a fim de verificar se se havia mencionado o meu nome, como autor da criação, o que não encontrei”.

“Comprei três livros. Um para mim, outro para o advogado. Comigo levei o terceiro para a Plural Editores, com o objectivo de comunicar aos seus dirigentes sobre a infracção”.

“Na altura a instituição funcionava na Avenida 24 de Julho. Falei com a assessora que me aconselhou a voltar noutro dia a fim de que se apresentasse o caso ao director, Miguel Milheiro, com quem eu iria tratar o assunto. No entanto, passado algum tempo, quando retornei à editora eles haviam mudado de instalações para a avenida Patrice Lumumba, em Maputo”.

“Fiz pressão para que o caso fosse discutido. Eles não queriam atender-me. Com insistência acabei por conseguir manter



aconteceu. No ano seguinte, continuou-se a vender o manual nas mesmas condições”.

“Criei a possibilidade de que houvesse mais um diálogo em torno do assunto, mas não quiseram que assim fosse. Nunca me apresentaram um argumento convincente. Não cumpriram com os critérios que nos podiam conduzir à resolução do problema de boa forma”.

Assunção da infracção

Sabe-se, porém, que de facto houve um encontro entre Alexe Ferreira e o director da Plural Editores, Miguel Milheiro, na cidade de Maputo. Ambos discutiram o assunto, mas, com o passar do tempo, – o problema não teve um desenvolvimento positivo e – as expectativas do artista foram goradas.

A editora assume a infracção cometida. Não expressa nenhuma objecção em mencionar o nome do autor na obra – nas futuras impressões do manual – mas, para aquela, é complicado retirar os livros do mercado num universo, até então, estimado em três mil cópias.

Paralelamente à suposta falta de diálogo entre os envolvidos, o pintor exigiu que se reabilitasse a sua casa e se construísse uma escola em benefício da sociedade. As exigências, consideradas absurdas, não foram materializadas. Em face disso, @Verdade questionou o artista sobre o que, efectivamente, reivindica.

“Reivindico a citação do meu nome – como autor da obra que serve de ilustração – na capa do livro da 9ª classe. Eles deviam ter-se baseado na Lei dos Direitos do Autor em vigor em Moçambique, ou na legislação universal porque o livro foi impresso em Portugal. As demais ilustrações patentes no manual têm referências dos seus autores. Por isso, penso que eles estão conscientes do erro que cometeram, mas preferem agir à margem da lei”.

A legislação moçambicana

No artigo 11 da Lei número 4/2001, de 27 de Fevereiro (sobre os Direitos do Autor), explica-se que é permitida a utilização de uma obra de arte em produtos destinados ao ensino – sem autorização nem pagamento de remuneração ao autor – mas obriga-se a que se indique o seu nome.

De acordo com o artigo 60 da mesma lei, sobre infracções dos direitos patrimoniais e san-

ções, estabelece-se, como princípio geral, o facto de que a sua infracção implica uma responsabilidade civil e criminal. Por isso, o ofendido pode recorrer ao infractor para que seja ressarcido. Caso não haja entendimento, este pode submeter o problema ao tribunal.

“Houve violação da Lei”

Em conversa com o @Verdade, o inspector do Ministério da Cultura, Arnaldo Bimbe, esclarece que a lei visa proteger o artista, o cientista ou o fazedor da arte no geral. Isso significa que as obras de arte devem ser protegidas em todas as circunstâncias. No entanto, a mesma possui algumas excepções. Por exemplo, o capítulo três fala sobre a limitação dos direitos patrimoniais, o que tem a ver com a reprodução da criação para fins privados.

Reconhecendo a existência, também, de aspectos ligados à reprodução de obras de arte para fins de ensino, Arnaldo Bimbe suspeita de que a Plural Editores se tenha baseado no referido princípio. De qualquer modo, mesmo que seja assim, “é preciso estar atento a um aspecto – é necessário que se indique a fonte. Se não se fizer a menção do nome do autor, então, viola-se a lei”.

Por isso, “na minha interpretação, neste processo, houve uma violação dos Direitos do Autor. O artista pode recorrer a quem de direito para exigir que seja reposta a justiça, porque a editora não seguiu os orientações básicas dos Direitos do Autor”.

“Há agravantes”, Jaime Guambe

Por sua vez, o secretário-geral da Sociedade Moçambicana de Autores (SOMAS), Jaime Guambe, considera que a lei preconiza que para qualquer alteração ou utilização de uma obra de arte há necessidade de uma autorização do seu autor. Só o artista é que pode permitir a adaptação ou publicação da sua criação. Se não for por sua via, a permissão pode ser feita por intermédio da instituição que o representa como, por exemplo, um advogado ou a SOMAS.

Portanto, “está claro que houve violação dos direitos autorais. O que se pode negociar é a forma de compensação que é pecuniária. Ele, na qualidade de autor, podia ter exigido isso – é legítimo”.

É que “a menção do nome do autor de uma obra arte – sempre que for utilizada – é um direito inalienável. Trata-se de um direito que não prescreve. É eterno. Então, estamos diante de um caso de violação dos Direitos do Autor no sentido de que não houve autorização para a utilização da imagem da obra. Temos ainda uma situação que agrava a infracção – o facto de a fotografia aparecer amputada”.

Refira-se que a violação dos Direitos do Autor implica dois tipos de sanção – as cíveis “que visam o ressarcimento dos danos (em dinheiro), incluindo a parte criminal em que se alistam o crime de usurpação e a contrafacção”, explica Gwambe que acrescenta que “o desconhecimento da lei não exime o infractor da responsabilidade civil e criminal. O ofendido tem o direito de ser ressarcido”.



Plateia

O Cinema africano retorna a Moçambique...

Na noite de quinta-feira, 11 de Abril, no Teatro Avenida, a cidade de Maputo acolhe o início da Primeira Semana de Cinema Africano. “Há mais de 20/25 anos que os moçambicanos não assistem ao cinema africano”, comenta o director do festival, João Ribeiro, acrescentando que “esta é uma oportunidade única para ‘se ver’ as histórias africanas”. Na área da ficção, a nova longa-metragem de Licínio Azevedo, *Virgem Margarida*, é o filme de estreia.

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Redacção



Agindo contra uma estrutura sociopolítica e económica que pouco favorece a realização de eventos desta natureza, no país, uma equipa de vários actores da área cultural (constituída por João Ribeiro, Üte Fendler, Diana Manhiça, Magda Burity, Mickey Fonseca, Miguel Prista, Quito Tembe e Iva Portugal) decidiu realizar, entre os dias 11 e 18 de Abril, a Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo.

A iniciativa, que cruza documentários de ficção (em diversos géneros) de realizadores oriundos de países de África – como, por exemplo, África do Sul, Burkina Faso, Camarões, Congo, Costa de Marfim, Mali, Mauritânia, Moçambique, Senegal e Zimbábue – tem em vista fazer com que estes sejam distribuídos em algumas salas alternativas para a sua exibição.

Com a excepção do filme a ser visto no dia 11, *Virgem Margarida*, – reservado a convidados – todos os outros terão poderão ser visionados de forma gratuita, em salas como: o Teatro Avenida, o Auditório da Televisão Independente de Moçambique (TIM), o Instituto Nacional do Cinema e Audiovisual (INAC), o Auditório do Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM), incluindo o Auditório da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (FLCS/UEM).

Um festival que se impõe como um argumento

Além do facto de o acesso aos espaços em que a Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo terá lugar ser gratuito, os organizadores da iniciativa não poupam esforços para revelarem outros argumentos da importância da realização.

“A última mostra do cinema africano feita com uma grande dimensão, na área de longa-metragem de ficção, aconteceu há mais de 20/25 anos em Moçambique”, começa por dizer João Ribeiro, o director da iniciativa.

O outro aspecto é que os filmes seleccionados por Üte Fendler – da Universidade de Bayreuth, na Alemanha, na qualidade de curadora do festival – para a mostra, incluem vários géneros cinematográficos. Há comédias, *thrillers* políticos, drama psicológico e filosófico, terror, romances e ficção científica. No entanto, refira-se, a diferença não é só esta abundância de tipos de filmes.

A alternatividade da Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo tem a ver com a origem dessa produção cinematográfica, incluindo os conteúdos desenvolvidos.

Ou seja, “notamos que uma coisa é fazer um filme de amor, ou uma comédia, mas outra é realizar o mesmo nos géneros referidos, no contexto africano. A partir daí, as temáticas, os símbolos e a nossa relação com os mesmos tornam-se diferentes. É aí onde se encontra uma alternativa para o consumo destes produtos cinematográficos – porque este tipo de obras não é oferecido nas salas de cinema comercial/convencional”, explica Ribeiro.

Para João Ribeiro, o realizador de *O Último Voo do Flamingo*, “o nosso quotidiano, em Maputo – onde as salas de cinema convencional são muito poucas e, invariavelmente, projectando filmes que lhes dão algum retorno financeiro – é ilustrativo para se perceber a relevância de iniciativas como a Semana de Cinema Africano de Maputo”. Ou seja, “trata-se de um evento que permite a atracção de alguma atenção da Imprensa e daqueles que podem mudar algo na legislação cinematográfica nacional”.

Uma reclamação oportuna

Se é verdade que a Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo foi criada para que haja a projecção do cinema no país, para que os filmes sejam vistos, não é menos verdade que (na mesma proporção) se geram oportunidades de diálogo e discussão em volta dessa produção cinematográfica, dos problemas, das dificuldades, dos desafios e oportunidades que daí surgem.

Por isso, nesse campo, João Ribeiro lamenta o facto de que “não há, em Moçambique, nenhuma lei para a área do Cinema, da Rádio e da Televisão. O que há é uma norma antiquíssima criada um pouco depois da independência nacional – por isso já desajustada da realidade actual, mas que regula todas as três áreas”.

Então, essa “realidade precisa de ser revista. Só a partir da criação destes espaços – que geram alguma discussão – é que se pode falar para que alguém nos possa ouvir. Sem iniciativas concretas, todos falamos mas não chegamos a lado nenhum porque não temos a atenção das pessoas que fazem a Imprensa e das que a consomem”.

Virgem Margarida

Referindo-se à *Virgem Margarida*, obra a que o estimado leitor terá a oportunidade de assistir – no âmbito da Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo – o conceituado realizador moçambicano, Licínio Azevedo, que outrora realizou *O Tempo dos Leopards*, explica:

“Uma vez, o Ricardo Rangel mostrou-me uma fotografia, tirada no pós-independência, de uma prostituta a ser escoltada por dois militares. Inspirado por essa imagem, eu fiz um documentário, muito clássico, com entrevistas a mulheres, prostitutas e militares, que estiveram nesses centros de reeducação. Foi durante essa entrevistas que muitas me falaram da Margarida, uma camponesa adolescente,

que estando no lufar errado à hora errada acabou por morrer tragicamente. Como se tratava de uma história de alguém que já não está vivo, decidi fazer uma ficção”.

Durante 2012, o filme foi rodado nalguns festivais de cinema na Europa e na América, onde foi favoravelmente criticado. Até então, Virgem Margarida foi nomeado em sete categorias pela Africa Academy Movie Awards de 2013, na Nigéria. No entanto, apesar dos anteriores *feedbacks* positivos recebidos pelo realizador, tais nomeações não deixam de constituir uma surpresa. Mas “agora, mais do que a análise do júri, o mais importante para mim é que o filme seja visto por mais gente”, afirma Licínio Azevedo.

Na verdade, *Virgem Margarida* é uma tragédia humana – totalmente ficcional – que se baseia em factos reais. Na explicação do realizador, “está-se diante de uma história que poderia ter acontecido em qualquer outro país do mundo, em determinado período histórico. Mas ela é inspirada em personagens moçambicanas, em factos que ocorreram no país e, ainda que o filme seja de uma co-produção internacional, Moçambique possui um peso muito maior. Todos os actores são locais e grande parte da equipa técnica também”.

Um ponto de encontro

Durante a Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo, todas as noites, o Modaskavalu – um espaço anexo ao Teatro Avenida – irá acolher eventos de música e muita diversão. É aí onde começa a materialização do papel do promotor de eventos culturais, Quito Tembe, que se associa ao festival.

Segundo o nosso interlocutor, saiba que “a minha missão é desenvolver um programa de eventos paralelos à Semana de Cinema. Uma das ofertas que eu sinto que tem faltado em muitos festivais culturais, não só em Moçambique, são os pontos de encontro”. Por isso, “eu envolvo-me nesta iniciativa com a tarefa de criar um ponto de encontro, em que realizadores, jornalistas, amantes do cinema, incluindo outros públicos, se possam encontrar a fim de interagir e trocar experiências num espaço que não será, necessariamente, a sala de cinema”.

Quito Tembe explica que “iremos criar um programa de animação que irá acrescentar valor à Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo, através de outras expressões de arte com enfoque para a música, a dança e outras composições artísticas que irão acontecer em seguida às projecções dos filmes no Teatro Avenida”.

A primeira iniciativa será a realização de uma mostra fotográfica do fotógrafo moçambicano Funcho, no Teatro Avenida. Ainda no âmbito da Semana do Cinema Africano, serão realizadas exposições dirigidas a estudantes – com a presença da curadora do festival Üte Fendler e do professor Miguel Prista – na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Azymir Chiluteque: “Ainda temos défices no culto das artes”



O artista plástico moçambicano, Azymir Chiluteque, dedica-se às artes visuais há quarenta anos. Por isso a sua afirmação, de acordo com a qual “nós, os moçambicanos, ainda temos uma lacuna no culto das artes” tem o seu fundamento. As quatro décadas de produção artística foram, também, uma oposição ao desinteresse dos (potenciais) consumidores em relação aos produtos culturais.

Texto: Redacção/Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguze



No princípio da sua carreira, Azymir Chiluteque (o homem que explora o pincel e a paleta de cores para ilustrar os seus sentimentos e a sua percepção sobre o mundo) criava obras de arte por puro prazer. Tratava-se de uma aventura. Algum tempo depois, começou a perceber que as suas mãos denotavam uma habilidade rara. Geravam criações que contribuíam para a narrativa da história de Moçambique, com enfoque para a luta da libertação nacional e a conquista da independência.

Nessa altura as suas ideias eram expressas através da batique, uma descoberta que o moveu a atrair muitos jovens artistas. A propaganda da/para a independência nacional, o quotidiano das pessoas naquele Moçambique novo, as suas dificuldades e anseios, as derrotas e as conquistas do povo são os seus principais temas de discussão na pintura.

Foi assim que, a par de todo o aspecto da expressão nacionalista contido nas suas obras, as artes plásticas se tornam uma actividade de renda para Azymir Chiluteque. No entanto, nem a luta pela conservação da simbologia cultural da nossa moçambicanidade – que o artista realiza na sua produção – obsta o desinteresse das populações no seu consumo. A partir daí começa a desilusão do criador.

Onde tudo começou

Azymir Chiluteque é natural de Maputo. Nasceu em 1963. Desde 1969 vive no bairro do Aeroporto – onde também nasceram/viveram célebres artistas plásticos moçambicanos como, por exemplo, Malangatana, Shikane e Nagueibe.

Na escola, Chiluteque sempre teve dificuldades em expressar-se perante os seus professores. Por isso, para si, a criação artística era uma forma de comunicação. Uma maneira de pronunciar mensagens que – com as palavras – não conseguia.

Aliás, não é obra do acaso que, para si, as artes plásticas constituam um instrumento vital para o resgate dos valores do humanismo, da valorização de manifestações artístico-culturais nacionais, da denúncia dos problemas sociais enfrentados pelos moçambicanos. Por isso, na pintura, o seu maior empenho expressa-se pelo uso das artes plásticas para a sublimação da moçambicanidade, através do resgate e promoção dos seus valores socioculturais.

A partir de 1972 (altura em que vivia na cidade da Beira, onde ao lado do malogrado artista plástico Shikane), Azymir Chiluteque aperfeiçoa a sua actividade na pintura, explorando temas subjectivos. No mesmo ano, o artista pinta nas paredes e placas publicitárias das artérias da urbe.

Foi em resultado disso que – ampliando a sua esfera de acção e representação – a partir de 1976, Chiluteque associa na sua pintura uma propaganda nacionalista da divulgação dos valores sociais, culturais, políticos e económicos do novo estado-nação. No ano seguinte trabalha ao lado do mestre Malangatana, no Museu Nacional de Arte, produzindo obras que lhe valeram um Diploma de Honra atribuído pelo Ministério da Agricultura.

Em 1978, Azymir Chiluteque realizou exposições de arte em países como, por exemplo, a Alemanha, a União Soviética e o Zimbábue. Mas antes realizara, em Moçambique, três exposições individuais importantes, nomeadamente, A Descoberta em 1983, 25 de Setembro em 1984 e Mbuzine de Samora em 1995.

O artista explora a arte como um instrumento que garante a exaltação do humanismo e a importância da cultura na vida do povo moçambicano, acompanhando as transformações sociais operadas ao longo dos anos. A dimensão dos seus pensamentos na tela induziu muitos jovens – nas/das cidades de Maputo e Matola – a enveredar pelos seus trilhos.

A dada altura, o artista decide criar uma oficina de criação artística na sua casa. O feito configura-se como o ponto mais alto da materialização dos seus anseios – transmitir os seus conhecimentos aos mais jovens. Difunde, entre eles, uma arte ao serviço do combate à pobreza, às doenças endémicas e à consolidação da auto-estima, enaltecendo a heroicidade dos moçambicanos.

“Arte não é apenas uma ilusão. É uma viagem rumo à concretização dos sonhos – através do uso da tela, da tinta de óleo, do acrílico, da aquarela, da tinta-da-china, do papel – buscando-se respostas para das inquietações da sociedade, ao mesmo tempo que se faz o retrato do quotidiano da população”, afirma Azymir.

Viver de/para a arte

Quando Azymir Chiluteque começou a envolver-se nas artes, poucos indícios havia de que tal seria o ofício da sua sobrevivência. Nos dias que correm, este pintor depende do trabalho artístico. É com recurso a ele que satisfaz as suas necessidades e dos seus próximos.

Partindo do princípio de que, neste momento, o Governo, os empresários e a comunidade local não valorizam – de nenhuma forma – a produção artística, ele considera que procurar viver de arte em Moçambique é uma utopia. “Ninguém valoriza o esforço dos embaixadores da cultura moçambicana no país”.

Para si, aqui, falta tudo – políticas para o seu incentivo e mecanismos de financiamento para a sua dinamização – para o desenvolvimento artístico.

O artista afirma ainda que se fica com a impressão de que as pessoas que têm o poder decisório nas actividades culturais agem como se não tivessem o domínio do sector em que trabalham. “É em resultado disso que a população valoriza mais a cultura estrangeira, em detrimento dos traços culturais nacionais, porque não nos compreendem”, desabafa.

No seu entender, é esse o contexto que impede que a produção cultural nacional, com enfoque para as artes plásticas, “invada” e se imponha nos mercados internacionais. “Há muita qualidade nos produtos da nossa indústria cultural, mas há necessidade de lapidar os artistas para adequar a nossa realidade às exigências da evolução tecnológica que se registam no mundo contemporâneo”.

Azagaia: “Nada pode ser mais alto que a defesa dos direitos humanos”



Enquanto o Governo, através da ministra da Justiça, Benvinda Levy, considera que em Moçambique “os direitos humanos podem ser postos de lado para defender os interesses altos do Estado”, no seu novo single – Música de Intervenção Rápida (MIR), recém-publicado – o conceituado rapper moçambicano, Edson da Luz (Azagaia), mais do que rebelar-se contra esta posição e realidade, “agita” os moçambicanos para o exercício da cidadania. Para si, “nada pode ser muito mais alto do que a preservação dos direitos humanos”. Então, quem de forma contrária pensa, “está a dar tiros a si próprio”...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Arquivo

Na Música de Intervenção Rápida, logo, o músico e rapper Edson da Luz reage contra o facto de a Força de Intervenção Rápida (FIR) ter agredido os desmobilizados de guerra que iam fazer a manifestação – nas proximidades do Gabinete do Primeiro-Ministro, em Maputo, com o objectivo de reclamar o direito às suas pensões.

“Reagi contra um acontecimento que me desagradou. Agastou-me a reacção da Polícia, bem como o posicionamento dos órgãos governamentais a favor dessa prática. É que para o Governo não bastou o facto de a Polícia ter sido violenta. A ministra da Justiça – no seu posicionamento – legitimou essa violência. Isso chocou-me muito”, comenta o artista que acrescenta que “houve uma confirmação de que – fazendo a violência contra as pessoas – o Governo agiu da forma correcta, o que não é verdade, para dizer que das próximas vezes, se a situação se repetir, o Estado voltará a agir da mesma maneira. Então isso arrepiou-me”.



Num outro desenvolvimento, Edson da Luz explica que “se promoveram actos de violência que, mais adiante, foram defendidos”. Por esta razão, “eu penso que isso – num país que oficialmente defende os direitos humanos – não possui nenhum enquadramento”.

Há muitos aspectos que se levantam na música que – dizem respeito à posição da ministra da Justiça – não se entendem. Na próxima semana, o @Verdade irá publicar uma entrevista que lhe foi concedida, em exclusivo, pelo artista. Para já, assista ao vídeo, baixe-o e acompanhe a letra da música no seguinte link:



<http://www.youtube.com/watch?v=IGf3V7NFWK4&feature=share>

Isabel Novella: Uma cantora que cintila

A cantora moçambicana, Isabel Novella, será uma das participantes na Atlantic Music Expo. O evento terá lugar no dia 10 de Abril, na cidade da Praia, em Cabo Verde. Antes de partir, a artista revelou-nos o seguinte: "Estou a elevar a cultura moçambicana", mas o seu desafio é chegar à Womex...

Texto: Redacção • Foto: Isabel Novella

Mais uma vez, a música moçambicana – através da jovem compositora e intérprete, Isabel Novella – irá atravessar fronteiras. O destino, desta vez, é a terra da diva dos pés descalços. A compositora moçambicana vai expor as suas obras na Atlantic Music Expo, na cidade da Praia, em Cabo Verde. O evento acontecerá no dia 10 de Abril.

Para Isabel, que pela primeira vez cantará em Cabo Verde, estarna terra de Cesária Évora possui um sentido especial. No entanto, nem por isso, a artista se distrai dos seu objectivo – trabalhar. Afinal, lá, estarão os promotores de espectáculos de várias partes do mundo, incluindo o pessoal da World Music Expo – Womex. Acompanhe a conversa.

@Verdade: Em que contexto se enquadra este convite?

Isabel Novella (IN): O convite surgiu no âmbito do trabalho que o meu manager tem realizado para a divulgação e promoção da minha música. Então, a Atlantic Music é uma grande feira de música onde se encontram promotores de música, músicos e bandas vindos de diversas partes do mundo, incluindo dos países do Oceano Atlântico.

O meu manager entrou em contacto com o promotor desta expo, passou-lhe o meu material, ele gostou e surgiu assim a possibilidade de eu expor as minhas músicas na Atlantic Music Expo que decorre em Cabo-Verde.

@Verdade: Esta será a primeira vez que irá actuar em Cabo-Verde?

IN: Sim! Nunca havia participado numa Expo Musical antes. Das vezes que fui, o objectivo era assistir apenas. Desta vez, farei a exposição do meu trabalho perante os produtores e promotores de eventos culturais. Depois da Atlantic Music Expo, no dia 12, será realizado um festival. Mas, antes disso, os promotores estarão lá durante uma semana a avaliar os novos produtos musicais em exibição.

Na verdade, trata-se de um espaço em que se faz a venda dos produtos culturais para os promotores de festivais internacionais. Se estas personalidades do mundo cultural se interessarem pelas obras expostas, eles convidam os artistas a participar em eventos do ramo.

@Verdade: Quais é que são as suas expectativas?

IN: Pelo que estive a ler, incluindo as informações que me foram facultadas pelo meu manager, pude constatar que se trata de uma feira muito grande que irá envolver o pessoal da Womex – a maior plataforma de exposição da música do mundo – por isso, as minhas expectativas são grandes.

Logo que me falaram sobre a possibilidade de participar na Atlantic Music Expo, comecei a preparar-me. Já selecionei as músicas que vou expor e estou a ensaiar para que me chamem para outros festivais.

Além do mais, o meu primeiro trabalho discográfico – que está disponível na Internet – será publicado em Abril em formato físico. Por isso, penso que esta obra também é um produto que pode ser oferecido aos promotores. Vou unir o útil ao agradável, em Cabo-Verde.

@Verdade: Quando é que o disco será disponibilizado ao grande público?

IN: Estamos em processo de negociação com a parte moçambicana, porque também queremos fazer a sua distribuição no país. A partir do dia 1 de Abril o disco estará disponível no mercado. Antes de mais, há necessidade de avaliar os mecanismos para transportar o mesmo para cá. Mas até a segunda semana de Abril a obra estará à venda em Maputo.

Ainda não se conhece a minha música

@Verdade: Isabel Novella é uma cantora que tem tido a oportunidade de expor os seus produtos na Europa, um pouco em África e, como disse, desta vez actuará em Cabo Verde. Qual é a estratégia para esta focalização no mercado internacional?

IN: Um dos principais objectivos do meu trabalho é elevar o nome de Moçambique e da nossa cultura no mundo. Então, estou a aproveitar as oportunidades de que disponho para o efeito. Quando eu saio carregado comigo o nome de Moçambique para o destino. Nisso aproveito fazer a divulgação dos trabalhos que são feitos cá, a nossa cultura e os talentos.

Na verdade, eu gostaria de ter a oportunidade de fazer com que a minha música fosse mais conhecida em Moçambique. Muitas vezes, nós actuamos mais na cidade de Maputo.

@Verdade: Porque é que são poucos os seus concertos em Maputo?

IN: Há vários factores que justificam a situação. O primeiro é que não temos muitas casas de pasto. Ainda não temos um calendário de festivais regulares.

Por exemplo, eu sei que agora existe o festival Azgo que acontece em Maio e o Umoja. Mas, geralmente, tem sido muito difícil que o cantor saiba quando é que haverá eventos musicais em Moçambique. Não temos essa programação. É muito importante que se difunda uma informação sobre como é que o cantor deve proceder para participar num festival de cultura.

Se houvesse um calendário anual de espectáculos seria muito fácil não só para mim, mas também para muitos artistas saberem como expor os seus trabalhos.

Penso que não fiz muitos concertos porque ainda estava a gravar o disco. É sempre bom que se vá ao palco com algo para oferecer. As pessoas exigem isso. No ano passado dediquei tempo para promover o meu nome na África do Sul, onde o disco foi gravado.

Na terra de Cesária Évora

@Verdade: Quantas faixas musicais possui o disco? Há alguns artistas convidados a participar em algumas músicas?

IN: O disco tem 12 músicas e tenho a participação de dois artistas sul-africanos, em igual número de faixas. Também regreivei a música de José Barata, sobre a beleza da mulher moçambicana, como forma de buscar o que há de bom na nossa arte, e mostrar ao mundo. É importante que se actue nesse sentido.

@Verdade: Esse conjunto de acontecimentos acresce valor ao seu ano de actividades. Quer comentar sobre isso? Como está planeado o 2013 sob o ponto de vista de trabalho?

IN: Agora, como já temos o disco, é fácil organizar as actividades. Mas, desde o ano passado, estou a fazer contactos para a sua promoção. Trata-se de um trabalho difícil de fazer enquanto não se tiver o produto. Neste ano estaremos ocupados a desenvolver acções da sua divulgação e venda, incluindo a realização de acções com vista à participação em festivais de 2014.

@Verdade: Para si, que sentido tem actuar em Cabo-Verde?

IN: É a casa de Cesária Évora. Sempre ouvi falar de Cabo Verde, do seu nome, mas nunca me imaginei lá. Gosto muito de Cármen de Sousa que é uma cantora cabo-verdiana cujas músicas aprecio. Por isso, tenho investigado um pouco sobre a música, os lugares e o povo daquela parcela de África. Quando me apareceu esta oportunidade fiquei muito feliz. Vou aprender um pouco sobre a sua cultura. Também espero ensinar um pouco sobre o que se faz em Moçambique na área musical.

Xiquitsi: “Queremos fazer história em Moçambique”

A Associação para o Desenvolvimento Cultural (Kulungwane) procedeu, na noite de 26 de Março, num evento decorrido no Conselho Municipal de Maputo, à divulgação do projecto Xiquitsi que engloba a Temporada de Música Clássica e a Formação de Orquestras e Coros de Moçambique.

Texto: Redacção

Na capital moçambicana, a Associação para o Desenvolvimento Cultural (Kulungwane) é conhecida como a instituição que realiza o Festival Internacional de Música. Nos últimos anos, de acordo com a organização, a iniciativa tem gerado um grande interesse por parte do público.

É nesse sentido que se cria o projecto Xiquitsi que pretende desenvolver de forma complementar e, em simultâneo, a Temporada de Música Clássica de Maputo e a Formação de Orquestras e Coros de Moçambique.

Trata-se, na verdade, de um programa de actividades musicais mais abrangente criado a fim de inovar e progredir na capacidade de interagir com o público, com enfoque para a juventude, criando, assim, potencial humano, à escala nacional, para a exploração da música clássica. A iniciava, que já está em implementação, foi apresentada no dia 26 de Março, a um público restrito, com a presença dos alunos que constituem a orquestra.

Refira-se que a primeira a Temporada de Música Clássica de Maputo será realizada, três vezes por ano, entre Maio, Agosto e Outubro. Espera-se que os referidos programas – constituídos, essencialmente, por concertos envolvendo músicos nacionais e estrangeiros – proporcionem ao público eventos de alta qualidade.

Por sua vez, a Formação de Orquestras e Coros de Moçambique – o segundo programa – visa promover a integração e a inserção social da primeira Orquestra Juvenil de Música Clássica, em formação, bem como a sua capacitação profissional por intermédio de um ensino colectivo de música.

É por essa razão que os dinamizadores do projecto Xiquitsi explicam que “esta iniciativa representa uma possibilidade de mudança na vida de jovens e crianças que, através da prática colectiva de música, adquirem ferramentas essenciais para o desenvolvimento pleno das suas capacidades”.

Refira-se que a formação desta orquestra será baseada em experiências comprovadas como, por exemplo, “El sistema” na Venezuela, onde o projecto existe há 38 anos e que actualmente possui mais de 350 mil jovens e crianças e cerca de 290 orquestras em todo o país.

Outro exemplo, bem-sucedido, é o “Neojibá”, do Brasil, onde a iniciativa criada há cinco anos formou mais de 210 jovens e crianças entre nove e 29 anos. Possui ainda três orquestras que já contam com 240 apresentações.

De acordo com o planeado, em 2013 o projecto Xiquitsi vai realizar, durante a Temporada da Música Clássica de Maputo, 20 concertos com mais de 30 músicos. As oficinas organizadas com os artistas vão beneficiar 150 participantes.

É dentro deste quadro contextual que a oboísta moçambicana, Eldevina Materula – que assume a direcção artística do projecto – acredita que “além de formar personalidades, modificar o futuro das crianças envolvidas, gerar uma possibilidade de carreira internacional para elas, com o Xiquitsi queremos fazer história na música clássica em Moçambique”.

Segunda a Sábado às 20h45 – FLOR DO CARIBE



Ester tenta conversar com Alberto, mas o empresário prefere não confrontá-la. Cristal oferece dinheiro para ajudar Cassiano e Duque. Ester se emociona ao se recordar de Cassiano. Natália conhece Juliano. Cassiano e Duque resolvem pegar um ônibus para ir até o navio mercante que os levará para o Brasil. Ariana some e Candinho se desespera. Cassiano e Duque embarcam no navio mercante. Alberto pede perdão a Ester. Duque diz a Cassiano que está preocupado com Amaralina. Cassiano e Duque são surpreendidos com a presença de Amaralina no navio. Amaralina avisa a Duque e Cassiano sobre a presença

do avô no Brasil, e resolve dividir a cabine do navio com eles. Juliano leva um peixe para Natália. Ester discute com Dionísio por ele não aceitar que William brinque com seus bisnetos. Alberto manda Hélio se entender com o sindicato dos mineiros que foram demitidos. Taís tenta convencer Ester a esquecer Cassiano. Quirino pede satisfações a Dionísio sobre o modo como ele tratou William. Quirino pede demissão. Chico deixa a família impaciente ao afirmar que Cassiano voltará. Candinho viaja em busca de Ariana. O navio onde está Cassiano, Duque e Amaralina chega ao Brasil.

Segunda a Sábado às 21h45 – GUERRA DOS SEXOS



Frô avista Kiko e não o reconhece. Manoela e Ciça convidam Fábio para jantar. Nieta percebe que Carolina tem vergonha dela. Ciça pede para Fábio ficar com Manoela. Felipe vai à festa de noivado de Juliana. Fábio fala para Manoela que gosta de tê-la como amiga. Dalete aconselha Kiko a desprezar Frô. Charlô confessa estar encantada por Dominginhos. Nando reclama por Juliana implicar com Roberta. Felipe chega à festa e deixa Carolina furiosa. Dominginhos vê Olivia e Zenon prepararem uma bebida para ele. Felipe se enfurece ao ver Nando, e Roberta tenta contê-lo. Dominginhos não consegue trocar a taça que está com Olivia. Roberta sai com Felipe da festa. Juliana e

Nando discutem sobre o local onde passarão a noite. Zenon entrega a Dominginhos a taça preparada para ele. Nando não aceita morar no apartamento de Juliana. Dominginhos consegue trocar sua taça. Roberta leva Felipe para dançar. Nando chega à casa de Ulisses e se surpreende ao encontrar Analú. Dominginhos finge estar tonto e Zenon, Charlô e Olivia o observam. Roberta deixa Felipe em casa. Nando chega ao apartamento de Juliana e os dois fazem as pazes. Dino recebe o resultado da perícia feita no spray. Roberta desconfia de que os diamantes estejam na boneca russa. Dino pressiona Carolina para saber se foi ela quem sabotou o desfile de Roberta.

Segunda a Sábado às 22h15 – SALVE JORGE



Sarila invade as casas dos vizinhos à procura do neto. Zyah e Bianca se declaram um para o outro. Amanda se enfurece com a presença de Antonia no casamento de Aida. Helô percebe a tensão de Livia ao falar de Théo. Lucimar fala para Morena que Wanda está no Rio de Janeiro. Amanda entrega a Aida o pendrive que recebeu de Yolanda. Livia vai à casa de Théo e ele se recusa a falar com ela. Mustafa descobre que o filho de Demir foi raptado e percebe o recado de Russo. Sarila ofende Bianca e Zyah tenta defendê-la. Mustafa conversa com Russo. Carlos procura o pendrive no quarto de Aida. Celso ofende Antonia na frente de Raissa. Morena chega de noite ao Alemão para ver Junior. Lurdinha comenta com Sheila que Vanúbia foi chama-

da para dançar fora do Brasil. O bebê de Tamar volta misteriosamente para casa e todos comemoram. Théo procura Livia. Théo pede para Livia nunca mais procurá-lo. Livia diz a Stenio que foi agredida por Théo e o denuncia. Helô questiona Théo sobre seu envolvimento com Livia. Rosângela marca encontro com Vanúbia. Érica e Áurea recebem a intimação para Théo. Barros avisa a Morena que ela se encontrará com Théo. Creusa mente para não deixar Drika falar com Helô e Stenio. Mustafa estranha a presença de Bianca no restaurante de Cyla. Sarila encontra algo na manta de seu neto e fica intrigada. Théo não consegue contar para Érica que esteve com Livia e decide dormir no regimento. Morena e Théo se encontram.

18H
10H ou 14H
10H e 16H
16H
20H

TEATRO AVENIDA TA
AUDITÓRIO 1502 DA FLCS FLCS
CENTRO CULTURAL FRANCO-MOÇAMBICANO CCFM
INSTITUTO NACIONAL DE AUDIOVISUAL E CINEMA INAC
AUDITÓRIO DA TIM TIM

	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
FILMES	12	13	14	15	16	17	18
HOMEM NO CHÃO							
LES SAIGNANTES							
VIVA RIVA!							
O ÚLTIMO VÔO DO FLAMINGO							
HOJE							
UMA MULHER INVULGAR							
MASSA CINZENTA							
EM NOME DE CRISTO							
GUIMBA							
SARRADUNIA							
VENTO							
KEITA! A HERANÇA DOS GRIOTS							
BUUD YAAM							

PROGRAMA PRINCIPAL

PROGRAMA CLÁSSICOS

MAPUTO AFRICAN FILM WEEK

1ª SEMANA DE CINEMA AFRICANO DE MAPUTO - ABRIL 2013

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...



Na tribo indiana de Bhil, é um crime de morte trazer nos braços um bebê.

Depois que, em certa ocasião, uma criada do grande chefe deixou cair um filho deste e a criança morreu, os componentes daquela tribo usam um espécie de liteira (algo como um veículo sem rodas, suspenso por varais, que era movido por bestas que se posicionavam uma atrás da outra) para conduzir os bebês.

Um médico dum hospital do Estado de Maine, nos Estados Unidos, observou um doente, diagnosticou “uma dor no pescoço” e escreveu-o no seu certificado.

O Departamento de Saúde, porém, recusou o diagnóstico por desejar algo “mais profissional”. Assim, os registos oficiais tiveram de alterar o certificado, que ficou rectificado para “torcicolo”, nome médico dado ao mal.

As marcas da varíola são tatuadas nas caras das crianças da China do Norte para espantar os maus espíritos, fazendo-lhes crer que por esses petizes já passou a doença.

Quando Madame Alice Noder, de Longbeach (Califórnia), foi detida, sob a acusação de falsificadora de cheques, julgaram de princípio tratar-se, simplesmente, duma mulher escroque. Pertenceria a uma quadrilha de falsificadores com ramificações nos três estados da Califórnia, do Arkansas e Oregon?

O inquérito reservava uma surpresa aos investigadores.

“Tudo o que eu fiz, foi por rancor ao álcool”, afirmou Madame Noder.

Apurou-se, com efeito, mais tarde, que com todo o dinheiro que lhe davam os seus cheques falsos comprava garrafas de whisky, que partia à saída da loja para derramar o seu conteúdo no rio.

PENSAMENTOS...



- Bom e mau ao ouvido vai.
- Não é a dormir que se alcançam vitórias.
- O dente ri-se para o inimigo e para o parente.
- Deixa que comer, não deixes que fazer.
- Mútuos perigos, mútua defesa.
- Não andes com a cobra ao redor depois de a matares. As do buraco estão a ver-te.
- Se queres saber um segredo não perguntes por ele.
- Não ensines o peixe a nadar.
- Não digas tudo o que sabes de uma só vez.
- Não assanhes a sarna coçando.
- Não laves a panela antes de haver carne.

SAIBA QUE...



O espiritismo, mais do que uma religião, baseia-se na crença da sobrevivência das almas e na possibilidade de que, através dos chamados médiuns, elas estabeleçam contacto com os vivos, transmitindo-lhes conhecimentos que lhes permitam aperfeiçoar-se moralmente.

As tentativas de comunicação com os mortos datam da mais remota antiguidade, mas foi só na segunda metade do século XIX que o espiritismo foi estruturado em termos teóricos.

Deve-se essa codificação ao trabalho de diversos estudiosos dos fenómenos sobrenaturais, entre os quais Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Charles Richet, Frederick Muers e, principalmente, Léon Hippolyte Denizard Rivail (1804-1869) que, sob o pseudónimo de Allan Kardec, formulou os princípios essenciais da doutrina.

Possuidor de vasta cultura, Hippolyte Rivail exerceu, sucessivamente, aos cargos de professor de matemática, física, química, astronomia e fisiologia.

Atraído pela publicidade em torno de estranhos fenómenos paranormais ocorridos com as irmãs Fox, em Março de 1848, em Hydesville, Estados Unidos, ele estudou-os cuidadosamente, chegando à conclusão de não eram mero charlatanismo. Prosseguindo nas suas pesquisas, convenceu-se da possibilidade de comunicação com os mortos. Em Livros dos Espíritos (1857), que assinou como Kardec, formulou as leis básicas do espiritismo. Em diversos ensaios posteriores, de que os mais conhecidos são O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo, ampliou e divulgou a sua doutrina. Fundou também a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos e a Revue Spirite.

São postulados fundamentais do espiritismo: a existência de Deus como inteligência cósmica, criadora do Universo e de quem depende o seu equilíbrio; a existência da alma, que se acredita estar envolvida num corpo espiritual (o perispírito) que, a após a morte, conserva a lembrança de todas as experiências terrenas; a crença na metempsicose – ou reencarnação –, através da qual os espíritos vão evoluindo gradativamente no plano intelectual e moral, redimindo-se dos erros cometidos em vida; e a lei do Karma, que determina os destinos sucessivos do espírito, de acordo com os actos que praticou nas suas existências terrestres. Essa concepção da condição humana estipula, portanto, que cada indivíduo é responsável, diante da sua consciência, pelo rumo que imprimirá aos seus destinos futuros. O ciclo evolutivo espírita supõe, ainda, o acesso a um grau de aperfeiçoamento que torne desnecessária a reencarnação, facultando à alma a bem-aventurança na eternidade.

RIR É SAÚDE



Num certo dia, em plena baixa da capital, num famoso café da praça, encontrava-se um conhecido literato a tentar ler o jornal @Verdade. Como se esquecera dos óculos, estendia o braço o mais que podia a ver se conseguia perceber alguma coisa. Um empregado do estabelecimento, ao vê-lo atrapalhado, abeira-se dele e diz:

– Já vejo que o senhor é curto de vista...

– Não senhor – respondeu o homem de letras –, o que sou é curto de braço.

No hospital, o cirurgião explica ao doente que vai ser operado ao apêndice, como se deve proceder, segundo os métodos modernos, para se obter um restabelecimento rápido:

- Algumas horas depois da cirurgia, senta-se na cama. Ao fim da tarde, levanta-se e senta-se na cadeira. À noite, já se pode dar um pequeno passeio pelo quarto. É preciso movimento...
- Ó senhor doutor, ando tão cansado! Ao menos, durante a operação, poderei estar deitado?

HORÓSCOPO - Previsão de 05.04 a 11.04



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: As questões financeiras aconselham a alguma prudência. Evite as despesas desnecessárias e tente ultrapassar este momento com espírito positivo; será a melhor forma de abrir novas e mais favorecidas perspectivas.

Sentimental: Os aspetos de ordem sentimental poderão ser um suporte para ultrapassar este período menos bom. Para que tal suceda, aproxime-se do seu par, abra o seu coração e liberte as suas preocupações.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Questões de ordem financeira não deverão ser motivo para preocupação e poderão ser alvo de grande melhoria. Compromissos por regularizar encontrarão neste período o momento certo para serem resolvidos. Favorecidos os investimentos de baixo risco.

Sentimental: O aspeto amoroso recomenda que seja carinhoso com o seu par. Favorecidos os diálogos que tenham como objetivo um melhor entendimento. Esta é uma semana muito favorecida para os que não têm compromisso poderem iniciar uma relação.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: As suas finanças deverão caracterizar-se pelo equilíbrio e até um certo desafogo que lhe irá permitir algumas despesas em objetos para decoração da sua casa. No entanto, é de salientar que os investimentos não são aconselháveis.

Sentimental: Um relacionamento amoroso intenso com provas dadas por ambas as partes do casal de que amar não é difícil. Os que não estão comprometidos durante este período poderão iniciar uma relação que poderá ser marcante para as suas vidas.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Não se pode dizer que este aspeto o favoreça. Despesas necessárias irão alterar o seu orçamento sendo aconselhável que proceda com a maior precaução.

Sentimental: No amor a tendência é para manter um certo distanciamento do seu par durante todo este período. Esse afastamento só a si lhe compete alterar tendo presente que situações deste género na maioria das vezes acabam mal.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Considerar-se uma semana francamente animadora. Os resultados de trabalhos efetuados anteriormente começarão a beneficiar de entradas de dinheiro que lhe permitirão resolver algumas situações e estabilizar a sua vida económica.

Sentimental: As relações sentimentais dos nativos do Touro serão caracterizadas por uma situação de impasse e indecisão. Liberte-se de algumas preocupações que só lhe dificultam a relação.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As finanças estarão em alta e a oportunidade de crescimento é grande. Bom momento para investimentos e aplicações de capital. Poderá verificar-se uma razoável entrada de dinheiro durante este período.

Sentimental: O aspeto sentimental apresenta um cenário muito positivo e o entendimento com o seu par deverá ser muito agradável tudo dependendo da forma como se relacionar em termos de comunicação. Seja tolerante e compreensivo com as possíveis limitações do seu par.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O dinheiro constituirá um problema que por não ter uma solução imediata aconselha a que se mantenha atento a tudo o que envolva finanças e os seus respectivos movimentos. Seja prudente e não gaste mais do que pode.

Sentimental: Os aspetos de ordem amorosa conhecerão um período de grande aproximação. No entanto, algumas dificuldades em matéria de entendimento poderão levar a situações que caso não sejam bem ponderadas poderão ser causadoras de afastamentos.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Não deverão verificar-se grandes alterações. No entanto, poderão suceder algumas entradas de dinheiro. Mantenha-se atento a oportunidades que poderão ter contornos duvidosos.

Sentimental: No amor tente não ser tão dominador e coarctar também o prazer de se deixar conduzir. Analise de uma forma lúcida as suas reações e abra caminho a novos horizontes.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: A alternarem entre a estabilidade e a preocupação com algumas despesas inesperadas. Não faça investimentos nem aplicações de capital durante toda a semana.

Sentimental: No aspeto amoroso esta semana apresenta-se um pouco turbulento tanto pela positiva como pela negativa. Um bom relacionamento com base na confiança e no diálogo criará situações muito agradáveis. O ciúme poderá criar alguns problemas difíceis de ultrapassar.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Nas finanças tudo o que envolva transações, aplicações de capital, salários e solução de problemas anteriores será beneficiado por um clima extremamente favorável. Aproveite este aspeto durante toda a semana para retirar dele o máximo rendimento.

Sentimental: A vida sentimental atravessa um bom momento e será evidente durante toda a semana. O entendimento com o seu par será bastante intenso. Aqueles que se encontram ainda numa fase inicial da relação verão os seus sentimentos consolidar-se.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: A semana sem sobressaltos e poderá proceder a algumas aquisições para decorar a sua casa. É muito salutar, sempre que possa, renovar o ambiente familiar, de forma a sentir-se mais confortáveis. Poderá proceder a alguns investimentos desde que não sejam exagerados.

Sentimental: Algumas questões deverão ser colocadas de uma forma frontal para evitar problemas originados por falta de diálogo. Caso esclareça este aspeto a união poderá ser bastante agradável.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: As questões que envolvam dinheiro não deverão ser motivo para grande preocupação. Poderá até verificar-se uma melhoria substancial que permitirá a compra de equipamentos necessários para a sua casa.

Sentimental: No amor é um período um pouco turbulento com dúvidas e desconfianças a poderem criar situações de algum melindre. Não se deixe influenciar por terceiros.

Cartoon





20 de Novembro

Vamos todos votar



EMAIL

averdademz@gmail.com



SMS

82 11 11

Envie uma mensagem útil:

Indique-nos onde o problema aconteceu, qual o tipo de problema...

Por exemplo:

ex.

Aqui em Malema estamos a ser impedidos de recensear estão a complicar, com documentos.

Este ano Moçambique será palco das quartas eleições autárquicas na história da sua jovem democracia. 20 de Novembro é a data fixada para o efeito. O recenseamento geral arranca no dia 25 de Maio e termina a 25 de Julho.

@Verdade espera que o leitor que já é Cidadão Repórter denuncie, a partir do seu bairro, localidade, distrito ou província os ilícitos eleitorais. Denuncie os actos que se revestem de carácter partidário mas que visam promover campanhas antecipadas. O uso dos meios do Estado deve ser tornado público e nós contamos com o Cidadão que é a voz que zela pelos seus direitos.

Não deixe que o seu direito de voto seja representado por terceiros. Vote, mas não faça do voto um objecto financeiro, despidendo-o da responsabilidade individual pelo bem ou mal estar da população.

Recenseie-se, para exercer nas urnas o seu dever cívico. O cida-

dão é o responsável, em última análise, pelas lideranças que tiver e o seu voto pode fazer toda a diferença. Portanto, recensear representa o primeiro passo em relação aos líderes que se pretende. Não deixe isso nas mãos dos outros e nem espere pelo último dia. Seja um cidadão e goze dos direitos que a Constituição da República lhe consagra.

Incentive os seus vizinhos, familiares e amigos a recensearem-se para exercerem, na urna, o seu dever.

Não abdique do seu direito de recensear, por suborno, e nem permita que pessoas destituídas de formação profissional qualificada o façam em troca de dinheiro, emprego, capulanas ou qualquer tipo de benefício pessoal. Seja a voz do seu bairro e denuncie todo o tipo de abusos e ilícitos eleitorais.

Recensear é um direito consagrado na Constituição da República.

Envie-nos um SMS para **82 11 11**

Envie-nos um email para **averdademz@gmail.com**

um **twit** para **@verdademz** ou

VOCÊ pode ajudar! Seja um

